



LIVRO II DA TRILOGIA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES

NICOLE WILLIAMS

CLASH

QUANDO CORAÇÕES SE PARTEM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CLASH

NICOLE WILLIAMS

CLASH

QUANDO CORAÇÕES SE PARTEM

Tradução
Débora Isidoro

 **essência**

Copyright © Nicole Williams, 2012
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.
Título original: *Clash*

Preparação: Roberta Pantoja
Revisão: Olívia Tavares e Mariane Genaro
Diagramação: Futura
Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil
Imagens de capa: runzelkorn/Shutterstock
Stephen Orsillo/Shutterstock
Imagens de miolo: Kjpargeter/Shutterstock
NatBasil/Shutterstock
Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Williams, Nicole

Clash: quando corações se partem / Nicole Williams; tradução de Débora Isidoro. - São Paul : Planeta do Brasil, 2018.

ISBN: 978-85-422-1300-3

Título original: Clash

1. Ficção norte-americana 2. Literatura erótica I. Título II. Isidoro, Débora

18-0336

CDD 813.6

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Suspirando, passei as duas mãos no rosto dele.

— Jude Ryder. O que eu faço com você? — perguntei.

Essa era, talvez, a questão para acabar com todas as questões. Nada era fácil no nosso relacionamento. Bom, nada além de nos apaixonarmos perdidamente um pelo outro. Todo o resto era como travar uma batalha subindo uma montanha. A gente nunca sentia que estava progredindo, mas a jornada compensava o pouco território percorrido.

Jude me segurou pelo quadril e me pôs no chão. Depois me virou, e seus dedos soltaram as fitas dos últimos passantes. As mãos mal tocavam a minha pele, mas o “mal tocavam” provocava explosões de calor dentro de mim.

— O que vou fazer com você, Luce? — devolveu ele, com um tom cuidadosamente contido.

Dedicado a todos os queridos fãs, blogueiros de livros e amigos autores que fizeram de Crash o que é e não descansaram até eu dar a Jude e Lucy outro capítulo de sua história. Tenho com todos vocês uma dívida de gratidão que nunca conseguirei pagar.

UM

Sabe o que dizem sobre ser sempre mais escuro antes do amanhecer? Pois eu vivi cinco anos na escuridão. Cumpri meu tempo, um tempo difícil, e agora estou definitivamente afastada de todas as coisas escuras. Estava pronta para o meu amanhecer e, enquanto dançava no palco, percebi que por fim vivia meu amanhecer.

Não me permitia pensar nas mil pessoas a que me assistiam. Chegando ao difícil final, eu dançava para uma pessoa apenas. As luzes que não me deixavam ver a plateia, a pressão da apresentação me fazendo continuar, o defeito do figurino que ameaçava abrir a qualquer momento... Eu ignorava tudo isso e dançava para ele.

Quando executei o último *grand allegro* no ar, minhas sapatilhas tocaram o chão no instante exato em que a música chegou ao fim.

Era isso. O momento que eu amava. O suspiro, o instante imóvel e em silêncio antes de eu me curvar em uma mesura

e a plateia aplaudir. Uma janela de dois segundos para refletir e lembrar o sangue, o suor e as lágrimas que eu havia derramado para chegar até esse momento. “Bom trabalho, Lucy Larson.”

Era um momento que eu queria que durasse para sempre, mas aceitava o que era possível. Um lampejo de perfeição que em breve desapareceria.

Inspirei profundamente, levantei os braços e me curvei de novo, dessa vez erguendo os olhos. Olhei para onde madame Fontaine havia me ensinado a olhar no final de uma apresentação. Para a frente e ao centro. Um sorriso levantou os cantos de meus lábios.

Era impossível não sorrir quando Jude Ryder estava sentado na frente e ao centro.

Ele se levantou, aplaudindo como se tentasse encher a sala toda com o som e suas palmas, e sorriu para mim de um jeito que me dava frio na barriga. Pessoas já olhavam para ele com curiosidade, então, quando Jude subiu na cadeira e começou a gritar “bravo” com toda a potência de sua voz, os olhares curiosos se tornaram mais críticos.

Não que eu me importasse. Já havia aprendido que estar com Jude significava não seguir as normas. Era um preço válido para estar com ele.

Depois de fazer mais uma reverência, olhei para ele de novo e fiz o inimaginável. Por sorte, madame Fontaine não estava ali esta noite, porque seu coque eternamente perfeito teria explodido. Pisquei para o homem em pé em cima da cadeira que estava me aplaudindo como se eu tivesse acabado de salvar o mundo.

As luzes foram diminuindo e, antes de sair do palco, ouvi mais assobios e gritos de Jude. Ele quebrava todas as regras tácitas de como demonstrar apreciação pelas artes. Eu adorava.

Fazíamos coisas totalmente inusitadas, e nosso relacionamento era uma delas.

— Acha que pode tentar, nem que seja só uma vez, não fazer uma apresentação perfeita? Sabe, assim a gente não fica parecendo um bando de desajeitados — sussurrou Thomas, colega de faculdade e bailarino, assim que passei pelas cortinas.

— Eu poderia — sussurrei de volta quando o último bailarino entrou no palco. — Mas que graça teria?

Ele fez uma careta e me jogou uma garrafa de água. Eu a peguei com uma das mãos, acenei com a outra para agradecer e fui ao camarim para me alongar e trocar de roupa. Tinha dez minutos antes do fim da apresentação e

sabia que Jude invadiria os camarins para me procurar se eu não fosse encontrá-lo antes disso. Ele não era um homem paciente, principalmente depois de um recital de dança. Meu afrodisíaco favorito era vê-lo jogar futebol. O dele era me ver dançar.

No camarim, segurei o pé e alonguei as pernas enquanto desamarrava as sapatilhas. O elástico que manteve o corpete no lugar e evitou que a apresentação de balé se transformasse em um show de striptease arrebentou quando comecei a alongar o pescoço. Meu figurino não podia ter escolhido momento melhor para dar problema.

Enquanto alongava a outra perna para trás, desamarrei a sapatilha. Joguei as duas na bolsa, peguei a calça jeans, o suéter e as botas. Era sexta-feira à noite, e Jude jogaria em casa no dia seguinte. Isso significava que teríamos a noite inteira para nós. Ele havia planejado alguma coisa e me avisado para usar roupa de frio, mas, com Jude, eu nunca me importava com o que estava vestindo. Na verdade, preferia não vestir nada, mas o mais recente Santo Padroeiro da Virtude, Jude Ryder, não queria nem pensar nisso enquanto ele não “resolvesse todos os problemas”.

Nunca quis tanto que os problemas fossem resolvidos.

Precisava me alongar um pouco mais, mas tinha dois minutos, no máximo, antes de Jude invadir o camarim. Levei os braços para trás para abrir o corpete. Onde estava Eve, nossa figurinista, quando eu precisava dela? Essa mulher era capaz de abrir e fechar um figurino mais depressa que um playboy conseguiria abrir o zíper da calça no banco de trás de seu carro esportivo.

Eu procurava uma tesoura para me livrar da camisa de força de cetim, quando mãos quentes tocaram meus ombros.

— Posso ajudar? — perguntou Thomas, sorrindo para mim quando olhei para trás.

— Se for rápido e preciso, sim, por favor — respondi.

O sorriso dele se tornou malicioso.

— Quando é para tirar a roupa de uma mulher, rapidez e precisão são minhas prioridades.

Dei uma cotovelada em Thomas quando ele riu.

— Vai logo, sr. Dedos Quentes.

— Sim, senhora — ele disse, estalando os dedos com exagero antes de começar a desamarrar o corpete.

Thomas tinha razão, ele dominava a arte do despir. Porém, não havia nada de remotamente íntimo em um bailarino ajudando outro a vestir ou tirar o figurino, homem ou mulher. Você se acostuma a ser vista nua por todos os

bailarinos num raio de três estados. Não havia espaço para ser pudica no mundo da dança.

— Quase — murmurou Thomas quando seus dedos se aproximaram da parte inferior do corpete.

Eu estava prestes a dar uma resposta engraçadinha, quando a porta do camarim se abriu com um estrondo.

— Que porra é essa? — gritou ele, com o rosto vermelho.

— Jude...

— Você vai morrer — berrou ele, indo para cima de Thomas.

Eu me coloquei na frente de Jude e pus minhas mãos em seu peito.

— Jude! — gritei. — Para!

Eu o abracei para Thomas ter uma chance de escapar.

— Ah, eu vou parar — respondeu ele, com faíscas de ódio nos olhos. — Assim que esse palhaço estiver dançando em uma cadeira de rodas.

Eu não via esse monstro de raiva havia meses. Fiquei sem fala. Momentaneamente. Era o tipo de raiva sobre a qual as pessoas contam histórias.

Jude se soltou de mim com gentileza antes de avançar em Thomas, que estava de olhos arregalados, meio confuso,

meio apavorado, vendo aquela mistura de homem e touro tentando atacá-lo. Eu não tinha força suficiente para conter Jude, não tinha nem um décimo do que seria necessário, mas tinha outros poderes com os quais podia vencê-lo. Corri para a frente dele, saltei e o envolvi com braços e pernas, apertando-o o máximo possível.

Ele parou imediatamente, e o brilho assassino de seu olhar perdeu intensidade. Só um pouco.

— Jude — falei em um tom calmo, esperando os olhos dele encontrarem os meus. — Para — pedi.

Depois apontei para Thomas.

— Ele estava tentando me ajudar a tirar o figurino. Eu pedi. Queria me trocar depressa para ir te encontrar — enfatizei. — A menos que quisesse ficar me esperando por um ano e meio, devia agradecer ao Thomas.

Jude agora dirigia a mim aquele olhar furioso.

— Por que não pediu a minha ajuda, Luce?

— Porque você não estava aqui — falei, sentindo que declarava o óbvio, mas se o óbvio era necessário para tirar Jude da beira do precipício, tudo bem.

— Estou aqui agora.

Toquei o rosto dele.

— Sim, está — concordei, esperando os olhos dele clarearem por completo. O peito voltava a se mover no ritmo normal. — Obrigada pela ajuda, Thomas. — Olhei para o bailarino, que continuava olhando para Jude como se esperasse ser atacado. — A gente se fala depois.

Thomas passou por nós sem tirar os olhos de Jude.

— É claro, Lucy. A gente se fala depois.

Sorri agradecida.

— Boa noite.

— Tchau, Peter Pan — falou Jude. — A gente se fala depois também.

Thomas já estava na porta do camarim, mas com certeza ouviu as últimas ameaças e insinuações de Jude.

Suspirei e deslizei os polegares pelo rosto dele.

— Jude Ryder. O que eu faço com você?

Era, talvez, a pergunta que poria fim a todas as perguntas. Nada era fácil em nosso relacionamento. Bom, nada que não fosse nos apaixonarmos perdidamente um pelo outro. Todo o resto era como tentar travar uma batalha subindo uma montanha. A gente nunca sentia que estava progredindo muito, mas a jornada compensava o pouco território conquistado.

Jude me segurou pelo quadril e me pôs no chão. Depois me virou e seus dedos soltaram as fitas dos últimos passantes. As mãos mal tocavam minha pele, mas o “mal tocavam” provocava explosões de calor dentro de mim.

— O que vou fazer com você, Luce? — devolveu ele, com um tom cuidadosamente contido.

— Como estou quase sem blusa, vou deixar você mesmo responder à sua pergunta — provoquei, levantando uma sobrancelha.

Seus olhos não eram doces como costumavam ser quando vivíamos um momento de intimidade. Os cantos da boca não tremiam com a antecipação. Jude agora era o sr. Severo.

— Não faz isso de novo, Luce — disse ele, dobrando a fita do corpete e guardando-a no bolso.

— O quê? — perguntei.

Eu me fiz de desentendida, mas estava começando a ficar furiosa. Não gostava de ser tratada com esse tom condescendente, muito menos por Jude.

— Você sabe.

Franzi a testa.

— Como é evidente que te decepcionei, prefiro não repetir o erro, então, por que você não fala claramente qual é

o problema?

Droga. O único resultado de combater fogo com fogo seria sair do confronto com graves queimaduras. Jude e eu não precisávamos complicar ainda mais nosso relacionamento. Então, por que eu procurava por complicação?

Respirei fundo e bem devagar, percebendo o esforço que ele fazia para se acalmar. Jude estava tentando evitar que isso se transformasse em uma briga de gritos. Por que eu não podia colaborar?

— Não deixe outro homem, vestido de fada ou não, ajudar você a tirar a roupa — falou ele, com os olhos meio fechados. — Se precisar de ajuda, mesmo que seja só para tirar a meia, pode contar comigo. Entendeu? Essa tarefa é minha.

Ótimo. A polícia possessiva e autoritária voltava à cidade. Ele podia negar o quanto quisesse, mas superproteção significava falta de confiança. Pode me chamar de boba, mas confiança não é fundamental só para um relacionamento, confiança é tudo.

— Entendeu, Luce? — perguntou ele quando fiquei quieta.

Eu amava Jude. Amava além da conta para o meu próprio bem, mas não permitiria que ele me desse ordens.

— Não, Jude. Não entendi — falei, pronta para explodir. — É melhor você sair e pensar sobre isso lá fora, enquanto eu acabo de trocar de roupa. Sozinha — acrescentei antes que ele pudesse protestar. Porque, se ele oferecesse ajuda, eu não seria capaz de recusar.

Jude hesitou e eu vi a indecisão em seu rosto. Finalmente ele balançou a cabeça, concordando.

— Tudo bem. Vou esperar lá fora.

— Para poder assustar qualquer outro cara que possa me ajudar com o figurino ou por que vai esperar a sua namorada com respeito e paciência? — perguntei enquanto me aproximava da bolsa.

O suspiro de Jude foi tão longo quanto atormentado.

— Os dois — murmurou ele, antes de sair e fechar a porta.

Assim que ele saiu, senti tudo. Culpa. Remorso. E uma dose bem grande de arrependimento.

Sabia em que estava me metendo quando Jude e eu decidimos ficar juntos de novo no começo do nosso primeiro ano de faculdade. Eu aceitei tudo de olhos abertos. E feliz. Jude havia enfrentado mais dificuldades do que qualquer

pessoa deveria, e com isso surgiram certos comportamentos que poderiam ser classificados como extremos.

Mas o lado bom compensava o ruim. E Jude Ryder Jamieson tinha um estoque de coisas boas que sempre conseguia, se não anular completamente as ruins, equilibrar o cenário de um jeito bem razoável. Se eu apontava o dedo para os defeitos dele, tinha que olhar para os meus também. Porque eu estava muito longe da perfeição.

Essa era a beleza de estarmos juntos. E o problema.

Eu tinha tantos gatilhos que alteravam meu humor e tantos fantasmas do passado quanto Jude. Quando a raiva dele explodia, a minha respondia com a mesma intensidade, e vice-versa. Como havia acontecido nos últimos dois minutos.

Como sempre acontecia, a raiva que sentia de Jude se voltava contra mim. Se eu respirasse fundo e me colocasse no lugar dele, o que teria feito? Como reagiria se pegasse uma garota o ajudando a tirar a roupa?

Vesti o suéter e percebi que minha reação não teria sido muito diferente da dele. Na verdade, teria atacado antes que ele tivesse tempo de abrir a boca para explicar alguma coisa. O velho Jude, o Jude pré-Lucy, teria partido para cima de Thomas primeiro e perguntado depois. O novo Jude, embora

ainda não fosse um mestre no controle da raiva, havia conseguido resolver a situação com as palavras, não com os punhos.

Progresso. Progresso significativo que ele havia feito por mim. E como eu correspondia?

Gritando e botando-o para fora do camarim.

Terminei de me vestir e joguei o figurino dentro da bolsa. Não me preocupei em soltar os cabelos do coque que me dava dor de cabeça. Nem removi as três camadas de maquiagem que cobriam meu rosto.

Tinha que ir atrás dele. Precisava alcançar Jude depressa. Abri a porta.

Apoiado à parede do outro lado do corredor, Jude era a imagem do homem atormentado. O sentimento estampado em seu rosto era o mesmo em que eu estava mergulhada.

Um canto de sua boca se ergueu quando tocou a nuca.

Soltei a bolsa e corri para ele, abraçando-o com tanta força que podia sentir cada uma de suas costelas contra o peito. Ele me abraçou com a mesma urgência e talvez ainda mais alívio.

— Desculpa — pedi, inspirando o cheiro do garoto que exalava problema disfarçado por uma doçura relutante.

Ele encaixou minha cabeça embaixo do queixo e respondeu:

— Também quero pedir desculpas.



DOIS

— **P**or que não me conta para onde estamos indo? — perguntei, colada em Jude no banco da frente de sua velha caminhonete, de forma que cada centímetro do meu corpo tocasse cada centímetro do dele.

Jude sorriu para a estrada escura que percorríamos aos trancos. Não sei para onde íamos, mas a paisagem em volta sugeria que não haveria confortos modernos, como água quente e sinal de celular.

— Porque estou adorando suas tentativas de arrancar essa informação de mim — respondeu ele, me olhando por um segundo. Seus olhos brilhavam com uma alegria safada.

Meu coração parou por um instante. Depois voltou a bater como se tentasse levantar voo.

— Ah, é? — disse.

Ele fez um ruído que valia por uma resposta afirmativa e lambeu os lábios.

Contrariando tudo que aprendi no curso para formação de motoristas, soltei o cinto de segurança e deslizei pelo banco até encostar na porta do lado do passageiro.

— Ainda está se divertindo?

Ele olhou para mim com o rosto sério, depois estendeu a mão na minha direção.

— Aonde pensa que vai? — perguntou ele, me puxando de volta. Jude não parou por aí. Ele agarrou minha coxa direita, a levantou e me acomodou em seu colo. A caminhonete seguia em frente na mesma velocidade, o que fazia meu corpo vibrar sobre o dele.

— Acho que não vou a lugar nenhum — sussurrei, entrelaçando os dedos em sua nuca, sentindo o volante nas costas e a firmeza de seu corpo em todos os outros lugares.

Ele mantinha os olhos na estrada e uma das mãos no volante, mas o restante do corpo estava atento a mim.

— Tem razão, não vai — disse ele, e a boca se distendeu em um sorriso que desapareceu quando meus lábios cobriram os dele.

Não foi bem um gemido, era mais profundo que isso, mas o som que brotou de seu peito quando afastei os lábios e deslizei a língua para dentro de sua boca era bem típico de

Jude. Eu não prestava muita atenção à caminhonete, mas tive a impressão de sentir um leve aumento na velocidade.

Jude me beijava, correspondia a cada movimento da minha língua e do meu quadril. A mão livre escorregou para baixo do meu suéter e subiu pelas costas. Era quente, meio áspera dos dias de trabalho na oficina e no campo de futebol.

A caminhonete passou por cima de um buraco mais fundo, e eu caí com mais força sobre seu colo. O calor se espalhou a partir da área entre minhas pernas, e dessa vez fui eu quem soltou um gemido que vinha lá do fundo. A perigosa realidade de estar percorrendo uma estrada escura e sem calçamento no meio da área rural, a cinquenta ou sessenta quilômetros por hora, não me ocorreu quando afastei as mãos de sua nuca para segurar a barra do suéter. Se ele não ia tomar a iniciativa, eu ia. Tirei o suéter e o joguei no banco.

— Luce — falou Jude, a voz tensa me informava que eu estava fazendo alguma coisa muito certa. — Estou tentando dirigir.

Ele havia pisado no freio muitas vezes antes, metaforicamente falando... dessa vez eu não iria deixar.

Aproximando a boca de sua orelha, sussurrei:

— Eu também. — E chupei com suavidade a ponta da orelha.

Mais um som brotou de sua garganta, dessa vez tão alto que fez o peito vibrar contra o meu.

— Que se dane — disse ele, a voz livre de toda hesitação ou incerteza. Era tão firme e decidida quanto o corpo vibrando embaixo do meu.

Com um movimento dos dedos dele, meu sutiã se abriu e escorregou pelos braços, caindo no chão perto dos pés de Jude. A boca voltou a tomar a minha, quente e exigente. Eu não conseguia respirar. Nem queria, se para isso tivesse que abrir mão de como Jude me beijava agora. Era inexplicável como ele conseguia me fazer sentir sua paixão, seu amor e sua possessividade com um beijo. Mas ele conseguia. O corpo de Jude expressava seus sentimentos melhor do que suas palavras.

— Uma ajudinha? — sussurrou ele, entre um beijo e outro. A mão segurou a minha e a levou até o botão de cima de sua camisa. — A menos que queira terminar isso no hospital, tenho que manter uma das mãos no volante. — Suas palavras eram tensas, como as minhas também seriam, eu sabia, se pudesse falar. — Quero sentir você em mim,

Luce — falou ele quando meus dedos esqueceram o que deviam estar fazendo.

Mesmo usando as duas mãos, demorei um longo beijo para abrir o primeiro botão. Eu era uma garota graciosa — exceto em momentos íntimos com Jude, quando eu me tornava um emaranhado desajeitado de nervos e membros. Percebendo que estaríamos atravessando a fronteira do estado antes de eu terminar o trabalho, interrompi o beijo para poder me concentrar. Um pouco mais.

O jeito como ele olhou para mim quando me inclinei para trás me deixou sem reação.

— Tem certeza de que isso é seguro? — perguntei, me obrigando a respirar de um jeito mais controlado. Precisava inspirar tanto oxigênio quanto meus pulmões fossem capazes antes de voltar ao Jude. — Não que eu me importe de verdade, mas tenho certeza de que estamos infringindo todas as leis de trânsito possíveis, e fiz você prometer que ia andar na linha. — Abri mais dois botões, faltavam mais alguns.

Sorri. Eram as pequenas coisas que me faziam feliz.

Jude sorriu quando olhou para mim por um instante.

— É claro que você está segura, Luce — respondeu ele, e voltou a olhar para a estrada. — Eu nunca poria você em

risco. Não deixaria que nada acontecesse com você — disse ele, como se entoasse um mantra. — Sabe disso, não sabe?

Jude era capaz de pegar uma questão simples e transformá-la em uma discussão profunda.

— É claro que sei — falei, olhando para ele antes de me concentrar no botão seguinte. Não ia parar em função da mudança no tom da conversa. — Era só para saber. Sentar no colo do motorista enquanto a gente tenta tirar a roupa um do outro a sessenta quilômetros por hora é novidade para mim. Só queria o selo de segurança antes de continuar.

— É bom que seja novidade. — A seriedade de antes havia desaparecido. — E considere seu selo de segurança concedido. Comecei a dirigir antes de começar a me masturbar, Luce. Controlo um veículo melhor do que controlo a mim mesmo.

— Baby — murmurei, abrindo o último botão antes de puxar a camisa de dentro de sua calça —, suas palavras sempre me dão vontade de suspirar e fazer careta ao mesmo tempo.

Tirei a camisa de Jude e rocei os seios em seu peito. As partes macias do meu corpo se moldaram às partes rígidas do dele. Uma fina camada de suor cobria seu peito, se

misturando ao brilho do meu. O ponteiro do velocímetro voltou a subir.

— Eu nunca ia querer te decepcionar, Luce — disse ele ao apertar minhas costas.

Era só até esse ponto que ele nos permitia ir desde a última primavera, pouco antes da nossa formatura e de descobrirmos como o passado de nossas famílias era tragicamente entrelaçado. Meu corpo não sabia mais respirar. Eu tinha que me lembrar de inspirar e expirar.

— Você nunca me decepciona — sussurrei sorrindo, deslizando as mãos pelo abdome definido até parar no cós da calça jeans. Dessa vez abri o botão no tempo necessário para Jude inspirar surpreso.

— Luce — disse ele. Sua voz transmitia um alerta, mas também satisfação.

Escolhi prestar atenção só à satisfação.

Segurei o zíper entre o polegar e o indicador e o deslizei para baixo, dividida entre querer saborear o momento e deixá-lo me devorar inteira. Acabei de abrir o zíper, dobrei as duas partes da calça jeans para baixo e escorreguei sobre ele mais uma vez, até sentir o calor de seu corpo entre as pernas.

Ele gemeu, se moveu embaixo de mim e me fez arfar.

— Droga — resmungou ele, me envolvendo com os dois braços antes de pisar no freio. Seus braços me seguravam com mais firmeza que qualquer cinto de segurança.

— Achei que você ia conseguir encarar — falei rindo.

Seu peito subia e descia contra o meu, e ele também sorriu.

— Errei — admitiu ele.

Depois a boca cobriu a minha, as mãos seguraram meu rosto. O corpo pressionou o meu, arqueando minhas costas contra o volante.

— Ah, é? — consegui responder. Era uma pergunta simples, que não precisava de explicação. Eu a repetia havia muito tempo. Ele nunca havia concordado até hoje.

Senti seu sorriso em minha boca enquanto sua língua brincava com a minha. Jude segurou meu rosto com toda firmeza possível sem deixar de ser gentil. Depois, recuou e olhou nos meus olhos.

— É, sim — respondeu ele, mas seu sorriso transmitia antecipação e conflito.

Cada músculo do meu corpo se contraiu. Era isso. O cara que transou com mais meninas do que eu quero saber finalmente está se permitindo transar com a namorada.

— Tem certeza? — perguntou ele, dando a impressão de que quebraria alguma coisa se a minha resposta fosse negativa.

— Tenho tanta certeza que comecei a tomar anticoncepcional uma semana depois de a gente ter voltado — respondi, deslizando o corpo sobre o dele. Jude gemeu de novo e deixou a cabeça cair sobre o encosto do banco. — Tem certeza? — perguntei, me movendo um pouco mais depressa para influenciar sua resposta.

— Luce, tenho tanta certeza que fiz exames e carreguei essa camisinha no bolso de trás da calça desde o dia em que a gente voltou — respondeu ele, com aquele sorriso torturado.

Toquei seu rosto e tracei com o polegar a cicatriz que descia por uma das faces. Ele era tudo que eu queria, de todos os jeitos que uma garota pode querer um cara e, finalmente, eu poderia tê-lo do único jeito que ainda não tinha tido.

— Eu te amo, Jude — eu disse, porque isso era a única coisa que faltava dizer.

— E isso faz de mim o filho da mãe mais sortudo do mundo.

Sorri para ele.

— Vem cá. — Segurei seu rosto e aproximei a minha boca da dele. — Quero saber como o filho da mãe mais sortudo do mundo faz amor.

— Sim, senhora — respondeu ele, antes de me beijar.

As mãos haviam encontrado o caminho para o botão da minha calça jeans quando uma luz forte explodiu no interior da caminhonete.

Eu gemi, cobri os olhos com o antebraço e o peito com o outro. O motorista piscou o farol alto.

— Merda — resmungou Jude, olhando para trás.

A porta da outra caminhonete se abriu de repente e uma voz masculina cortou a noite gritando e vaiando.

— Estava esperando companhia? — perguntei.

Suspirei, usei meu outro braço para cobrir melhor o peito e saí de cima dele. Era doloroso desistir do que poderia ter acontecido.

— Não exatamente — respondeu ele, se deitando sobre minhas pernas para pegar meu suéter. Ele passou a blusa por minha cabeça e segurou as mangas para eu enfiar os braços. A malha parecia ser mais áspera do que cinco minutos antes. Ele estava bravo, era evidente pela expressão em seu rosto, mas se controlava. Continha a besta, em vez de se deixar dominar por ela.

Jude havia acabado de fechar o zíper da calça quando alguém se jogou contra a porta do motorista.

— Ryder, cara! — gritou um de seus companheiros de time pela janela, olhando para nós dois. — Está pegando sua mulher? — Ele olhou para mim e sacudiu as sobrancelhas. — Filho da mãe sortudo.

Jude olhou para mim e riu.

— Eu falei.



O fogo crepitava perto dos meus pés, as estrelas piscavam lá em cima, os braços de Jude me envolviam e um time inteiro de futebol universitário arrotava uma versão de “Hey, Jude”.

[1]

— Não acredito que a grande noite que pensei que você havia planejado para nós também envolvia cinquenta jogadores de futebol — comentei, inclinando a cabeça para trás sobre seu peito para encará-lo e ele poder ver minha expressão. Jude não tinha saído do meu lado desde que seus colegas de time apareceram, exceto uma vez para ir fazer xixi no meio das árvores.

— Desculpa, baby — pediu ele, beijando meu cabelo. — Achei que teríamos umas duas horas só para nós antes de esses animais aparecerem.

Umás duas horas? Eu teria ficado satisfeita com quinze minutos.

O coro de arrotos chegou ao fim, mas o silêncio temporário logo foi interrompido por um coro de peidos. Suspirei, fechei os olhos e apertei o nariz.

— Cara, foi mal, Ryder — disse Tony do outro lado da fogueira. — Se eu estivesse tentando voltar com uma garota, nunca faria todo esse esforço de subornar a companheira de quarto dela para levá-la a uma festa em que o DJ tocaria uma música velha enquanto eu declararia o meu amor eterno.

Abri os olhos para encarar Tony de um jeito ameaçador. Eu adorava o cara. Era impossível não gostar dele na maioria dos dias. Hoje não era um desses dias.

— Eu só chegaria nela e diria: “E aí, gata, o que tá rolando? A fim de alguma coisa bem legal?” — Tony sorria para mim como o diabo.

— Tony — diz Jude, apoiando o queixo em meu ombro —, quando foi a última vez que você conseguiu convencer uma das suas antigas namoradas a voltar?

Tony fez uma careta, deu de ombros e respondeu:

— Nunca.

— Exatamente. — Jude mostrou o dedo do meio para ele.

Meu braço estava preso embaixo do cobertor com que ele me cobrira, por isso, quando o vi abaixar a mão, pedi:

— De novo, agora por mim.

Jude mostrou o dedo para Tony outra vez, cortesia de Lucy Larson.

— Fala sério, Lucy — reclamou Tony enquanto os outros jogadores riam, alguns jogando marshmallows nele. — Você sabe que eu te acho legal. Só estou com inveja porque também acho que você é cinco vezes melhor que Ryder, e também quero encontrar alguém cinco vezes melhor que eu.

— Se parasse de derrubar a bola e entrasse na maldita zona de fundo, talvez encontrasse uma garota que aceitasse baixar o padrão para ficar com você — respondi, inclinando a cabeça.

Jude abafou a risada com o cobertor. O restante do time nem tentou disfarçar.

Tony levantou as sobrancelhas olhando para mim, arregaçou a manga da camiseta, beijou os bíceps grotescos e repetiu o gesto com o outro braço.

— Para de me odiar, Lucy. Jude vai acabar pegando a gente, se continuar dando bandeira. — Ele abaixou a cabeça quando a garrafa de isotônico arremessada por Jude passou voando. — E não precisa se preocupar com a zona de fundo amanhã, gata. Vou fazer dela minha vadia.

— Não vou criar expectativas — respondi, e não consegui mais conter o riso diante do jeito teatral de Tony. Estar com ele era sempre como assistir a um espetáculo circense de um homem só. E, deixando de lado as brincadeiras, Tony era um ótimo jogador. Juntos, ele e Jude estabeleciam recordes que não seriam quebrados tão cedo.

— É isso que eu não entendo — disse Tony, cutucando o cara ao lado dele, o *kicker* número um do time, com o cotovelo. Acho que o nome dele era Kurt. Ou Kirk. Ou Kent. Era com K. — No departamento de aparência, Ryder ganha um sete, talvez um oito. — Ele analisava Jude com um olhar atento. Kurt ou Kirk também olhou para Jude coçando o queixo.

— Então você ganha um dois negativo, Tony — resmunguei, xingando os deuses por ter que passar a noite envolvida nessa brincadeirinha com os companheiros de time de Tony.

— A personalidade dele tem menos dez — continuou Tony. — Então, por que, em nome de tudo que é justo e sagrado, ele tem todas as gostosas fazendo fila na porta?

— Posso te dar uma explicação de vinte centímetros, cara — oferece Jude.

Tony e o *kicker* olham para ele, depois um para o outro, e os dois explodem em gargalhadas.

Jude também dá risada.

Mas uma coisa que Tony falou pede esclarecimentos.

— Que gostosas estão fazendo fila na sua porta, Jude? — Tentei manter a voz calma.

Tony parou de rir e sua expressão mudou assim que ele olhou para mim. O corpo de Jude ficou ligeiramente tenso, o suficiente para indicar que alguma coisa estava errada.

— Você — respondeu Tony, apontando para mim. — Você é a gostosa fazendo fila na porta dele.

Não, eu não acreditava nisso. Eu tinha visto Tony à beira das lágrimas na noite em que seu troféu do último ano do ensino médio foi partido ao meio em uma das festas lendárias que ele dava em sua casa, e até naquele momento seu sorriso não desapareceu por completo. Agora não havia nem sinal dele, o que significava que Tony estava se esforçando para esconder alguma coisa.

— Você — repetiu ele quando continuei olhando para sua cara.

— E Adriana Vix? — acrescentou outro jogador atrás de nós. Ele parecia satisfeito apenas por pronunciar o nome dela.

Foi a minha vez de ficar tensa. Virei para trás sentada entre suas pernas e olhei nos olhos dele.

Não havia neles nada de revelador. E isso era o pior que eu poderia encontrar.

— Quem é Adriana Vix? — perguntei com um tom que misturava perfeitamente ansiedade e fúria.

Jude segurou meu rosto e me encarou. Era difícil respirar quando ele olhava para mim desse jeito.

— Ninguém — respondeu sem remover as mãos ou desviar o olhar.

— Ninguém? — gritou o cara atrás de nós. — Sua definição de ninguém é a garota com quem a maioria dos caras amputaria os membros para ficar. Para ficar só uma vez — continuou o jogador. Eu não lembrava seu nome, mas sabia que ele ficava muito no banco. E ficaria lá para sempre, se não enfiasse essa idolatria pela Adriana Vix onde o sol não bate.

— Matt — avisou Jude, e finalmente soltou meu rosto, mas só para me envolver em seus braços —, cala a boca.

— Foi a Lucy que perguntou. — Ele levantou as mãos. — Eu só respondi.

— Bom, para de aumentar as coisas — insistiu Jude, com um tom de voz normal, mas eu sentia que sua calma chegava ao fim. — Na verdade, por que não fica de boca fechada até o fim da noite?

Matt concordou balançando os ombros e bebeu um gole de cerveja. Não fosse pelo limite de duas cervejas para todos os membros do time na noite anterior ao jogo, eu poderia contar com Matt revelando todos os detalhes sobre Adriana Vix assim que ficasse bêbado. Matt estava sóbrio, o que significava que Adriana era tão gostosa quanto ele estava dizendo.

Virando para apoiar as costas na perna dobrada de Jude, olhei em seus olhos de novo. Ele usava a touca cinza, mas só porque estava frio.

— Ela gosta de você? — Ponto para mim por ter feito a pergunta com o mínimo de emoção possível.

Ele levantou um ombro.

— Talvez um pouco — respondeu ele, sem deixar de olhar para mim.

— Um pouco? — exclamou Tony e os outros riram. — Por causa do Ryder, a população masculina de Syracuse tem apreciado ainda mais os dotes que Adriana exhibe por aí. Pensei que eles pulariam do decote daquele vestido minúsculo que ela usou ontem. — Ele assobiou por entre os dentes e seus olhos foram tocados por um brilho sonhador. — Aquela coisinha linda escolheu uma presa. Ela está de olho no seu homem, meu amor — disse ele, olhando para mim com um pouco de pena. Como se eu já tivesse perdido o jogo por padrão. Padrão de aparência.

— Fala isso de novo, Tony — ameaçou Jude, com a mandíbula tensa —, e a única coisa que vou jogar na sua cabeça atrofiada vai ser a minha bota.

— Falar o quê? Que Adriana Vix está quase entrando no cio por sua causa?

— Não, seu merda — retrucou Jude, furioso. — Lucy não é o seu “amor”. Ela é meu amor. Só eu posso chamá-la desse jeito. Não um punheteiro com a boca grande.

Pronto. O rottweiler territorial que sempre aparecia quando eu era o assunto. Normalmente, me incomodava muito ouvi-lo falar sobre mim desse jeito, como se eu fosse uma propriedade. Mas nesse momento, depois de ouvir

sobre deusas que “exibiam dotes”, não me incomodava a atitude possessiva.

— Foi mal — reconheceu Tony, levantando e limpando a calça. — Como não consigo ficar de boca fechada, acho melhor ir dormir antes de levar um soco na cara. — Ele sorriu para mim com os lábios, mas não com os olhos. Ainda havia neles aquela sombra de piedade. Como se eu estivesse prestes a ser destronada por Adriana Vix. — Todo mundo levando essa bunda feia e peluda para a cama — gritou Tony para os últimos integrantes do time que ainda olhavam sonolentos para a fogueira. — Temos jogo amanhã.

A resposta foi um coro de grunhidos, mas a maioria dos rapazes se levantou e foi para suas respectivas barracas. Alguns foram dormir na carroceria da caminhonete. Essa noite não era nada do que eu havia imaginado.

Jude e eu ficamos ali sentados e em silêncio por um minuto, os dois olhando para o fogo, esperando o outro falar alguma coisa.

— Você gosta dela? — sussurrei antes mesmo de perceber que havia pensado nisso.

O suspiro de Jude foi longo e irritado. Era a primeira vez que eu sentia alívio por ele estar irritado comigo. Virando-

me para me fazer encará-lo, mas ainda me mantendo entre suas pernas, ele olhou para mim com aqueles olhos escuros.

— Não — respondeu ele. — Não como essa sua cabeça maluca está imaginando.

Ele não imaginava quanto minha cabeça podia ser maluca.

— E de outro jeito?

Vi a sombra das últimas chamas do fogo morrendo em um lado da mandíbula de Jude.

— Ela é legal — respondeu ele, levantando as sobrancelhas e esperando, porque me conhecia bem o bastante para saber que mais alguma coisa estava por vir.

— Legal? — repeti erguendo a voz. — Ela é legal, tipo, eu transaria com ela agora se não estivesse namorando, ou ela é legal, tipo, é só mais uma garota?

Jude havia me prevenido meses antes sobre fazer perguntas para as quais eu não quisesse respostas honestas. E eu me arrependi instantaneamente de ter perguntado.

— Luce — disse Jude, tirando o cobertor de cima de mim e segurando as minhas mãos —, você é minha garota. A garota. — Uma sombra de dor passou por seu rosto. — Quando olho para Adriana, ou para qualquer outra, na verdade, é só isso que eu vejo. Uma garota que não é a

minha. Eu não as vejo, Luce. Eu vejo você — continuou ele, com a testa franzida. — Sempre vi só você.

A preocupação que contraía meu estômago começou a ceder.

— Então, será que dá, pelo amor de Deus, para parar com essa merda de namorada paranoica?

Quando Jude ficava desse jeito, a melhor coisa a fazer era ceder e desistir. Eu sabia disso, mas nunca consegui seguir o meu próprio conselho.

— Como se você não tivesse bancado o namorado paranoico com o Thomas hoje.

Jude abriu a boca. Depois fechou, franziu a testa e apoiou as costas no tronco atrás dele. Com o rosto sério, os olhos meio fechados, os dentes mordendo o lado direito dos lábios, ele exibia uma nova expressão que se tornava cada vez mais familiar. Era a cara de contemplação, a que ele se esforçava muito para pôr no lugar da reação visceral de raiva.

Esperei, dei a ele todo o tempo de que precisava.

— Luce — disse Jude, finalmente com a voz mansa —, o que quer que eu faça? — Ele fez uma pausa e esperou minha resposta, mas eu não sabia ao certo qual era a pergunta, então fiquei quieta. — Por favor, fala — continuou ele. — Diz o que quer que eu diga e faça com relação a Adriana ou

qualquer outra garota que olhar para mim, e eu vou acatar. Quer que eu cuspa na testa delas? Quer que eu mostre o dedo do meio para qualquer mulher que olhar para mim? Tudo bem. Quer que eu arranque os olhos para não poder olhar para outra garota nunca mais? — Ele fez uma careta. — Bom, seria horrível, mas eu faria. Por você. — Segurando meu rosto outra vez, ele me encarou bem de perto. — É só falar, baby. O que quer que eu faça?

Eu não conseguia me expressar com palavras. Diante de uma pergunta assim tão direta, eu não sabia o que queria que ele fizesse ou dissesse quando outras mulheres dessem em cima dele. Homens como Jude não conseguiam atravessar um cemitério sem levar uma cantada. O que eu esperava dele em relação ao infinito suprimento de garotas ansiosas para se jogar em sua cama na primeira oportunidade? Queria que ele fosse um babaca? Bom, sim, tipo isso, mas meu lado razoável reconhecia que essa não era a resposta. Qual era, então?

A pergunta teria que ficar sem resposta por enquanto porque eu tinha outra coisa em mente.

Entrelaçando os dedos nos dele sobre meu rosto, cheguei mais perto até não haver mais nenhum espaço entre nós.

— Quero que me leve para a cama.

Tenho certeza de que nunca vi as linhas no rosto de Jude desaparecerem tão depressa.

— Quando quiser — respondeu ele, me segurando nos braços antes de levantar. — Onde quiser.

Eu teria rido, se me permitisse, mas um nome ainda pairava entre nós. Eu não estava disposta a pausar o assunto Adriana Vix.

— Espera até ver o cenário que criei para a gente — falou Jude, com a voz doce enquanto me carregava pelo acampamento improvisado para a caminhonete. A lataria tinha tanta ferrugem que eu não conseguia decidir se ela era preta, cinza ou alguma coisa entre uma cor e outra. Ele havia comprado a caminhonete por quase nada de um velho fazendeiro e usado o dinheiro que tinha economizado trabalhando na oficina para comprar as peças necessárias. O interior do veículo estava em boas condições, mas o exterior sugeria que era hora de deixá-lo no ferro-velho.

Eu adorava o fato de Jude não se importar com a opinião de ninguém, além da minha. Adorava como ele dizia que o importante era o interior. Sabia que quando falava assim ele se referia aos carros, à própria caminhonete, especificamente, mas ainda ficava com as pernas bambas.

Depois de passar por algumas caminhonetes novas, enormes e incrementadas dos companheiros de time, Jude parou atrás da dele. Baixou a parte traseira com uma das mãos e a carroceria se abriu.

— Seu quarto para esta noite, srta. Larson — anunciou ele com uma voz melodiosa, apontando o colchão inflável e a pilha de cobertores e travesseiros no fundo da caminhonete. Tinha até um chocolate embrulhado em papel alumínio em cima do meu travesseiro, ao lado de uma rosa branca. Jude deveria ter arrumado tudo naquele longo intervalo em que foi fazer xixi.

No colégio, aprendi o significado das cores das rosas e como decifrar as intenções de um garoto tomando por base as que ele dá para uma garota. Cor-de-rosa é amor, amarelo é amizade... e perdi as contas de quantas rosas amarelas eu vi enfeitando o interior das latas de lixo dos corredores da escola. Vermelha é paixão e rosa branca simboliza pureza.

Significava que as intenções dele eram puras.

Significava que ele não queria fazer todas as coisas que essa garota imaginava fazer no fundo daquela caminhonete.

Malditas rosas brancas.

Apesar da frustração, eu também estava adorando. Justamente quando pensava ter quase decifrado Jude Ryder,

ele deixava uma rosa branca no meu travesseiro, na cama improvisada que dividiríamos algumas horas depois de ele ter concordado em transar comigo em cima do volante da caminhonete.

— Você sabe ser bem romântico, quando quer — comentei olhando para ele.

— Não conta para ninguém — respondeu Jude, e me pôs sentada em cima da carroceria. O metal rangeu. — Isso estragaria a minha reputação de mau. Além do mais, se as garotas já estão fazendo fila agora... — Ele sorriu para mim com jeito de menino.

Eu empurrei o seu peito e essa reação o fez rir.

Decidi dar a ele algo inesperado. Agarrei sua camisa e o puxei para mim.

— Vem cá — pedi, e olhei para sua boca. — Vou pôr essas garotas no lugar delas.

Jude abriu a boca para me beijar, mas eu fui mais rápida e o beijei antes. As mãos dele agarraram a região embaixo do meu quadril, me puxando para a beirada da caminhonete e pressionando o meu corpo ao dele. Nessa posição, o encaixe era perfeito. Isso me fez beijá-lo com ainda mais vontade, minhas mãos eram incapazes de explorar seu corpo com rapidez suficiente.

Dava para ouvir as batidas aceleradas do coração de Jude. Eu conseguia sentir como cada parte dele me queria. Vi a incerteza escurecer seus olhos quando o enlacei com as pernas. Senti o conflito se formando, lembrando que ele era sempre cuidadoso comigo, e quis interromper esse movimento.

Segurando a barra de sua camisa, tentei puxá-la para cima e tirá-la.

Mas ele me fez parar antes de eu tê-la puxado até o peito.

— Sim? — perguntei mais uma vez, mesmo sabendo qual seria a resposta.

Ele nem hesitou.

— Não. Não desse jeito.

Gemi tão alto que poderia ter acordado os caras mais próximos de nós.

— De que jeito? Quente, passional, aquele sexo incrível que faz a noite passar sem a gente ver?

O sorriso de Jude era tão largo que a cicatriz em sua face repuxou. Agarrado à beirada da caminhonete, ele se esforçou para controlar a respiração.

— A ideia é uma delícia — disse ele, e voltou a respirar normalmente. Eu ainda ficaria ofegante por mais dez

minutos. — Mas não vou gostar de saber que a minha namorada quis transar comigo porque estava com ciúme de outra. Não na nossa primeira vez, pelo menos. — E beijou minha têmpora. — Depois disso, vou enfrentar e aceitar todo e qualquer sexo ciumento e furioso que você propuser.

Eu o empurrei de novo, resignada com a noite de castidade. Tirei as botas e me arrastei para trás no colchão.

Ainda sorrindo para mim, Jude tirou os sapatos e pulou para dentro da caminhonete. Deitado ao meu lado, ele encaixou um braço embaixo do meu corpo e passou o outro por cima, segurando com a mão a rosa branca.

Jude riu encostado em minha nuca.

Peguei a flor e a joguei para fora da caminhonete.



TRÊS

E stava chovendo. Era um temporal. Pelo menos, foi isso que pensei quando acordei. Depois, ouvi risadas abafadas e compreendi que as roupas e o cobertor molhados e grudados em mim não tinham nada a ver com a Mãe Natureza.

Abri os olhos e vi um dos jogadores em pé em cima da caminhonete, despejando mais um balde de água em Jude. É claro, ele não era o único molhado. Gritei quando o time todo explodiu em gargalhadas em volta da caminhonete. Jude acordou e deu um soco no primeiro que se mexeu.

O jogador em pé em cima da cabine pulou da caminhonete antes de Jude agarrá-lo pelos tornozelos, mas meu namorado levantou e correu atrás dele. O coitado não iria muito longe.

— Por que está correndo, Clay? — gritava Jude, deixando um rastro de água por onde passava. — Nós dois sabemos que sou muito mais rápido que você!

Vendo Jude diminuir a distância entre eles, torci o cabelo e joguei para o lado o cobertor encharcado.

Fiz questão de olhar feio para cada jogador que ainda estava por ali, inclusive Tony, que sorria para mim daquele jeito infantil. Ele já havia sido perdoado antes mesmo de abrir a boca.

— Qual é? — perguntou Tony, como se eu estivesse exagerando na reação. — Desculpa, Lucy. Mas não é justo. Jude ficou quentinho ontem à noite colado no seu traseiro. A gente precisava tornar as condições um pouco mais justas.

Levantei e saltei da caminhonete.

— Na próxima vez que decidirem tornar as condições um pouco mais justas para o Jude, será que podem esperar eu sair de perto? — Queria pegar um cobertor, mas todos estavam encharcados. — Está gelado aqui fora. — Minha respiração formava nuvens brancas e eu tremia.

O sorriso de Tony desapareceu.

— Ah, Lucy — disse ele enquanto tirava o moletom. — Somos uns animais. — Levantando as sobrancelhas, me ofereceu seu agasalho como se fosse uma oferta de paz. — Desculpa?

“Não nessa vida”, teria sido minha resposta se eu conseguisse falar com os dentes batendo. Havia poucas

coisas que eu odiava mais do que sentir frio. Tratar um canal sem anestesia, talvez.

Olhando para Tony com a testa franzida para deixar claro que não o havia perdoado, peguei o moletom. Ele caberia em dois homens de tamanho normal e ainda sobraria espaço.

— Pega essa porcaria de volta — disse Jude ao aparecer do nada atrás de mim. Ele pegou o moletom das minhas mãos e jogou no rosto de Tony. — Se um de vocês fizer isso de novo, vou arrebentar todo mundo. Entenderam? — berrou ele, olhando para cada um dos companheiros de time. — E você — Jude deu um passo à frente e botou o dedo na cara de Tony —, nunca mais tente fazer a Lucy vestir qualquer coisa sua. — Os músculos no pescoço dele estavam salientes. — Se quiser que eu continue passando a bola para você. Fui claro?

E eu pensando que tinha ficado furiosa por causa de alguns litros de água.

— Ryder — disse Tony, levantando as mãos em sinal de rendição.

Jude se aproximou um pouco mais de Tony, até o peito encostar no dele.

— Você entendeu?

Tony abaixou a cabeça e recuou um passo.

— Entendi.

— Ótimo. — Jude virou para mim e sua raiva desapareceu. — Vamos arrumar roupas secas para você — disse ele, com a voz baixa e controlada.

Balancei a cabeça para dizer que sim. Não sabia como ele conseguia ligar e desligar a raiva como se tivesse um interruptor, mas isso era tanto uma maldição quanto uma bênção.

— Ryder — chamou um dos jogadores. Um dos que haviam ficado mais afastados da cena e não foram alvos de uma dose letal de fúria do Jude. — O que fez com Hopkins?

Jude passou um braço sobre meus ombros e me levou em direção à porta do passageiro da caminhonete.

— Tranquei no seu porta-malas, Palinski!

Olhei para ele e vi aquele sorriso meio de lado.

— Você não fez isso — falei, mas sabia que era verdade.

— Ah, eu fiz — respondeu Jude ao abrir a porta e se deitar no banco para pegar a mochila. — E essa não vai ser a única retaliação que o cretino vai sofrer hoje.

— Será que eu quero saber?

Revirando o conteúdo da mochila, ele pegou uma camiseta escura de manga comprida.

— Não, não quer — disse ele, me entregando a camiseta. — Mas você vai ver.

Peguei a blusa quente e seca e assenti.

— Alguma coisa para esperar com entusiasmo.

— Ryder — disse Tony, pigarreando ao aparecer na frente da caminhonete. Ele segurava o celular. — O treinador acabou de ligar. Ele quer que a gente se apresente uma hora mais cedo. Falei que vamos demorar pelo menos uma hora para voltar e ele disse que é melhor a gente correr.

O rosto de Tony estava contraído, quase como se esperasse uma explosão de Jude.

— Se o treinador queria a gente lá uma hora antes do combinado, devia ter avisado mais cedo — respondeu Jude sem olhar para o colega, enquanto procurava mais alguma coisa em sua mochila. — Tenho que levar Luce para tomar café antes de deixá-la em casa. Avisa o treinador que vou me atrasar uns minutos.

— Quer que eu explique por quê?

— Isso, eu quero. Pode dizer que a minha namorada é mais importante que o futebol. Pode dizer que o café da manhã da minha namorada é mais importante que o futebol. — E encarou Tony esperando sua reação. — Quer que eu

anote ou acha que consegue dar o recado? — insistiu ele quando o jogador não respondeu.

— Não. — Ele sorriu. — Namorada. Café da manhã. Futebol — recitou Tony, batendo com um dedo na cabeça. — Acho que entendi.

Jude bateu a porta do passageiro e contornou a caminhonete pela frente. Parado ao lado da porta do motorista, ele tirou a camiseta molhada e a jogou no meio das árvores. Em seguida abriu a porta, entrou na cabine e ligou o motor. Com o aquecedor ligado na potência máxima, girou todas as grades de saída de ar para mim. Havia pouco eu estava congelando, e de repente estava quentinha e confortável, embora a caminhonete nem estivesse totalmente aquecida. Tudo graças ao homem molhado e sem camisa que sorria para mim.

— O que foi? — perguntou ele, e seu sorriso se tornou mais largo.

Subi o olhar pelo peito até encontrar seus olhos. Sorri também.

— Essa é uma imagem que quero ver todos os dias quando acordar.



Depois de convencer Jude de que eu não precisava sentar em algum lugar para tomar café e que um sanduíche de clara de ovo e café puro seriam mais do que suficientes, paramos na entrada da garagem da casa que ele e mais cinco amigos haviam alugado a tempo de Jude chegar na reunião com o treinador sem se atrasar. Se o cara que eu amo não morasse ali, eu nunca teria entrado nessa casa. Não era uma imundície, mas era quase, e o lugar todo, fosse de manhã ou de tarde, fim de semana ou não, sempre tinha cheiro de roupa suja e sexo.

— Eu te levo lá dentro — disse ele, ainda sem camisa e sorrindo. Ter feito toda a viagem sentada ao lado de Jude sem pôr as mãos nele devia me render alguma medalha por autocontrole. Uma bem grande.

— Você tem um jogo para ganhar — respondi, beijando o canto de sua boca sorridente. — Eu conheço o caminho.

— Olha por onde anda. Acho que o Ben pode ter dado uma festa ontem à noite enquanto todo mundo estava fora e você sabe como são as festas dele — disse ele, segurando meu queixo entre o polegar e o indicador.

Jude chegou mais perto, e seus lábios mal roçaram nos meus antes de irem parar embaixo do queixo. Deslizando os lábios para baixo, ele passava os dentes na pele sensível. E

ainda estava sem camisa, por isso eu podia ver todos os músculos que se contraíam e se moviam enquanto ele explorava meu pescoço.

Dane-se a medalha, eu mereço a canonização.

Estremeci quando a boca se afastou de mim. Estremeci visivelmente, como se sofresse uma síndrome de abstinência.

Eu sabia que ele se vangloriaria disso. Jude adorava ser capaz de me fazer sentir essas coisas. Mas eu estava começando a ficar cansada de tanta preliminar dando em nada.

Segurei a maçaneta, soltei o ar e tentei me recompor.

— Até mais tarde — falei. — Vou ser uma das cinquenta mil garotas gritando, levantando os braços e berrando seu nome.

— Você é a única coisa que eu vejo lá, Luce — respondeu Jude quando saí da caminhonete.

Ele me deu minha bolsa, apoiando o outro braço sobre o volante. Eu queria tirar uma foto para congelar esse momento. Essa imagem me manteria quente nas noites frias de inverno em Nova York, quando eu dormisse sozinha em minha cama.

— É, você também é a única coisa que eu vejo lá —
provoquei —, mas é por causa da sua bunda naquela calça
colada.

Ele riu.

— E eu pensei que eu fosse o campeão mundial da
objetificação.

— Era, Ryder. “Era” é a palavra fundamental aqui.



QUATRO

Pelo menos o banheiro que Jude dividia com Tony era limpo. Limpo para os padrões universitários do sexo masculino.

Tive que ficar embaixo da água escaldante por meia hora para me esquentar por completo. Não conseguia me lembrar de outro banho tão bom, principalmente por saber que era ali que Jude ficava nu pelo menos uma vez por dia. Fechei os olhos e, enquanto o imaginava, esfreguei o corpo com a esponja.

Enrolei uma toalha na cabeça, escovei os dentes e vesti um jeans e o moletom favorito de Jude, o do time de futebol de Syracuse. Ainda tinha o cheiro dele na blusa. Felizmente era um cheiro bom de homem e sabonete, não aquele cheiro que ele exalava depois do treino.

Calcei as botas antes de sair do banheiro, porque Jude não havia exagerado. A casa estava tão bagunçada que alguém podia pensar em chamar uma equipe de

dedetização. Tive que desviar de obstáculos, como garrafas de cerveja, recortes em papelão de mulheres de biquíni e algumas cuecas, para chegar ao quarto de Jude mais rápido. A única coisa que diferenciava o quarto dele do resto da casa era a ausência de mulheres de papelão no chão.

Ao entrar no quarto de Jude, parei quase imediatamente. Aquele não era o mesmo lugar onde eu havia estado meia hora antes. Tive que conferir a foto de nós dois juntos em cima da cômoda para ter certeza de que estava no quarto certo.

Tudo estava limpo, quase brilhando. A cama havia sido arrumada, com os cantos do lençol bem esticados e dobrados. Não havia nenhuma peça de roupa enfeitando o carpete ou outra superfície.

Andando hesitante pelo quarto que não reconhecia, abri a primeira gaveta da cômoda e guardei lá dentro o *nécessaire*. Jude e eu tentávamos alternar os fins de semana quando ele não estava jogando longe de casa. Em vez de deixar só uma gaveta para as minhas coisas, ele havia comprado uma cômoda nova só para mim. O gesto tinha me deixado sem fala.

Fechei a gaveta e olhei em volta. A foto de nós dois juntos chamou minha atenção de novo. Cheguei mais perto

dela e entendi por quê. Uma linha fina cortava o vidro no sentido diagonal, nos separando quase perfeitamente. Peguei o porta-retratos e deslizei o dedo pela rachadura, suprimindo um arrepio.

— Desculpa por isso.

Eu me assustei, a foto escorregou das minhas mãos e bateu na quina do criado-mudo de Jude. O vidro trincou mais uma vez, mas não quebrou.

Certa de que acabaria chorando se ficasse olhando para o porta-retratos quebrado no chão, me virei. Movimento errado.

— Derrubei sem querer quando estava limpando o quarto mais cedo. — Uma garota alta e magra vestida com um uniforme de líder de torcida branco e laranja andava pelo quarto de Jude sem olhar para mim.

— Quem é você? — perguntei cruzando os braços. Mas eu já sabia.

— Adriana. — Ela se aproximou da cômoda de Jude carregando um cesto cheio de roupas dobradas. — Você sabe que nenhuma garota pode entrar no quarto de um jogador antes do jogo, exceto sua Irmã Espiritual? — continuou, abrindo a gaveta de cima para guardar nela as cuecas de Jude.

Duas emoções me invadiram nesse momento, quando vi Adriana Vix, uma garota que era só pernas e seios, mexendo nas cuecas limpas do meu namorado. Raiva, uma raiva primitiva e pura, como a que Jude sentia. E alguma outra coisa que apertava minha garganta e o meu coração, criando a sensação de que ambos poderiam quebrar.

— Sou namorada dele — respondi, tentando não demonstrar minha raiva. — Posso entrar quando quiser. Você pode perguntar ao Jude, se não acredita em mim. E que merda é essa de Irmã Espiritual? Além do óbvio — terminei, olhando para ela de cima e torcendo o nariz.

Ela era bronzeada, tinha cabelo escuro e olhos verdes que se destacavam na pele morena. Suas pernas eram tão longas, que a saia de líder de torcida parecia mais uma calcinha, e como Tony havia comentado com tanto fervor, seus seios eram grandes. Aparentemente, ela não tinha problema algum em mostrá-los ao mundo de um jeito que não deixava nenhum espaço para a imaginação.

— Cada líder de torcida é associada a um jogador do time de futebol. Só aos de melhor desempenho, claro, porque não tem líderes de torcida em número suficiente para atender a todos os jogadores, e não faz sentido ficar cuidando de quem não vai sair do banco — explicou ela,

fechando a primeira gaveta de Jude e abrindo a segunda. Camisas passadas e dobradas eram guardadas de acordo com a cor. É claro. — Eu sou a capitã da minha equipe, e Jude é o astro do time. Somos um par óbvio — concluiu ela, sorrindo para as camisas limpas de Jude.

Era impressionante o impulso que eu sentia de arrancar mechas daquele cabelo escuro e brilhante. Sabia que teria que arcar com as consequências, talvez até uma noite na prisão. Mas eu não me importava.

— Óbvio — repeti com ironia, estreitando os olhos quando ela passou para a gaveta seguinte e guardou três das quatro calças que Jude possuía. — E aí? Uma Irmã Espiritual limpa o quarto, lava a roupa, faz brownies, esse tipo de porcaria de esposa da década de cinquenta? — Ah, aí estava. O tipo de humor que eu precisava para não engasgar com as palavras diante da exótica Barbie líder de torcida.

Ela virou e soltou o cesto de roupa no chão.

— E todas as outras necessidades que eles possam ter — disse ela, sorrindo de um jeito que expressava perfeitamente o significado de sua frase.

Senti minhas mãos fecharem, se preparando para a pancada. Nunca tinha entrado em uma briga de socos com outra garota, mas isso podia mudar... logo.

— Escuta... Adriana, não é? — falei, contornando a cama de Jude e erguendo os ombros até atingir a minha altura máxima. Ela ainda era uns quinze centímetros maior que eu. — Conheço esse jogo que você está fazendo. Já vi muita gente jogando, muitas vezes e de várias maneiras diferentes. Vou poupar o seu tempo e a sua energia contando como ele acaba.

Dei mais um passo à frente e cruzei os braços porque temia que eles agissem por conta própria e enfiassem minhas mãos fechadas bem no meio daqueles olhos verdes.

— Você vai perder. Jude está comigo e eu estou com Jude. Fim. Se quiser mais explicações, pode perguntar para ele.

Adriana comprimiu os lábios por um instante antes de voltar a sorrir com falsidade.

— Você não lava a roupa dele, não limpa o quarto dele e dá para ver só de olhar para você que também não faz o resto, então, para que serve? Um cara tem necessidades. Ele pode ser seu hoje, mas e amanhã? — Ela se apoiou na cômoda e seus dedos deslizaram pelo canto do móvel. Eu não queria aqueles dedos em nada que fosse de Jude. Nunca.

— Muito bem, vou colocar a situação de um jeito que você consiga entender — respondi, unindo meus dedos

embaixo do queixo. — Fica longe do Jude, ou vou chutar a sua bunda no sentido figurativo e no literal. E sorrindo — acrescentei, forçando um sorriso.

Adriana arqueou as sobrancelhas perfeitamente desenhadas e estalou a língua.

— Quer saber o que aconteceu com a última garota que ficou no meu caminho?

Não queria, na verdade. Mas não resisti.

— O quê?

Ela deu de ombros e se dirigiu à porta do quarto com aquelas pernas intermináveis.

— Quem sabe? Nunca mais ouvi falar da garota depois que fui para a cama com o homem que era dela — disse ela, olhando para mim. — Ela se afogou na minha onda. Se vai me enfrentar, espero que saiba nadar.

Essa vadia tinha sorte por eu deixá-la sair do quarto inteira.

— Como um peixe.



Quando atravessei o mar de milhares de torcedores do Syracuse para chegar ao meu assento reservado, a raiva e o

ódio que sentia de Adriana não haviam diminuído nada. A srta. Vix e eu acabaríamos nos estapeando.

Andando de lado diante da primeira fila, equilibrando com todo cuidado o saco de pipocas e o chocolate quente, fiquei surpresa ao ver um rosto conhecido no assento ao lado do meu.

— Ei, você! — gritou Holly em meio ao barulho da torcida, segurando a pipoca para eu poder me acomodar.

— Não esperava que conseguisse vir — respondi, abraçando-a de lado antes de sentar. Syracuse ainda não havia entrado em campo, mas entraria em segundos. Que maravilha. Jude levando o time para o centro do campo para a adoração dos torcedores, aquela calça colada enfatizando os músculos do seu... bem, era uma imagem que eu não queria perder.

Olhando para o túnel de saída do vestiário, cutuquei a perna de Holly.

— Sua mãe aceitou cuidar do pequeno Jude por uma noite?

— Tive que fazer um trabalho de persuasão e prometer que vou cuidar do cabelo dela de graça por um ano, mas, sim, ela aceitou. Ah, também vou ter que fazer permanente em uma dúzia de idosas da casa de repouso da cidade para

pagar pela passagem aérea — contou Holly antes de jogar uma pipoca na boca. — É a primeira noite que passo fora, e considerando a falta de entusiasmo da minha mãe para ficar com o único neto, vai ser a última por um bom tempo, provavelmente. Portanto, hoje vou aproveitar, gata. — Holly deu uma amassada no cabelo e sacudiu as mechas. — Está avisada — acrescentou ao jogar a cabeça para trás. O cabelo loiro e comprido havia acabado de ganhar vários centímetros.

Eu ri e ofereci o chocolate quente. Ela pegou o copo e sorriu para mim.

Depois de saber que ela não era a mãe do bebê de Jude, consegui admirar Holly de um jeito diferente, sem o ciúme de antes. E aprendi a gostar dela. Muito. Não éramos parecidas apenas fisicamente, mas tínhamos personalidades tão similares que era comum terminarmos as frases uma da outra.

O time visitante entrou em campo e foi recebido pelas vairs do estádio inteiro, praticamente. Holly também vaiou e jogou algumas pipocas na direção do campo.

Em seguida as bandeiras brancas e laranja, seguidas por uma equipe de líderes de torcida dando piruetas e chutes no ar, garotas que agora eu odiava, surgiram do vestiário do

time da casa. Não precisei olhar os números no peito dos jogadores para localizar Jude quando ele apareceu correndo atrás das líderes de torcida. Ele tinha um jeito de andar particular, até quando corria, que eu conseguiria identificar mesmo daqui a cinquenta anos.

— Juro que ele anda assim até dormindo — gritei para Holly.

— É, mas o andar de Jude é justificado. Ele anda desse jeito porque confia no seu... talento — disse ela, depois levou aos lábios o copo de chocolate quente.

— É verdade — concordei, mas minha voz sumiu em meio aos gritos da torcida.

O estádio foi à loucura, todos gritavam, cantavam e assobiavam enquanto seu herói conduzia o time até o centro do campo. Em pouco mais de dois meses jogando pela faculdade, Jude havia se tornado uma espécie de lenda. Ele jogava em um nível totalmente diferente do restante dos universitários. Jogava como se fosse um deus do futebol. E seus fãs o idolatravam por causa disso.

Levantei da cadeira, puxei Holly para fazê-la levantar também e gritei e pulei com as outras pessoas. Gritei tanto que estava rouca quando Jude assumiu sua posição perto da linha lateral, bem na direção dos meus olhos. O treinador

estava falando com ele, mas Jude olhava para trás e me encontrou na hora. Essa era a vantagem de reservar o assento na frente e no centro para a namorada. Ele acenou para Holly, piscou para mim e eu respondi jogando um beijo. O sorriso apareceu atrás da grade do capacete antes de ele dedicar toda a sua atenção ao treinador.

— Esse cara tem uma bunda digna de ser olhada e agarrada — comentou Holly, olhando sonhadora para o traseiro de Jude. Eu teria ficado enciumada se fosse outra pessoa. Mas Holly, a melhor amiga de infância de Jude, e só Holly, podia fazer um comentário vulgar sobre o traseiro de Jude sem provocar em mim uma reação típica de uma namorada possessiva. Ela o conhecia desde sempre. Havia conquistado esse direito.

— É um belo atributo para uma garota agarrar na cama — acrescentou Holly, mastigando a pipoca.

Senti o calor no rosto ao visualizar o que ela dizia.

Como se pudesse sentir nossos olhares nele, Jude moveu os braços e bateu no próprio traseiro, sorrindo para mim por cima do ombro antes de se juntar aos companheiros de time.

Cruel.

— E aí — começou Holly, dando uma cotovelada de leve nas minhas costelas —, vocês...?

Olhei para ela de cara feia.

— Isso é um não — deduziu ela, escondendo parte do sorriso com o copo de chocolate.

Vi quando Jude e os outros se espalharam pelo campo depois do chute inicial. A camiseta do número vinte e três chamou a minha atenção. “Hopkins” tinha virado “babaca” graças a uma canetinha e um pedaço de fita adesiva. Jude levou sua revanche a sério.

— Bem, não foi por falta de empenho — respondi, virando na cadeira para olhar para Holly. Uma das melhores características de Holly? Ela não me julgava. Eu podia falar qualquer coisa. Aposto que nem piscaria se eu contasse que tinha o fetiche de chupar dedos do pé. — Da minha parte, pelo menos — acrescentei.

— Você sabe que não é porque ele não quer, não sabe? — disse Holly, olhando para mim. — Ele te quer tanto que está quase explodindo. Só decidiu fazer a coisa “certa”. Ele não quer estragar tudo. Você sabe que ele acha que estragar as coisas faz parte da natureza dele. — Ela fez uma pausa quando Jude se posicionou atrás da linha defensiva. Levantei da cadeira com o restante da torcida. — É só dar um tempo para ele.

— Se for muito mais tempo, vou murchar e morrer e aí não vai fazer diferença se é certo ou errado transar comigo — respondi, cruzando os dedos quando Jude abaixou.

— Garota, conheço essa sensação — respondeu Holly. — Aprontei algumas antes do pequeno Jude.

— Meu Deus, Holly — reagi, quase engasgando com um grão de pipoca. O *center* lançou a bola e eu congelei. Jude inclinou para um lado, depois para o outro, segurando a bola enquanto Tony corria pelo campo. O braço de Jude se moveu rápido, a bola cortou o ar desenhando uma espiral, percorrendo metros até cair nos braços de Tony na marca de quinze.

A multidão explodiu, pompons dançavam no ar, mãos de espuma tremiam, fãs cantavam enlouquecidos.

— Caramba! — gritou Holly. — Nosso garoto não é só mais um rostinho bonito!

— Ele sabe jogar — respondi. — O rostinho é só um bônus.

Holly falou mais alguma coisa, mas Jude se posicionava outra vez, e eu não prestava atenção em mais nada. Dessa vez, ele correu com a bola assim que a pegou. Esquivando-se de dois jogadores que cortaram seu caminho, abriu caminho

além da linha dez, depois da cinco, e as últimas jardas estavam abertas diante dele.

Já tínhamos seis pontos no placar, com menos de um minuto de jogo. E tudo graças ao número 17, Jude Ryder.

Eu pulava e gritava. Holly também gritava, embora seus gritos incluíssem coisas como “bunda linda” e “rostinho bonito”.

Jude derrubou a bola na linha de fundo. Depois de encerrar sozinho a longa e conhecida tradição de derrotas de Southpointe, ele havia abandonado os gestos teatrais pós-*touchdown* ao entrar na universidade.

Mas havia uma tradição que ele não deixava morrer. Eu já me debruçava sobre a grade antes de ele ter ultrapassado correndo a linha de dez jardas. Sentia que metade das pessoas no estádio olhava para mim, porque até os torcedores que só tinham assistido a uma partida sabiam por que Jude Ryder estava tirando o capacete e para quem era aquele sorriso. Para mim.

Nunca fui muito de grandes demonstrações públicas de afeto, mas com Jude eu aceitava todas elas. Não importava se estávamos sozinhos ou diante de milhares de torcedores enlouquecidos. Quando olhávamos um para o outro daquele jeito, todo o resto ficava em segundo plano.

Abrindo caminho entre os companheiros de time, que batiam em suas costas quando ele passava, Jude soltou o capacete antes de pular. Suas mãos agarraram o topo da grade na frente da primeira fileira e ele levantou o corpo.

Eu me debrucei ainda mais, sorrindo e olhando para o seu rosto suado.

— Exibido — sussurrei, tão perto que quase pude sentir o suor em sua pele.

O sorriso dele se tornou mais largo.

— Vem cá — ordenou ele, debochado, olhando para minha boca.

Senti o suor salgado em sua pele quando o beijei. O estrondo da torcida ficou dez vezes mais alto porque todos adoravam o espetáculo proporcionado pelo astro *quarterback*. Mas não estávamos fazendo nada por eles. Fazíamos isso por nós.

Ele não me deixou encerrar o beijo quando recuei. Pelo contrário, conseguiu se sustentar com um braço, enquanto o outro enlaçava minha nuca e me puxava de volta. Jude me beijou com mais intensidade, até o estádio começar a sumir do meu campo de visão.

Depois ele recuou e me deu mais um selinho.

— Meu Deus, Luce — murmurou ele, e o calor de seu hálito envolveu meu rosto —, como um cara vai jogar futebol depois disso?

— Boa sorte — respondi com tom provocante.

— É bom que tenha mais beijos quando o jogo acabar — avisou ele, com um sorriso malicioso quando desceu da grade.

— Tem muitos.

— Ryder! — gritou o treinador. — Sei que não se importa com o papel de bobo, mas eu e o resto do time não gostamos disso! Acalma o pinto e foco!

Jude revirou os olhos para mim antes de voltar correndo para a linha lateral.

— É bom te ver também, Jude! — gritou Holly, cruzando os braços e fingindo que estava aborrecida.

Jude virou e abriu os braços.

— Você sabe que eu te amo, Hol!

— Sei, sei — murmurou ela, acenando.

A Barbie líder de torcida apareceu na frente de Jude com as mãos na cintura e olhou para ele de um jeito que me fez enxergar tudo vermelho. Ela falou alguma coisa que não consegui ouvir. Se soubesse ler lábios, agora eu estaria me

jogando por cima da grade e apagando a tapa aquele sorrisinho sugestivo da cara dela.

Jude assentiu e abaixou para pegar o capacete. Adriana foi mais rápida, pegou o capacete e o tirou do alcance de Jude. Ele tentou recuperá-lo, ela se esquivou e o levantou sobre a cabeça. A expressão de Jude não era de quem estava se divertindo. A minha havia passado de séria a furiosa. Essa menina recorria a técnicas de jardim de infância para chamar a atenção dele. Era bobo. E patético. Eu já tinha visto garotas em outros jogos de futebol flertando com Jude, mas ela estava se superando.

Ela deu um passo para o lado e ofereceu o capacete, mantendo-o alguns centímetros longe da ponta dos dedos de Jude. Ele parou, pôs as mãos na cintura e bufou. Tive a impressão de que ele pedia *por favor*, e ela balançou a cabeça. Adriana olhou para mim e bateu na própria bochecha com a ponta de uma garra, quero dizer, dedo. E esperou para ter certeza de que eu estava olhando. É claro que eu estava olhando.

Por isso, quando Jude se inclinou e beijou seu rosto, ela viu que fiquei roxa. Adriana devolveu o capacete, mas não antes de levantar uma sobrancelha e sorrir para mim com ar vitorioso.

— Quem é a vadia? — perguntou Holly, tão furiosa quanto eu.

Quando Adriana virou para ir se juntar às outras Irmãs Espirituais, abri um buraco em suas costas com o olhar. Planejei minha vingança.

— É a Barbie líder de torcida — respondi. — Futura Barbie morta.



CINCO

— **V**este — disse Holly, jogando um pedaço de tecido vermelho na minha direção. Eu o peguei antes de ele cobrir meu rosto e o segurei na minha frente. Era um vestido tomara que caia justo com comprimento na altura dos joelhos.

— Por quê? — perguntei. A maioria da população masculina considerava esse tipo de roupa sexy. No meu mundo, isso era cafona.

— Porque vai derrotar aquela Vix vadia. — Ela desdobrou um vestido frente única branco muito mais curto do que aquele que tinha me dado.

— Vix vadia — repeti enquanto tirava o moletom do Jude. — O apelido vai pegar.

— Porque foi feito para ela, é perfeito.

Eu ri e tirei a calça jeans, feliz por Holly estar ali. Ela praticamente tinha segurado minha mão até o fim do jogo (que o Syracuse ganhou, graças a um *quarterback* que

conseguiu concluir sete passes para a linha de fundo). Depois de abrir buracos nas costas de Adriana com o olhar e gritar com toda a força dos meus pulmões a cada passe concluído, eu estava exausta, totalmente esgotada. E destruída.

— Que horas são? — perguntei enquanto Holly mandava uma mensagem para alguém.

— Hora de enfiar a bunda nesse vestido e mostrar para a Vix vadia que vingança é um prato que se serve com um acompanhamento fumegante de Lucy.

Suspirei.

— Vai logo, está bem? A rua já está cheia de carros e o time vai chegar daqui a pouco. Você tem que estar lá quando Jude entrar porque ele não vai ter olhos para outra coisa. — disse Holly, antes de tirar a roupa e pôr o vestido.

A festa na casa de Jude depois dos jogos era uma tradição do time. Nunca faltavam mulheres e álcool, e inibição era sempre algo escasso, o que garantia muita loucura. Na última festa, Jude e eu nos escondemos no quarto dele e, com a luz apagada, ficamos namorando. Eu adoraria repetir a experiência hoje.

Holly amarrou o vestido no pescoço e começou a vasculhar o conteúdo do *nécessaire*. Segurando alguns

produtos, ela se aproximou de mim sacudindo as embalagens como se fossem armas.

— Fica quieta — ordenou ela, abrindo o delineador preto.

— Vai ter que me obrigar — respondi, sabendo que discutir com Holly era inútil.

— Não duvide.

Cedi, fechei os olhos e deixei Holly trabalhar. Ela passou em mim delineador, base e brilho labial em menos de um minuto. Era talentosa.

— Qual é o seu número de sapato? — perguntou ela, correndo de volta à mala enquanto eu espalhava o brilho nos lábios.

— Trinta e sete.

— Perfeito. — E tirou da bolsa um par de sapatos de salto de couro preto, que jogou no chão.

Tentei calçar um deles. De jeito nenhum. Uma olhada na sola para ver o número e entendi a dificuldade.

— É trinta e cinco — falei, tentando decidir se era melhor usar minhas botas ou ficar descalça.

— E daí? — perguntou Holly enquanto passava batom cor-de-rosa.

Eu não tinha sido clara?

— E daí... o sapato é dois números menor que o meu. —
Dã.

— A beleza dói, lábios de mel — retrucou ela, calçando as sandálias prateadas de salto alto e tiras finas que tirou da mala. — O sapato é sexy, põe logo e vamos.

— Por que discutir? — perguntei, me encolhendo de dor enquanto tentava enfiar o pé no sapatinho, rezando para não ficar sem dançar por semanas depois de algumas horas com os pés apertados.

— Você poderia. — Holly jogou a cabeça para a frente e sacudiu os cabelos. — Mas seria perda de tempo.

— Eu imaginei — resmunguei, e enfiei o pé no outro instrumento de tortura.

— Muito bem, deixa eu dar uma olhada — pediu ela enquanto punha um brinco. Holly me estudou como um pintor contemplando sua obra de arte e um sorrisinho iluminou o seu rosto. — Tira a calcinha.

— Quê? — Eu nunca estava preparada para as coisas que saíam da boca de Holly. — Não!

— Tira — insistiu ela.

— Tira você — devolvi, mesmo sabendo que agia como criança.

O sorriso ficou ainda mais largo.

— Já tirei, gata.

Estremeci. Era muita informação.

— Holly, não vou tirar a calcinha. Fim de papo.

— Ah, vai. Fim de papo.

Abri a boca, mas não emiti nenhum som. Não tinha certeza de que um argumento lógico seria suficiente diante de sua insanidade.

— Lucy, se quer esfregar a cara perfeita de Adriana Vix no monte de merda que é ela mesma, vai ter que usar os truques que ela usa. Conheço o tipo e sei que jogam sujo. Elas são incansáveis.

Holly se aproximou de mim com as mãos fechadas apoiadas nos quadris.

— Truque número um: o vestido sexy — começou, acenando em direção ao meu corpo. — Truque número dois: olhar para Jude com cara sexy sempre que ele olhar para você. Truque número três: vai se comportar com elegância e graça quando os caras fizerem fila em volta de você. Isso deixa todos eles malucos. — Holly não devia conhecer Jude tão bem quanto imaginava, se era louca o suficiente para acreditar que algum cara em todo o estado tentaria alguma coisa comigo enquanto ele estivesse na mesma sala. — E truque número quatro — ela levantou as sobrancelhas de um

jeito sugestivo —, se Adriana chegar perto dele, você coloca discretamente a calcinha na mão de Jude e se afasta.

Para alguém que não tinha nenhuma sanidade, até que o que ela dizia fazia sentido.

Holly esperou enquanto eu processava todas aquelas informações. Por fim, aceitei que qualquer plano era melhor que nenhum. Levantei o vestido e tirei a calcinha. Graças a “alguém” lá em cima eu tinha escolhido uma de renda que faria Jude subir pela parede.

Amassei a calcinha e mostrei a mão fechada.

— Onde vou guardar isto aqui enquanto espero o momento perfeito para pôr a calcinha na mão dele?

Pronto, ela não tinha pensado em tudo.

Revirando os olhos, Holly tirou a calcinha da minha mão e enfiou no meu decote.

— Feito — concluiu ela, ajeitando o cabelo. — Pode ir.

— Que bom que está aqui, Holly — falei, passando os dedos pelo cabelo e tentando fazer aquela coisa de bagunçar e despentear que ela sempre fazia. — Para me deixar paranoica com a possibilidade de estar quase perdendo meu namorado para Adriana Vix.

— Não é isso que estou dizendo, Lucy Larson — reagiu ela, ofendida. — Sei o que Jude sente por você. Esse tipo de

amor maluco é profundo, gata. Ele não vai desistir. — Holly abriu a porta do quarto de Jude e fez um gesto me mandando sair. — Não é ele que me preocupa. É aquela Vix vadia. Esse tipo de mulher tem o dom de manipular os homens antes que eles percebam o que está acontecendo. São perigosas, por isso é bom mostrar logo que ela não vai pôr as garras no seu homem. Quanto antes isso acontecer, mais depressa ela vai seguir em frente e escolher o próximo casal que quer separar.

Respirei fundo.

— Tudo bem, vamos lá.

— Garota esperta — disse ela, dando um tapinha na minha bunda quando passei. — Hora do show.

A música começou quando estávamos no corredor, um hip-hop alto que fazia o chão vibrar.

— Sei que tem um toque de diva em você, Lucy — comentou Holly quando nos aproximávamos da escada. — Mas hoje vai ter que libertar essa diva. Entendeu?

— Entendi — respondi olhando para a sala, que já estava mais do que lotada. O time de futebol ainda nem havia chegado.

Quando atravessamos o mar de gente, notei que a maquiagem feita por Holly causava o efeito desejado. Cada

homem em um raio de três metros nos seguia com os olhos quando passávamos.

— Ei, babaca! — gritou Holly atrás de mim. — Segura a mãozinha, a menos que queira uma amputação quando estiver dormindo!

O assediador levantou as mãos e recuou.

Bom, talvez a maquiagem fosse um pouco eficiente demais.

— Isso é bom! — gritou ela, mais alto que a música, parando de repente. — A primeira coisa que Jude vai ver quando passar pela porta é você.

— Pensou em tudo, mesmo — reconheci, convencendo a mim mesma que o cara ao meu lado não estava encostando em mim de propósito.

— Localização, localização, localização — disse ela, ajeitando meu vestido e empurrando meus seios para cima. — O cara atrás de Holly estava de boca aberta.

— Para — reagi, empurrando as mãos dela.

— Tudo bem. — Ela os levantou pela última vez. — Só não esqueça: a diva que vai acabar com todas as divas.

Assenti. “Diva, diva, diva. Pense como uma diva. Aja como uma diva. Ser diva é um estado de espírito.” Meus

mantras não estavam ajudando, por isso decidi pôr em prática um pouco da teoria de Holly.

Virando para o cara que fingia que não estava se esfregando em mim, sorri e olhei para ele com os olhos meio fechados.

— Está calor aqui — falei devagar e com um tom rouco.

O garoto safado arregalou os olhos. Dava quase para ver a veia pulsando em seu pescoço.

— Com certeza. — Ele chegou mais perto e segurou a minha cintura com uma das mãos.

— Estou precisando de alguma coisa para refrescar. — Deslizei minha mão direita pelo braço esquerdo como se acalmasse um arrepio que nem existia. Os olhos dele pareciam indecisos entre meus dedos acariciando sua pele e meu decote.

Umedecendo os lábios, ele chegou mais perto. Perto o suficiente para eu saber que... aham, acertei na mosca.

— Acho que aceito o desafio — anunciou ele, com um sorriso.

— Ei, sr. Apressadinho — interferiu Holly. — Ela está falando de uma bebida. Uma bebida gelada.

O cara balançou a cabeça, pigarreou e recuou.

— Ah, sim, é claro. Vou buscar. — Depois de olhar para mim mais uma vez por um longo instante, ele começou a se mover no meio da multidão a caminho da cozinha.

— Sabe que não vai beber nada que ele trouxer, não sabe? — disse Holly enquanto o víamos partir em sua cruzada de um homem só.

— É claro que sei — respondi. — O que achou da diva?

— Você nasceu para isso. Continue trabalhando.

A música parou de repente, e alguns instantes de silêncio pulsaram na sala antes de “Eye of the Tiger”^[2] explodir dos alto-falantes. Todas as honras aos vencedores. O time estava chegando. Se a música não os tivesse anunciado, a cantoria que começou do lado de fora teria feito o trabalho.

— Hora do show — avisou Holly, com uma leve cotovelada.

— Dá para parar de me cotovelar? — cochichei. — Quando você for embora amanhã, vou ficar parecendo um dálmata.

— Ah, que exagero — resmungou ela, olhando para a porta da frente. — Diva.

— Chata.

— Aaah. Magoei — disse ela, usando o cotovelo de novo.

Dessa vez me esquivei a tempo.

O *kicker*, Kurt ou Kirk, foi o primeiro a passar pela porta abraçado a uma das líderes de torcida, sua Irmã Espiritual, sem dúvida. Atrás do *kicker* cujo nome começava com K, entrou Tony, ao lado de uma morena baixinha e saltitante.

Os jogadores nunca haviam chegado assim antes. Jude normalmente entrava gritando antes de todo mundo, berrando alguma obscenidade antes de me achar e me levar para um canto onde a gente pudesse ficar a sós.

Eu sabia quem e o que eram responsáveis pela mudança. Adriana Vix e seu plano nojento de me pôr para fora junto com o lixo.

— Tudo bem, Lucy, na posição — avisou Holly enquanto me colocava bem ao lado da porta. — Ela vai aparecer a qualquer momento.

— De jeito nenhum. — Não contava com Jude entrando tão cedo. Sabia que ela ia deixar sua entrada para o *grand finale*.

— Aqui, apoie o quadril — disse Holly, me empurrando até eu bater em uma velha mesinha de canto. De pé na minha frente, ela posicionou meu quadril como achava que devia ser depois segurou a minha mão. — Mão no quadril, um pé cruzado na frente do tornozelo. — Seus olhos

encontraram os meus com uma dose a mais de seriedade. — Quando ele entrar e vir você aqui, quero que faça cara de inocente e abra um pouco a boca, como se estivesse tendo um orgasmo. Entendeu?

— Tem certeza? — perguntei, por que não tínhamos tempo para explicações. Eu já estava vendo o topo da cabeça de Jude na escada da frente. Outra cabeça de cabelos escuros e brilhantes apareceu em seguida, alguns centímetros mais baixa.

— Coloca o prego no caixão dela — concluiu Holly, batendo com um punho na mão aberta antes de desaparecer no meio da multidão.

Apesar de ele estar meio escondido entre as pessoas, meu coração disparou assim que Jude entrou na sala. Mesmo com a “coisa” pendurada em seu braço, vê-lo era o suficiente para me deixar de pernas bambas.

Como era de se esperar, Adriana sorria como se pisasse no palco do Miss América. Sério, eu ia fazer aquela criatura chorar se ela não largasse o braço de Jude. Entrando na sala como se fosse a atração principal, ela acenava para todo mundo. Usava um vestido azul-turquesa simples e curto que exibia suas pernas bronzeadas e brilhantes.

Todo mundo gritava “Ry-der, Ry-der, Ry-der” e meu coração batia duas vezes por sílaba. Ele havia trocado o uniforme por uma camiseta branca e justa com decote em V e jeans escuro que realçava o quadril. O tênis Converse gasto completava o visual.

Estávamos juntos havia mais de um ano, indo e voltando, e Jude ainda conseguia me fazer suspirar só de olhá-lo. Eu ainda não tinha conseguido entender o que aquele cara viu em mim, mas o plano era fingir até corresponder à expectativa. Um dia eu esperava me tornar a garota que Jude merecia ter.

Jude e Adriana andavam abrindo espaço entre as pessoas, que se afastavam para eles passarem, formando um corredor que terminava exatamente onde eu estava, meio apoiada na mesinha, com a mão no quadril e boca e olhos prontos para encenar meu papel. Holly não podia ter me colocado em um lugar melhor.

Adriana me viu primeiro, e seu rosto se contorceu num sorriso gelado enquanto os dedos apertaram ainda mais o braço de Jude.

Apesar disso, não me desviei do plano, resisti ao impulso de esbofetear a cara dela e fui recompensada pela força de

vontade. Jude não só olhou para mim, como parou onde estava. Não piscava.

— Uau — murmurou olhando para mim, deixando os olhos descerem e subirem pelo meu corpo.

Abri um pouco mais os olhos, pisquei lentamente e projetei toda inocência de que era capaz. Depois, mordendo o lábio inferior de um jeito sugestivo, abri um pouco a boca. Esperava deixar Holly orgulhosa.

Jude podia ter caído onde estava. Adriana franziu a testa. Eu devia essa a Holly. E a dívida era grande.

Soltando-se da mão pegajosa de Adriana, ele atravessou a sala e veio em minha direção. Adriana pôs as mãos na cintura e tive a impressão de que ela explodiria. Coisa linda.

Mais lindo ainda era o cara sorrindo para mim e empurrando as pessoas que estavam no caminho, se movendo tão depressa quanto era possível. Quando me alcançou, seus olhos lembravam os do Bambi.

— Caramba, Luce — disse ele, meio ofegante, me olhando de novo com o entusiasmo e a antecipação de quem vai abrir um presente.

Não falei nada. Apoiei as mãos em seus ombros e coleí o corpo ao dele. Ele abriu a boca surpreso. Graças ao salto alto,

não precisei ficar na ponta dos pés para beijar sua boca como se tudo que tivéssemos na vida fosse esse momento.

Um instante depois, vencida a perplexidade inicial, as mãos dele desceram até meu quadril, me agarrando com uma urgência que contraiu os músculos das minhas coxas. As pessoas assobiavam diante da demonstração “muito” pública de afeto, e quando Jude deixou a mão escorregar ainda mais e agarrou a minha bunda, eles começaram a gritar.

Deslizei as mãos por seu pescoço para tocar o rosto. Olhei para aqueles olhos famintos e senti o calor de seu hálito em mim.

— Ótimo jogo.



SEIS

— **A**cho bom não estar olhando para onde eu acho que está olhando, Kurt — avisou Jude quando voltou com duas cervejas, esclarecendo finalmente o mistério do nome do *kicker*.

— De jeito nenhum. — Kurt levantou a cerveja para mim antes de sumir no meio da multidão.

— Sei — resmungou Jude, me entregando uma cerveja antes de apoiar a mão do meu lado. — Não que eu possa culpar o cara.

Bati a garrafa na dele e bebi um gole.

— Mas vai chutar a bunda dele se ele fizer isso de novo? — adivinhei.

— Ah, vou. — Jude aproximou o nariz do meu pescoço e foi descendo, deixando uma trilha de beijos. A garrafa escorregadia quase caiu da minha mão. — Isso vale para você também, Denoza — avisou Jude, olhando para um dos jogadores perto de nós enquanto continuava deslizando a

boca úmida pela linha da minha clavícula. — E vou começar arrancando seus olhos.

— Desculpe, Ryder. Desculpe, Lucy — respondeu Denoza, acanhado. — O que eu posso dizer? Sua namorada foi feita para ser apreciada.

— Exatamente — concordou Jude, colocando-se na frente do jogador e bloqueando por completo sua visão. — Por mim.

Denoza levantou as mãos.

— Não rolou nada, cara — disse ele, antes de olhar para uma garota esparramada na escada.

— Depende do ponto de vista — resmungou Jude antes de virar de costas para Denoza. — Você ainda vai me matar, Luce — disse, e a boca se contorceu quando ele voltou a olhar para mim. — Sou um filho da puta durão. Posso brigar com todos esses caras, um perdedor por vez, mas eles podem vir todos de uma vez só e acabar comigo.

— Quer que eu troque de roupa? — sugeri, e dei um passo em direção à escada.

— Merda, não. — Jude segurou a minha mão e me puxou de volta. — Só queria que isso fosse uma festa para dois para eu poder ter você só para mim.

Levantei os braços, enlacei seu pescoço e comecei a balançar no nosso ritmo.

— Somos só você e eu, baby — falei, apoiando a cabeça em seu peito e fechando os olhos quando os braços dele me envolveram. A música não era a ideal, a quantidade de gente também não, mas o jeito como Jude me abraçava era perfeito.

Menos de um minuto mais tarde, a música foi interrompida de repente. Jude e eu continuamos dançando no silêncio.

— Muito bem, pessoal — uma voz conhecida falou pelo microfone. — Está na hora de fazer uma brincadeira nova que vai se tornar a favorita nessas festas pós-jogo.

Pensei que passaríamos a noite toda dançando.

Com um suspiro, levantei a cabeça do peito de Jude para ver que carta a vadia tinha na manga agora.

— Como todos sabem, no começo do ano, cada novo jogador tem uma Irmã Espiritual designada para ele. — Revirei os olhos quando o grupo de meninas se reuniu em torno de Adriana para incentivá-la. — Nosso objetivo é tornar a vida deles mais fácil porque assim eles podem se dedicar a ganhar os jogos todos os sábados.

A sala explodiu em gritos e aplausos.

— Mas um cara também precisa se divertir, certo? — As sobrancelhas de Adriana se ergueram sugestivamente quando o barulho subiu a um nível ensurdecedor. — Portanto, essa noite marca o início de uma nova tradição da Irmã Espiritual. — Estendendo o braço que mantinha escondido às costas, ela mostrou uma garrafa de vodca. Outra explosão de aplausos e gritos para uma garota bonita segurando uma garrafa de bebida.

Que deprimente.

— Não vamos só lavar roupas e fazer brownies, vamos deixar vocês bêbados também! — Adriana esperou todo mundo ficar quieto para continuar. Eu me senti enojada antes mesmo de os olhos dela encontrarem Jude. E encontraram. — Cada Irmã Espiritual vai servir uma dose para o seu jogador, e vamos começar pelo *quarterback*.

Ah, era o que eu estava esperando. Ela estava usando essa desculpa esfarrapada de jogo e “espírito de equipe” para tirar Jude de perto de mim. Holly havia acertado ao prever os truques que ela usaria, infelizmente.

— Estou falando de você, Jude Ryder! — gritou Adriana no microfone, mostrando a garrafa para ele.

Jude gemeu e olhou para mim. Mas, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, um grupo de jogadores começou

a empurrá-lo para a frente da sala.

— Não se preocupe, acompanhante de Jude esta noite, ele já volta — avisou Adriana, sorrindo para mim de um jeito malicioso. Eu queria tirar aquele sorriso de seu rosto a tapa. Movimento inteligente, referir-se a mim como alguém com quem ele só passaria uma noite. — Isto é, se ele quiser voltar depois do nosso joguinho.

Dois caras perto dela assobiaram e gritaram. Taylor estava certo desde o começo. Os homens realmente evoluíram dos macacos.

Depois de empurrar Jude para perto de Adriana, os jogadores recuaram para assistir ao espetáculo. Eu não gostava de como Jude e Adriana estavam próximos, considerando que tinham quase a mesma altura. Eles se encaixariam com perfeição. Por que eu pensava nisso era algo que não sabia, mas a imagem de Jude deitado em cima de Adriana enquanto a beijava me fez sentir vontade de gritar.

— É assim que funciona — explicou Adriana, olhando para Jude, que massageava a nuca e parecia meio atordoado. — Copinho. — Ela mostrou um copo pequeno. — Uma dose — continuou ela, despejando o líquido transparente no copo.

Depois, Adriana entregou a garrafa a uma companheira de equipe e levantou um dedo para as pessoas na sala, que se olhavam como se não entendessem o que havia de tão interessante naquilo.

Baixando um pouco o decote do vestido, ela encaixou o copo entre os seios.

— Divirta-se — instruiu. — Não vale usar as mãos.

Ah, não.

Os outros rapazes haviam se tornado um só ser, todos levantando os braços e gritando ao mesmo tempo.

Adriana conseguiu se inclinar para a frente sem derrubar uma gota do líquido, depois olhou para mim.

— O que está esperando, Jude? — insistiu ela, sem desviar os olhos dos meus. — Bebe.

— O que está fazendo aí parada, sua idiota? — sussurrou Holly do meu lado, me empurrando para a frente da sala. Ela enfiou a mão no meu decote, pegou a calcinha e colocou na minha mão. — Vai lá e acaba com o joguinho da vagabunda.

Holly teve que me empurrar mais uma vez, mas saí do estado de torpor e segui em frente. Passando no meio das pessoas que gritavam “Ry-der” e brandiam punhos erguidos, eu segurava a calcinha e olhava para Jude, que olhava para mim. Eu tinha sua atenção, provavelmente

porque ele temia que um de seus companheiros de time aproveitasse para olhar para mim. Nesse momento, eu levaria a atenção dele para onde quisesse.

— A bebida está esquentando — falou Adriana ao microfone, balançando os seios de leve. Dessa vez ela derramou algumas gotas do líquido no vestido.

Passando pelos últimos grandalhões que ainda estavam entre mim e Jude, cheguei perto do meu *quarterback*. Enganchei o dedinho no dele e esperei que abrisse a mão. Assim que isso aconteceu, pus a calcinha de renda em sua mão, levantei uma sobrancelha e segui em frente.

Eu me afastei de Jude, que continuava perto de Adriana enquanto o time todo e a sala inteira esperavam que ele bebesse uma dose de vodca do “Peito’s Bar”. Estava quase passando mal de aflição. Mas não podia voltar atrás. Tinha que confiar na sabedoria de Holly, a devoradora de homens. Torcia para que ela soubesse o que estava fazendo.

Tinha menos gente no corredor, e quase ninguém quando entrei no banheiro, no fim dele. Fechei a porta, apoiei as mãos na pia e me concentrei em respirar.

Antes de completar um ciclo de inspiração e expiração, a porta se abriu. Só uma fresta. Olhei pelo espelho e sorri ao ver o rosto perplexo de Jude.

— Acho que você perdeu alguma coisa — disse ele, com a voz baixa, levantando a mão com a minha calcinha pendurada no dedo.

Meu sorriso se alargou tanto que se tornou quase dolorido.

— Parece que a pessoa certa a encontrou.

Jude entrou e fechou a porta. O banheiro era pequeno e esse era um adjetivo generoso. Com nós dois lá dentro, eu mantinha o quadril meio apoiado na bancada da pia enquanto as costas de Jude estavam coladas à porta do boxe.

— Então isso significa...? — Ele olhou para baixo, para o meu corpo, para o meu quadril.

Senti cada músculo dentro de mim se contrair, depois relaxar.

— Por que não descobre? — sussurrei, ofegante.

Os olhos de Jude continuaram cravados em um ponto ao sul do meu umbigo enquanto um sorriso crescia em seu rosto.

— Com todo prazer — respondeu ele, com voz profunda e rouca.

Jude se atirou contra mim e, ao mesmo tempo, me pôs em cima da bancada. Sua boca cobriu a minha e a língua a invadiu explorando cada centímetro. Eu estava tão atordoada

que bati a cabeça no espelho tentando acompanhar o ritmo dele.

Bem no meio do beijo, Jude recuou de repente e olhou para mim ali sentada na bancada, arfando como se tivesse acabado de correr dois quilômetros em dois minutos. Olhando para o espaço entre as minhas pernas, ele franziu a testa como se fosse responder à pergunta mais complicada do mundo. Agarrando minha cintura, me puxou para a beirada da bancada. Com uma das mãos na parte interna de um joelho, ele o empurrou para o lado. E repetiu o gesto com o outro joelho antes de se colocar entre as minhas pernas.

Depois Jude segurou a barra do meu vestido com as duas mãos e o levantou devagar, os polegares deslizando pela pele sensível da parte interna das minhas coxas. Meu coração batia acelerado.

E ele ainda nem havia me tocado “lá”.

Os dedos continuaram levantando o vestido. O tempo todo, Jude olhava nos meus olhos. Como se quisesse ver cada reação estampada em meu rosto enquanto me tocava.

Mais um pouco e o vestido chegou ao meu umbigo. Meu corpo suplicava por alívio, pulsava mais intensamente do que nunca.

O polegar de Jude continuou subindo por dentro de uma coxa. Quando ele o removeu, quase choraminguei alto. Então, quando ele me tocou de novo alguns centímetros mais para cima, onde o pulsar era mais intenso, eu gritei. Agarrei as beiradas da bancada e me forcei a continuar olhando dentro daqueles olhos escuros.

Ele resmungou alguma coisa com voz rouca.

Eu não conseguia falar. O momento me deixava sem palavras.

Jude se aproximou e beijou o canto da minha boca.

— Eu te amo — sussurrou perto do meu ouvido, um instante antes de começar a mover o polegar em círculos lentos.

Joguei a cabeça para trás, bati no espelho de novo, mas a dor era boa comparada à pressão intensa que se espalhava por meu corpo em ondas.

Minha respiração era curta enquanto meu corpo se contraía. Eu estava muito perto.

— Amo muito você, Luce — declarou Jude, entre um beijo e outro. Agora a boca explorava meu pescoço.

Isso era tudo de que eu precisava. Meus dedos apertaram suas costas e meu corpo explodiu contra o dele.

Quando os músculos relaxaram, eu me encolhi em seus braços. Consegui suspirar, apesar da respiração arfante. E sentia seu sorriso em minha pele.

Putá merda. Eu sabia que meu corpo ainda estava inteiro, mas em alguns momentos tive a sensação de que ele se fragmentava a partir do centro. Não conseguia acalmar a respiração e as minhas pernas ainda tremiam quando Jude chupou meu ombro.

Quando inclinei a cabeça para trás, alguém abriu a porta do banheiro e acertou Jude.

— Ops. Acho melhor encontrarmos outro banheiro para você. — Holly olhou por cima do ombro de Adriana, piscando para mim com ar conspirador. A garota viu a cena, eu estava sentada no balcão com as pernas em volta de Jude e ele me beijava. Lágrimas inundaram seus olhos vermelhos, sinal de que não eram as primeiras da noite. — Esse está... ocupado — acrescentou Holly, piscando para mim antes de levá-la dali segurando-a pelo braço.

Mas os olhos de Adriana encontraram os meus antes de ela se afastar. Sorri para ela com meus lábios ainda entreabertos por conta da respiração ofegante. Sustentando o olhar, cravei as unhas nas costas de Jude e inclinei a cabeça para trás, oferecendo uma área maior do meu

pescoço. Não precisei falar uma só palavra para Adriana entender o recado. Estava bem claro.

Jude era meu.

Quando a porta voltou a se fechar, os movimentos da boca de Jude se tornaram um pouco mais lentos. Depois de uma última mordida de leve na minha clavícula, ele levantou a cabeça. Com expressão orgulhosa e feliz, ele avaliou o efeito que causou em mim.

— Acho que ela entendeu o que “rolou” quando a deixei com um copo de vodca nos peitos — disse ele, apoiando as mãos na bancada da pia.

— Acho que sim — respondi, descendo da bancada porque minhas pernas estavam adormecidas. Péssima ideia. Nada funcionava como devia e eu caí. Os braços de Jude me envolveram, me ampararam. — Parece que mostrei a ela — concluí, me agarrando aos braços dele enquanto voltava a sentir as pernas.

— Mostrou o quê? — Jude franziu a testa.

— Que é melhor ela manter as mãos e os olhos longe do meu namorado — respondi, com os pensamentos ainda confusos.

Jude manteve a testa franzida por um momento, depois sua expressão suavizou.

— Então era isso. — Ele olhou para o meu vestido, ainda enrolado em torno da cintura. — Não era? A noite toda teve a ver com Adriana, não comigo.

Ah, não. Eu não devia ter falado nada.

— Não, isso foi para você — respondi, e abaixei o vestido depressa.

— Não mente para mim, Luce — disse ele, com os músculos da mandíbula tensos. — Tudo... o vestido, os sorrisinhos e os olhares quentes... a calcinha, o orgasmo no banheiro quando Adriana entrou “acidentalmente” seguida por Holly... tudo foi só uma encenação de namorada ciumenta.

— Não. O banheiro foi uma grande e incrível surpresa — retruquei. — Pelo menos até agora. Não tem nada de incrível em meu namorado me chamando de mentirosa e ciumenta.

— Isso aqui não foi planejado — deduziu ele, apontando o banheiro —, mas o resto foi. Você não se importou quando Adriana pegou a gente bem no meio do lance.

Por que ele estava se comportando desse jeito? Jude quase nunca levantava a voz para mim. Com todo mundo, é claro, mas não comigo. E o fato de ele estar gritando agora por causa da Adriana me deixava triste e furiosa, na mesma medida.

— Se é isso o que ela precisa, ver você me pegando em cada canto da casa, então sim! Definitivamente, não me importo! — Ótimo. Agora eu estava gritando.

Jude se afastou de mim tanto quanto o banheiro permitia. O contraste entre a intimidade que tínhamos acabado de viver e a sua intenção de ficar o mais longe possível de mim fazia meu coração doer.

— Então, depois de tudo, depois de todo esse tempo... — Ele fez uma pausa, e inspirou pelo nariz como um touro pronto para atacar. — Você ainda não confia em mim?

Ele esperava a minha resposta, mas eu ainda não tinha nenhuma. A pergunta me surpreendeu, não era o que eu esperava. Era isso? Eu não confiava nele? A resposta instintiva era “é claro que confio”, mas então, por que me comportava como uma namorada maluca, paranoica? Se confiava em Jude, que importância tinha se Adriana se jogava ou não em cima dele?

Não queria admitir a verdade. Nem para mim mesma.

— É — disse ele, abrindo a porta —, exatamente o que eu pensava. — E olhou para mim. — Toma, pode ficar com isto agora. — E atirou a calcinha para mim. — Jogou bem. Fico feliz por ter sido uma peça importante no seu joguinho.

— Jude!

— Lucy, me deixa sozinho! — Ele desapareceu no corredor.

Jude só me chamava de Lucy quando estava magoado ou furioso. Acho que ele estava inundado pelos dois sentimentos, mas deixá-lo sozinho não era algo que eu pretendia fazer.

Não quando sabia que um par de braços o esperava logo ali na esquina, mais que ansiosos para recebê-lo.



SETE

O único tempo que perdi foram os trinta segundos necessários para vestir a calcinha. No corredor, dei uma olhada rápida na sala lotada e não o vi. Se não estava onde todo mundo podia vê-lo... meu estômago se contraiu quando pensei em quem o estava consolando e onde estavam trancados.

Subi a escada e fui em direção ao quarto de Jude. Era irracional pensar que Adriana já tivesse posto as garras nele, em algum nível eu sabia disso, mas não tinha como parar o trem desgovernado que era minha cabeça.

Não bati antes de invadir o quarto, mesmo sem ter certeza de que queria ver o que poderia encontrar lá. Suspirei aliviada ao vê-lo escuro e vazio. Quando estava me preparando para sair e continuar procurando em outros lugares, notei alguém no chão ao lado da cama, encolhido.

Os cotovelos descansavam sobre as pernas flexionadas, a cabeça abaixada entre elas. Ele parecia arrasado. O que eu

tinha feito?

Fechei a porta e atravessei o quarto.

— Jude?

— Vai embora, Luce — disse ele, baixo, tão baixo que era quase um sussurro.

— Não. — Contornei a cama e cheguei mais perto dele.

— Vai embora — repetiu Jude, cruzando os dedos sobre a nuca.

Ele nunca havia dito essas palavras para mim. Nunca. E agora foram duas vezes em menos de cinco segundos.

Tirei os sapatos e sentei no chão ao lado dele.

— Não — repeti. — Você está bravo comigo e eu com você. Vamos resolver.

— É, estou furioso com você — confirmou ele, olhando para o chão. — Mas tenho um bom motivo para estar. Por que você está brava comigo?

Abri a boca para respondê-lo.

— É melhor que a resposta não tenha “Adriana” nela.

Eu não gostava de como ele falava o nome dela.

— Mas tem.

Jude balançou a cabeça.

— Está brava comigo por causa da Adriana — resumiu ele, sem esconder o sarcasmo. — Uma garota para quem

nunca olhei e nunca toquei de um jeito errado. Legal. Faz todo sentido, Luce.

Senti meu sangue ferver.

— Não se faça de idiota. Sabe muito bem que ela deixaria você tocar aquele corpo de qualquer jeito, como quisesse.

Jude bufou.

— É, bom, só para sua informação, tem várias garotas aqui que deixariam eu fazer o que quisesse com elas. O que não falta no mundo são Adrianas, Luce. — Ele fez uma pausa, enquanto eu tentava não calcular mentalmente o número de mulheres que se jogavam em cima de Jude todas as noites em uma semana. — Mas sabe o que me faz dizer não sempre? Por que nem noto essas garotas e seus joguinhos para chamar a atenção? — Ele não esperou minha resposta. — Você, Luce — declarou com a voz cansada. — Tem muita Adriana por aí, mas você é uma só. E é a pessoa com quem eu quero estar.

Ele dizia todas as coisas certas e, na verdade, não havia me dado nenhum motivo para duvidar dele desde que pensei que fosse o pai do bebê de Holly, mas eu não estava pronta para desistir. Não depois de toda a merda que Adriana havia jogado em cima de mim o dia inteiro.

— Ela lava sua roupa, Jude, e você deixa — comecei, lamentando não ser inteligente o suficiente para calar a boca na hora certa. — Ela limpa o seu quarto. Você entrou com ela na festa, em uma sala cheia de gente. Ela passa a mão nas suas cuecas limpas. Droga, Jude!

Eu estava jogando tudo em cima dele. Tudo que havia guardado o dia inteiro, quando teria sido mais construtivo ir extravasar a raiva na pista de dança.

Jude olhou para mim, e não sei se era a escuridão do quarto ou sua cor verdadeira, mas os olhos dele estavam negros.

— Não ouviu o que acabei de dizer? — perguntou ele, rangendo os dentes. — Não percebeu que eu declarei que só quero você? Mesmo quando se comporta como uma namorada maluca? — Jude ficou em pé.

— Sim, eu ouvi. — Também levantei e parei ao lado dele. — Sou sua namorada, a única que você quer fazer gemer no banheiro. Sim, entendi. — Minhas palavras o magoavam, eu via como cada uma delas aprofundavam as linhas em seu rosto. — Mas você aceita que ela cuide de você como se fosse sua esposa. — Arranquei as cobertas da cama arrumada. — Pode não querer essa garota intimamente, mas deixa que ela faça parte da sua vida de um jeito íntimo.

Jude me olhava como se não reconhecesse a pessoa diante dele.

— Tudo bem. — Ele arrancou as cobertas da minha mão e tirou o resto da roupa de cama, enrolou tudo e jogou do outro lado do quarto. — Feliz? — perguntou ele, e se dirigiu à cômoda. Jude abriu a gaveta, tirou-a dos trilhos e carregou até a janela. Abriu a janela e virou a gaveta, jogando tudo que havia nela lá embaixo. Uma chuva de cuecas limpas. A gaveta caiu atrás delas. — Feliz agora? — perguntou de novo, levantando as sobrancelhas para mim enquanto eu permanecia paralisada ao lado da cama.

Atravessando o quarto outra vez, ele pegou a segunda gaveta da cômoda, correu até a janela e jogou as camisas para fora.

— Ainda não está feliz? — Jude repetiu o procedimento com a terceira gaveta e a jogou lá embaixo. O barulho ecoou no quarto.

Finalmente, ele olhou para mim. Seu peito arfava e os olhos brilhavam. Ele estava descontrolado.

— O que falta, Luce? O que mais quer que eu jogue fora? — berrou. — Hã? Deve ter mais alguma coisa que eu possa quebrar para provar o meu amor por você. O que é? — Descontrole. Ele andava pela beira do precipício, como eu o

vi fazer tantas vezes antes. Tudo por minha causa. Eu adorava saber que tinha poder sobre ele, mas não esse tipo de poder.

— Jude — murmurei, quase incapaz de produzir algum som. — Para.

— Parar? Por quê? — Ele abriu os braços e girou. — Estou provando o meu amor por você. Vai, Lucy! O que mais posso estragar para você ficar feliz?

— Nada — sussurrei mordendo o lábio.

— O quê?

— Nada — repeti, olhando para ele. — Não era nada disso, Jude. Por que tem que surtar toda vez que eu questiono alguma coisa que você faz?

Uma ruga surgiu em sua testa.

— E você?

Eu não tinha uma resposta. Olhei para ele, vi que meu ciúme e minha insegurança o haviam diminuído. Eu devia ser a pessoa que o confortava e apoiava, mas hoje fiz tudo, menos isso. Uma lágrima escapou do meu olho.

Jude a viu descer por minha face. E ficou tenso.

— Fala o que eu devo fazer, Luce. Fala o que quer de mim. Porque eu vou fazer. Eu faço qualquer coisa — disse ele, cruzando os braços nas costas e olhando para mim como

se tivesse medo que eu desaparecesse. — Quer que eu mande a Adriana ir se ferrar e nunca mais olhe para a cara dela? Tudo bem. Quer que eu nunca mais fale com outra mulher até o fim da vida? Eu topo. — Ele atravessou o quarto, parou na minha frente e me segurou pelos braços. — Eu faço qualquer coisa. É só me falar o quê. — E me segurou enquanto esperava minha resposta.

Eu não tinha uma.

— Você é tudo que eu tenho, Luce. Faço qualquer coisa para não te perder. Fala o que eu estou fazendo de errado e eu conserto.

Esse homem já havia enfrentado muita coisa. Por que eu o obrigava a suportar ainda mais?

— Você não está fazendo nada errado, Jude — respondi, engolindo em seco. E não estava. Ele era o namorado dos sonhos. Tinha tudo para ser um companheiro para a vida toda. — Sou eu. Eu fiz tudo errado essa noite. — Segurei meu rosto com as duas mãos e apertei, tentando apagar as linhas que o marcavam. — Vi Adriana louca por você e deixei a insegurança me transformar em uma doida. Eu confio em você. Não confio nela.

Ele soltou o ar pela boca.

— Confia em mim?

Senti um nó na garganta por ele ter que perguntar.

— Sim, confio.

— Você me ama?

— Sempre — respondi afagando seu rosto.

— Então, que se foda Adriana Vix.

Levantei uma sobrancelha.

— Alguém que não for maluco pela namorada pode cuidar disso — explicou ele, com uma risadinha. — Não deixe ninguém se colocar entre a gente, Luce. Isso que temos já vai ser difícil sem pessoas como Adriana Vix complicando a situação.

— Eu sei — reconheci, e desviei o olhar. — Às vezes, tenho a sensação de que só estou esperando o chão se abrir sob nós, sabe? — Eu me sentia culpada por admitir, mas era realista, e casais como Jude e eu sempre tinham todas as probabilidades contra eles.

— Eu sei, baby, eu sei. Mas, quando isso acontecer, a gente se agarra a uma corda e espera passar.

Assenti, imaginando se era o tipo de vida que Jude e eu podíamos esperar de agora em diante. Momentos de paixão ardente interrompidos por mal-entendidos, seguidos por reconciliações sinceras. Não seria um jeito ruim de viver.

— Vem cá, então — disse ele, e segurou minhas mãos.
— Vem para a cama comigo. — E me levou para a cama sem lençóis, tirou os sapatos, me apertou entre os braços e caiu em cima do colchão.

Jude me virou de lado, colocou o corpo às minhas costas e me aninhou entre seus braços e pernas.

— Discutir com você é exaustivo — disse ele, perto da minha orelha e no meio de um bocejo. — Não vamos discutir nunca mais.

— Tudo bem — menti. A ideia era ótima, mas Jude e eu nunca a poríamos em prática se ficássemos juntos. Pessoas como nós não passavam pela vida sem uma boa briga aos berros de vez em quando. Essa era a realidade. Mas a realidade era muito mais fácil de encarar com Jude agarrado a mim como agora.

Ficamos ali por um tempo, silenciosos e quietos, sentindo o calor um do outro. Uma brisa entrou pela janela e acariciou meu rosto. Eu sorri.

— Espero que tenha mais cuecas escondidas em algum lugar — falei, e dei uma cotovelada de leve em suas costelas ao lembrar das gavetas jogadas pela janela.

— Não tenho — respondeu ele, sonolento. — Não tinha nenhuma cueca limpa hoje de manhã.

— Espera. Isso significa...?

— Isso — confirmou ele, enfiando o rosto no meu pescoço já meio dormindo. Esta noite eu dei a ele um passe livre. Jude ganhou um jogo importante, me fez sentir coisas que uma garota não devia sentir em cima da bancada da pia do banheiro de um garoto, discutiu comigo e se impôs, além de conseguir dizer exatamente o que devia para me acalmar. Ele tinha o direito de estar exausto.

Sorrindo, me aninhei em seus braços.

— Isso poderia ter tornado tudo bem mais interessante no banheiro.

Senti o sorriso em meu pescoço antes de pegar no sono também.



OITO

Jude não estava mais enroscado em mim como se me protegesse do mundo, mas estava perto. Qualquer que fosse o laço que tínhamos construído nos meses tumultuados em que estivemos juntos, na noite passada passamos a um novo nível. Algo maior.

— Estou sentindo você olhando para mim — falei, mantendo os olhos fechados e me ajeitando no travesseiro dele. O travesseiro com o cheiro de Jude. Talvez por isso eu tenha tido sonhos tão doces.

A mão dele segurou a minha, levando-a à boca.

— Desculpa, Lucy — pediu ele, depois beijou meus dedos. — Não queria te acordar. Volta a dormir. — E virou minha mão para beijar o lado de baixo.

— Como uma garota consegue dormir enquanto você faz isso? — sorri e abri os olhos.

Os olhos de Jude brilhavam com o sol da manhã. Um canto de sua boca se ergueu.

— Não consegue — disse Jude, e pulou em cima de mim.

— Que bom — respondi, desejando ter um minuto para escovar os dentes e dar um jeito no cabelo, mas com Jude esses momentos relaxados eram raros, e eu não ia correr o risco de me afastar agora, quando todos os motores estavam ligados. — Dormir é superestimado.

A mão dele deslizou pelo meu corpo, passou por cima das costelas e parou sobre o peito.

— Sim, é — murmurou ele, beijando a região embaixo da minha orelha.

Que jeito lindo de acordar.

— Trancou a porta? — provoquei, me ajeitando embaixo dele para alinhar as partes importantes.

Ninguém em sã consciência entraria no quarto de Jude enquanto a porta estivesse fechada. Não se não quisesse exibir a marca de um punho na testa.

Desafiando minha crença, a porta do quarto explodiu no instante seguinte, aberta com tanta violência que bateu na parede.

— Ahh — reagiu Holly, fazendo uma careta e cobrindo os olhos com as mãos. — Vocês dois parecem coelhos.

Mais do que ninguém, ela sabia que não deveria entrar no quarto de Jude sem ser convidada.

— Não enjoaram um do outro ontem à noite? — Ela falava em voz baixa para os padrões da Holly, e pelo jeito como apertava os dedos contra as têmporas, a noite devia ter sido uma loucura.

— Não — respondeu Jude, saindo de cima de mim.

— Bom dia, Holly — resmunguei ao sentar na cama. — É muito bom te ver.

— Não vem com essa de bebê chorona para cima de mim. Você teve o Jude só para você a noite toda e agora preciso dele emprestado por algumas horas, ou vou perder meu voo.

— Sim. — Rastejei para fora da cama. — Também tenho uma pilha de trabalhos para fazer. — Ajeitei o cabelo com os dedos e fiz uma trança rápida, já que não teria tempo para uma ducha. — Parece que duas garotas precisam dos seus serviços de motorista.

— Eu gosto de servir — disse ele, e o sorriso traiu o que realmente estava pensando. Ou lembrando.

Eu não era de ficar vermelha. O código genético não havia incluído essa característica no meu sistema. Mas senti o calor subindo pelo pescoço.

— Muito bem, pegador — disse Holly, estalando os dedos. E se encolheu apertando as têmporas outra vez. —

Aeroporto. Hoje em algum momento.

Contornei a cama correndo, peguei os sapatos que Holly havia me emprestado e tirei a minha bolsa da prateleira de baixo do closet. Pegando as chaves em cima do criado-mudo, Jude segurou a minha mão e me levou para a porta.

— Finalmente — murmurou Holly, vasculhando a bolsa.

Jude pegou a mala dela e nós seguimos pelo corredor, passando por cima e ao lado de corpos que decoravam o chão.

— Parece que a gente perdeu uma festa — comentei, olhando para um casal dormindo e tentando entender como eles tinham chegado àquela posição.

— Eu não diria que perdemos — respondeu Jude, olhando para mim com um sorriso sugestivo.

— Acho que foi com esse que eu transei como uma louca ontem à noite — declarou Holly, e se debruçou sobre um dos companheiros de time de Jude, que ainda sorria dormindo. — Ou foi aquele — continuou ela, empurrando com a ponta do pé a mão do garoto que estava perto do outro e estudando seu rosto. — É, foi esse. Ele está com a boca mais inchada. Falando nisso... — Holly enfiou a mão na bolsa e pegou uma embalagem de protetor labial —, meus lábios estão doendo.

— Pensei que estivesse com pressa, Hol — falou Jude, já na escada, ainda segurando a minha mão. No primeiro piso, uma pirâmide de corpos bloqueava a passagem. Jude passou por cima deles, virou, me enlaçou pela cintura e me levantou sobre a barricada humana. Depois, esperou Holly descer e repetiu o procedimento com ela.

A caminhonete de Jude estava parada meio longe. Daquele lado da casa, vimos roupas espalhadas e pedaços de madeira decorando o gramado. Parei para avaliar a habilidade de Jude para decorador de jardim.

— Alguém recebeu a visita do macaco furioso ontem à noite — comentou Holly, parando ao meu lado.

— Com certeza.

Jude olhou para mim pelo canto do olho.

— A raiva é uma coisa terrível — acrescentou ele, atravessando o gramado, depois de pegar uma camiseta escura enroscada em um arbusto.

Sorri atrás dele.

Quando Holly e eu chegamos na caminhonete de Jude, ele já havia colocado a mala dela na carroceria e segurava a porta aberta para nós. Tirando a camiseta branca que ainda usava, ele a jogou na carroceria também. Não era à toa que Jude nunca tinha roupas limpas. Com a camiseta preta já

perto da cabeça, pronta para ser vestida, ele parou, olhou para mim e franziu a testa.

— Tudo bem — afirmei, revirando os olhos. O fato de ter me comportado como uma lunática ciumenta na noite anterior não significava que eu queria que ele me lembrasse disso. Eram as roupas dele, independentemente de quem as havia lavado e dobrado.

— Só queria ter certeza — disse Jude, com um sorriso pálido antes de vestir a camiseta.

Holly e eu ficamos ali paradas do lado de fora da caminhonete, assistindo ao espetáculo. Depois de pôr a camiseta para dentro da calça, Jude parou e nos olhou meio confuso.

— Que foi? — perguntou ele, ajeitando a parte de trás da camiseta e sorrindo para mim com um ar malicioso.

Desviei o olhar, tentei não me mostrar impressionada e entrei na caminhonete.

— Ah, quer saber o que foi?

Holly deu risada.

— Sabe, Jude, quanto mais velho você fica, mais feio fica também — comentou ela, piscando para mim ao sentar do meu lado.

— Sei, sei — respondeu ele, se acomodando ao volante e ligando o motor. — E quanto mais velha você fica, mais cruel fica também.

Agarrando minha coxa, Jude me puxou para mais perto até ocuparmos o espaço de uma só pessoa. E não me soltou durante todo o trajeto.



— Por que parece que a quinta-feira não vai chegar nunca?
— gemi, parada na frente do meu dormitório dentro da caminhonete de Jude.

— Porque essa é a sensação, mesmo — respondeu ele, colocando meu cabelo por cima do ombro.

Gemi mais alto. Holly havia conseguido chegar ao aeroporto a tempo e, embora eu quisesse que a viagem entre o aeroporto de Nova York e o dormitório demorasse, é claro que não demorou. A despedida que Jude e eu éramos forçados a enfrentar todo domingo nunca ficava mais fácil. Estudávamos a quase cinco horas de distância um do outro, por isso a chance de uma visita no meio da tarde de um dia de semana era inexistente. Quando nos despedíamos,

sabíamos que ficaríamos longe um do outro por eternos cinco dias.

Mas essa semana seria diferente. Seriam só três dias, porque era semana de Ação de Graças. De fato, um tempo para gratidão.

— Tudo bem comemorar com meus pais na quinta-feira, então? — perguntei de novo só para ter certeza. No último encontro, Jude comportou-se de modo civilizado, como eles, mas havia uma tensão entre as famílias que eu não acreditava que diminuiria com o tempo. O pai de Jude havia assassinado meu irmão porque meu pai o demitira, um drama que nem os criadores de séries de televisão conseguiriam conceber. Era o tipo de coisa que as pessoas não “superavam” com alguns jantares de família.

— Luce — disse ele, afagando meu rosto —, você é a minha família. Onde você for, eu vou. — E piscou olhando pelo para-brisa. — Não tem ninguém além de você.

Eu não gostava de falar sobre a família que Jude não tinha porque isso fazia o meu coração doer como estava doendo agora. Jude realmente não tinha família. Não tinha pais, irmãos, avós, tias ou tios. E não era por opção. A família de Jude o abandonou. Todo mundo, um a um.

Eu sabia que, no fundo de toda a raiva e do sentimento de posse em relação a mim, era isso que ele mais temia: que um dia eu desse as costas para ele e fosse embora, me afastando o máximo possível.

A dor no meu coração se aprofundou.

— Que bom — respondi, tentando não demonstrar que estava sofrendo —, porque somos um time, e times não deixam seus jogadores irem sozinhos a comemorações familiares.

— Tudo bem, time — disse ele, virando no assento, protelando a hora da despedida tanto quanto eu. Olhando para o prédio do dormitório, Jude suspirou. — Luce? O que você odeia na Adriana?

O nome provocou o surgimento imediato das minhas garras.

— O que tem ali para não odiar?

Ele balançou a cabeça irritado.

— Por favor. Finge que não sou um idiota sem noção.

Levantei uma sobrancelha.

— Eu sei, é difícil imaginar, não é? — continuou ele, com uma risadinha. — Então soletra, desenha para mim. O que você odeia na Adriana?

Eu tinha muitas respostas ácidas para essa pergunta, mas nenhuma delas era o que Jude queria saber. Ele estava procurando a verdade. Queria a verdade e, por mais que eu não quisesse falar sobre isso, ele merecia saber.

Jude afagou minha mão.

— A verdade é que não é ela que odeio, não especificamente. — Fiz uma pausa e mordi o lábio. — O que odeio é a ideia de que um dia você pode acordar e perceber que está perdendo tempo comigo. E se esse dia for amanhã, sei quem vai ser a primeira da fila de espera para ocupar o meu lugar. — Respirei fundo. — Adriana Vix.

Jude chegou mais perto e passou um braço sobre os meus ombros.

— Deus sabe que eu te amo, Luce, mas acho que você está delirando — disse ele, sem modificar a expressão. — Tipo, delirando muito, um delírio para recorde mundial.

Bati nele com o cotovelo.

— Para reconhecer esse delírio, tem que ter delirado, Jude.

— Viu? É isso. É essa parte que faz a gente ser tão especial, Luce. Eu sou maluco. Você é maluca. Juntos, criamos a nossa loucura particular.

Franzi a testa.

— Como é que é? — Além de ouvir várias referências à loucura, não conseguia entender mais nada.

— Posso te segurar aqui pelo resto do dia e relacionar tudo que amo em você, mas ainda vai ser só a metade disso — explicou Jude, olhando para mim. — A outra metade é algo que não consigo expressar com palavras. Acho que nunca vou conseguir. É alguma coisa que me prende a você e que te prende a mim. Pode chamar de química, de destino, do que quiser. Só sei que sou seu tanto quanto você é minha, Luce. Essa é a mais certa das coisas que eu conheço.

Eu me lembrei de respirar. Quem precisava de Shakespeare, quando se tem Jude Ryder dizendo essas coisas?

— Então, pode me prometer que não vai acordar amanhã, ou no dia seguinte, ou no ano que vem e perceber que não sou grande coisa? — perguntei.

Ele quase revirou os olhos.

— Posso prometer, garantir, jurar, fazer uma declaração...

— Já entendi — interrompi, e segurei o seu braço.

Ele me encarou sério.

— Entendeu?

— É bom ouvir de vez em quando.

— Uma vez por dia — resmungou ele, me fazendo cócegas.

— Sorte minha você aturar meu jeito delirante, maluco e inseguro — respondi rindo, enquanto ele continuava me fazendo cócegas.

Seus olhos brilharam quando ele se aproximou.

— Sorte minha.

Nesse momento meu celular apitou. India. Eu gemi e desliguei o aparelho.

— Até quinta?

De volta à realidade.

Suspiramos juntos.

— Até quinta.

Ele se inclinou olhando para minha boca.

— Melhor caprichar, então.

Não consegui evitar um sorriso, apesar de me sentir um lixo. Umedecendo os lábios, cheguei mais perto dele. E caprichei.



NOVE

O cheiro de patchuli e a batida do reggae invadiam o corredor, avisando que minha companheira de quarto e amiga, India, tinha transado, estava transando ou ia transar no nosso quarto. Era uma ocorrência mais ou menos comum em minha vida.

Se tivesse sorte, eu conseguiria entrar no quarto, pegar meus livros e sair para estudar nas áreas sociais. Se não tivesse sorte, e os grunhidos, gritos e gemidos explodissem dentro do quarto, eu teria que esperar do lado de fora. A última vez que interrompi India e seu parceiro do dia, vi coisas que nenhuma criatura temente a Deus deveria ser obrigada a ver.

Parei do lado de fora, na frente da porta e esperei. Não ouvi nada além de Bob Marley cantando.

— India? — chamei, batendo na porta. — Posso entrar?

— Pode, srta. Pura e Casta — gritou ela.

Abri a porta, e o cheiro de patchuli quase me derrubou. India estava esparramada na poltrona que colocamos em um canto, vestida com seu robe de seda vermelha que parecia um quimono, fumando alguma coisa que o conselheiro residente provavelmente não aprovaria.

— Está se divertindo?

— Aham. — Ela olhou para mim com um sorriso idiota.

— Se tivesse chegado cinco minutos antes, poderíamos ter feito um *ménage*.

Joguei a bolsa em cima da cama e sentei na cadeira de rodinhas.

— É uma droga ser eu.

India se inclinou para a frente, com a pele escura ainda salpicada de suor.

— Falando em droga — começou ela, e comprimiu os lábios —, vocês dois...? — Ela desenhrou no ar alguns círculos com o indicador.

— Não é da sua conta — respondi, e girei uma volta inteira na cadeira.

— Então não — deduziu ela, e se reclinou na poltrona.

— Não — confirmei. — Não rolou.

— É uma droga ser você — comentou ela, rindo.

— Ah, cala a boca. — Peguei o porco-formigueiro de pelúcia que mantínhamos em cima da mesa do computador e joguei nela. — Você faz o suficiente por nós duas.

— É — concordou ela, antes de dar uma tragada —, eu faço.

Girando a cadeira mais uma vez, olhei para o teto adiando a ideia de estudar porque, embora India fosse o equivalente feminino de um galinha, não havia ninguém melhor que ela para ouvir ou dar conselhos sobre o complicado mundo dos homens. Exceto Holly, mas ela passaria as próximas duas horas dentro de um avião e eu precisava de aconselhamento urgente. Além do mais, India havia ajudado na minha reconciliação com Jude, de certa forma. Resumindo uma longa história, India havia saído com um jogador do time de Jude durante o verão, e quando Jude descobriu que a “famosa” India não só estudava na Marymount Manhattan, mas também tinha uma companheira de quarto chamada Lucy... ele ligou para India no dia seguinte e planejou um reencontro. E o resto é história... mais ou menos.

— E o Jude? — perguntou ela, identificando minhas táticas de postergação.

— Ah, ele... — Suspirei e pensei no fim de semana. Muitos altos e baixos. — Ele foi o Jude — resumi.

— Jude montanha-russa — deduziu India, fazendo um ruído tipo “aham”. — Eu nunca ia querer sair desse carrinho, gata.

— Eu sei — respondi, começando a me sentir tonta com as subidas e descidas. — Eu também não quero.

— Qual é o problema, então?

— O problema é a montanha-russa. Ou estamos no topo do mundo, ou batendo na porta do inferno. Não tem meio-termo. Não dá tempo de respirar. É só o subir e descer constantes a duzentos quilômetros por hora.

Era sempre bom falar com India sobre as minhas preocupações por causa do meu relacionamento com Jude. Ela nunca julgava, só me dava bons conselhos.

— Eu sei, Lucy, mas o cara é passional. Como você. Se quer ficar com ele, vai ter que aceitar a montanha-russa como um estilo de vida. Não vai querer que ele mude, do mesmo modo que ele também não quer que você mude. As subidas e descidas dramáticas serão sua vida com Jude. Isso é fato. Você só precisa se perguntar se vale a pena. O que vocês têm juntos compensa o sacrifício? — perguntou India, me encarando.

Eu sabia que ela estava certa e sabia que valia a pena, mas era humana e não podia deixar de desejar o inatingível.

— Só queria poder trocar a montanha-russa por um carrossel. Queria poder antecipar o que tem depois de cada esquina, fazer essa viagem com menos altos e baixos dramáticos.

— Entendo, mas não é esse o jogo que você tem na mão, amiga. O jogo que você tem é o Jude e aquele homem não é um carrossel, Lucy. O cara é uma montanha-russa *super-hiper-looper*, Six Flags, a que deixa a gente de perna bamba.

— Eu sei — admiti, e já me sentia melhor.

Jude era uma montanha-russa. Eu era uma montanha-russa. Juntos nós criamos essa coisa *super-hiper-looper*. Era assustador estar no chão e olhar para cima, mas, se era esse o brinquedo que eu tinha que enfrentar para poder estar com Jude, seria a primeira na fila.

— Agradeça ao destino por não ter encontrado um homem tipo carrinho de batida — India comentou, e deu mais uma tragada de fumaça que soprou formando círculos.

— Uma vez namorei um cara assim e ele é o único responsável por eu não namorar mais. Ele até transava como a porcaria dos carrinhos para criança. Batida. Para. Batida.

— India endireitou o corpo e começou a se balançar. —

Batida. Para. Batida. — Eu comecei a rir diante da encenação. — Batida. Para, para. Batida. Chiado. — Ela torceu o nariz, gemeu e se deixou cair novamente sobre a poltrona.

Nossas gargalhadas chegaram ao corredor junto com a voz do sr. Marley.



— Ótimo treino hoje, Lucy — disse Thomas, se aproximando de mim quando saí do auditório.

— Meu parceiro é um grande bailarino, isso ajuda — respondi, e enrolei o cachecol no pescoço.

Era quarta-feira, véspera de Ação de Graças, e o tempo de Nova York já combinava com o feriado. Por que uma garota que acreditava que o sol era essencial para a vida decidiu ir estudar em um lugar onde o inverno era gelado e longo?

As sapatilhas balançavam e batiam em meu corpo a cada passo que eu dava, me lembrando o motivo.

— Ah, é, e seu namorado — começou Thomas, parecendo desconfortável simplesmente por falar sobre Jude —, ele sabe que somos parceiros no recital de inverno?

Pobre Thomas. Ele era um bailarino, não um lutador. Eu também molharia a malha de medo se tivesse que levantar pela virilha a namorada de um cara capaz de dar socos tão poderosos.

— Ainda não — respondi, e coloquei a touca. Viveria de chapéu a partir de agora, até maio.

Thomas pigarreou e mexeu na alça da mochila.

— Está pensando em contar para ele?

— É claro que sim. — Tomei a direção do meu dormitório. Ainda tinha uma tarefa para terminar antes do fim do dia e, quanto antes fosse para a cama, mais cedo Jude chegaria para passarmos quatro dias juntos. India passaria o feriado na casa dos pais perto de Miami e por isso teríamos o quarto só para nós.

Eu não tinha planos de sair de lá nem uma vez. Para isso servia o delivery.

— Quando?

Dei de ombros. Não havia pensado muito a respeito disso.

— No fim de semana, acho.

— Tudo bem. Só quero estar preparado. Talvez seja melhor ele saber logo. Assim o choque vai ser menos... violento.

— Você já pensou nisso — comentei, tentando não demonstrar quanto a atitude dele era divertida. — Que bom.

— Sim, se o cara quase me espancou porque eu estava te ajudando a tirar o corpete, ele vai me matar quando vir a nossa interpretação moderna de *O rapto de Perséfone*.

Decidi que a conversa com Jude sobre nossa apresentação e os “encontros” que Thomas e eu teríamos no palco seria a primeira da lista. Quanto mais cedo ele soubesse, mais tempo teria para se acostumar com a ideia e não matar Thomas no palco.

— Não se preocupe, vai dar tudo certo — falei, parando diante do prédio.

— “Dar tudo certo” não é uma expressão que eu escolheria para descrever o momento em que seu namorado puser as mãos em mim, mas agradeço pelo voto de confiança. — Thomas seguiu em frente, acenando. — Bom feriado, Lucy.

Seria.

— Para você também — respondi enquanto ele se afastava, e corri para dentro do prédio antes de começar a sentir o coração acelerar.

India já tinha viajado, mas deixou um presente, uma sacolinha preta em cima da minha cama. Dentro dela havia

papel de seda vermelho e cor-de-rosa. Com certeza, não eram as cores do dia de Ação de Graças.

Peguei a sacola, tirei o papel de seda e espiei o que havia lá dentro. Meu queixo caiu quando peguei o que estava em cima de tudo. Era preto, de renda e tinha buracos em lugares que, normalmente, ficavam cobertos.

— India — murmurei balançando a cabeça. Joguei a lingerie de lado e peguei um objeto dentro da sacola. Alguma coisa dura e fria. Um par de algemas com chave. Joguei aquilo na sacola como se queimasse a minha mão e a enfiei no fundo do nosso armário.

Estava pronta para dar o próximo passo com Jude, mas não para ir de A a Z na mesma noite. No Natal, eu devolveria esses tesouros à garota que tão cuidadosamente os havia escolhido para mim, sua puritana residente.

Corri para terminar o último trabalho e o mandei por e-mail para o professor às oito da noite. Depois de jantar um hambúrguer vegetariano de micro-ondas e uma xícara de chá quente, apaguei as luzes e fui para a cama, esperando mergulhar em um sono profundo.

Depois de três horas virando de um lado para o outro, desisti. Pouco depois da meia-noite, peguei o DVD de *Vidas sem rumo* e assisti a esse e outro clássico filme de *bad boy*

antes de conseguir cochilar. Meu despertador tocou menos de duas horas mais tarde e eu não podia usar o recurso soneca, ou não teria tempo de ensaiar no estúdio antes de Jude chegar.

Ah, as funções reparadoras do sono...



Eu bebia a terceira xícara de café. Em algum momento entre ela e a segunda, ultrapassei o limite entre alerta e sobressaltada. Agitada era melhor que apática, não?

Saber que Jude chegaria a qualquer momento melhorava muito minha perspectiva. Assim que compraram as passagens, determinados a passar o dia de Ação de Graças em Nova York, meus pais também fizeram uma reserva em um restaurante chique no centro da cidade. Eu disse que não precisávamos de nada caro, mas minha mãe havia conquistado uma nova conta e as coisas estavam melhorando. Eu insisti, mas ela estava decidida e por isso nós quatro iríamos comer em um restaurante elegante.

Jude já tinha mandado uma mensagem perguntando que roupa eu usaria e querendo saber se deveria usar uma gravata. Respondi que ele poderia ir como quisesse porque estava sempre incrível, com ou sem gravata.

Escolhi algo mais elegante para mim, um vestido vintage vermelho-escuro, porque vivia de jeans e suéter e assim me sentiria bem mais arrumada. Estava calçando o sapato de salto, quando alguém bateu na porta.

Atravessei o quarto dançando. Abri a porta e Jude estava do outro lado, aparentemente desconfortável na camisa social com gravata, com as mãos para trás. Seu desconforto desapareceu quando ele me viu.

— Cada vez que te vejo te acho mais bonita — disse ele, olhando para mim como se tentasse gravar o momento na memória.

— Obrigada — respondi me curvando. — Você também está ótimo. — Deslizei os dedos por sua gravata.

— É do Tony — comentou ele, adivinhando meus pensamentos.

— Tony tem gravatas? — A informação não combinava com o cara que eu conhecia.

— Ele é católico — explicou Jude, olhando para o meu dedo passeando pela gravata. — A mãe dele telefona todo domingo para perguntar se ele foi à missa. Por isso, sim, Tony tem muitas gravatas.

— Ficou legal em você — falei, deixando a gravata cinza cair de volta em seu lugar.

— Tony teve que me ajudar a dar o nó porque eu não sabia nem por onde começar. — Ele esticou o pescoço para um lado e para o outro, como se aquela coisa o estrangulasse.

— Cadê a sua mala? — Eu não a via em lugar nenhum.

— Que mala?

Meu rosto refletia a mesma expressão de desânimo que eu via no dele.

— A que devia ter trazido com as roupas para passar quatro dias comigo. Essa mala.

— Ah. — Ele moveu um braço para pegar alguma coisa atrás do corpo. — Esta aqui?

Peguei a bolsa da mão dele e a joguei em cima da cama. Pronto. Agora tínhamos tudo preparado para o fim de semana.

— E isto aqui também é para você — disse ele, mostrando a outra mão. Outra rosa. Dessa vez era cor-de-rosa. Estávamos progredindo. Ainda não era a rosa vermelha da paixão e, no meu dicionário do sexo, era um passo na direção certa, depois da rosa branca da pureza que ele havia me dado na última vez.

Jude riu enquanto eu continuava estudando a flor.

— É só uma rosa, Luce. Não tem as respostas para todas as perguntas da vida.

Deixei a flor em cima do meu travesseiro.

— Tudo tem um significado. Mesmo que a gente não queira admitir.

Ele entrou no quarto e olhou para a minha cama, depois para mim. E sorriu quando pegou meu casaco do encosto da cadeira giratória.

— É, acho que isso é verdade — admitiu, segurando o casaco para eu vestir —, se você for uma mulher. Para nós, homens, uma rosa é uma rosa. E a menos que a gente esteja apaixonado por uma garota, ou querendo muito transar com ela, nem pensamos nisso.

Enfio os braços nas mangas do casaco de lã que vai até os joelhos, e Jude tira o meu cabelo de dentro da gola. Os dedos dele tocam de leve minha nuca e eu sinto um arrepio atravessar o meu corpo. A antecipação torna tudo ainda mais quente.

— E qual desses motivos masculinos fez você pensar em comprar uma rosa? — Amarrei o cinto do casaco e virei para olhá-lo.

Jude tinha aquele mesmo sorriso no rosto. E levantou as sobrancelhas.

— Os dois.

Meu estômago deu um salto mortal.

Consegui me recompor, abri o armário e peguei a caixa com um grande laço prateado.

— Tenho um presente para você.

Ele olhou para a caixa com uma expressão curiosa, como se não soubesse o que era ou o que devia fazer com ela.

— Não é meu aniversário.

Revirei os olhos.

— Eu sei. — Fiquei segurando a caixa, esperando ele rasgar o papel como eu imaginava que faria.

— E não é Natal. Ainda — continuou ele.

— Jude — falei impaciente —, eu sei que dia é hoje. E para sua informação, a gente pode dar presentes em qualquer dia do ano.

— Qual é a ocasião? — Ele continuava olhando para a caixa. — Além de Ação de Graças?

— Não tem nenhuma ocasião. É um presente, só isso. Porque eu quis.

Jude inclinou a cabeça para o lado.

— Um presente porque você quis?

Eu entendi a confusão. Ele não estava acostumado a ganhar presentes, muito menos sem motivo específico. A

constatação me fez querer cobri-lo de presentes, um por dia, todos os dias durante a próxima década. Minha poupança seria coisa do passado.

— Só porque te amo — falei, e pus a caixa nos braços dele.

Ele a aceitou e vi a sua expressão se iluminar com uma emoção que parecia ser entusiasmo.

— Abre — incentivei. — Rasga logo.

Como se fosse o primeiro presente que ele ganhava e o último que jamais receberia, Jude rasgou o papel e abriu a caixa em tempo recorde. Removeu a tampa e afastou o papel de seda que encontrou dentro dela. Olhou para o conteúdo por alguns momentos, novamente confuso, antes de demonstrar espanto.

— Luce — murmurou ele. — É uma jaqueta de couro. — Ele a tirou da caixa, que caiu no chão. Depois, deslizou os dedos pelo material marrom. — Uma jaqueta de couro bem cara.

— Não foi tanto assim — menti, e balancei a mão com desdém.

Eu havia saído no dia anterior com a intenção de comprar alguma coisa especial para Jude. Chinelo, perfume ou carteira não servia. Jude não é o tipo de cara para quem a

gente dá chinelo, perfume ou carteira. Quando voltava para casa, parei para olhar as vitrines de algumas lojas de departamento em que nunca havia entrado. Foi quando vi a jaqueta de couro. Era como se o estilista tivesse imaginado Jude Ryder ao desenhá-la. Não olhei o preço na etiqueta, só falei para o vendedor que queria uma embalagem para presente bem grande.

Passaria o resto do ano sem meu cappuccino matinal, mas quando vi Jude vestir a jaqueta, tive certeza de que valeria a pena.

— Caramba — resmunguei admirada. — Essa jaqueta foi feita para você.

Ele moveu os ombros para dar o ajuste final.

— É linda, Luce — disse ele enquanto fechava o zíper. Jude vestido com aquela jaqueta não estava fazendo coisas boas com a minha libido ou, dependendo do ponto de vista, estava fazendo coisas incríveis com ela. — Mas a única coisa feita para mim é você. — O jeito como ele me olhou também mexeu com a minha libido.

— Para um *bad boy* de carteirinha, você sabe escolher as palavras.

Ele riu.

— Obrigado, Luce — disse emocionado. — Por ser quem você é. Por me amar. Pela jaqueta. Por tudo.

— Por nada — respondi, percebendo que não podia ter gastado seiscentos dólares de um jeito melhor. E daí que eu teria que trabalhar dia e noite no verão para fechar o rombo que abri em minha poupança? — Eu que agradeço por ser quem eu sou. Por amar você. Pela jaqueta. Por tudo. Ah, e também por uma coisa que vai acontecer hoje, mais tarde. — Levantei as sobrancelhas e olhei para a minha cama.

Ele arregalou os olhos. Depois, respirando fundo, balançou a cabeça como se quisesse clarear as ideias.

— Vem — falou finalmente, segurando minha mão e me levando para fora do quarto. — Temos o fim de semana todo. Vamos enfrentar esse almoço de Ação de Graças, *brunch*, sei lá, antes que a gente comece a tirar a roupa.

Assim que saímos, fechei a porta e suspirei.

— Se temos que ir...

Jude riu e caminhamos pelo corredor.

— Como seus pais atravessaram o país para encontrar a filha querida e o filho da puta do namorado dela em um restaurante chique, sim, temos que ir.

— Você é bem razoável para alguém do sexo masculino — falei enquanto descíamos a escada.

Jude olhou para mim como se dissesse: “óbvio”.

O barulho dos meus saltos no piso ecoou pelo lugar.

— Como vocês mulheres conseguem andar em cima disso? — perguntou Jude, olhando para os sapatos com uma careta.

— Temos poderes especiais para isso.

Jude parou na escada.

— Ah, sei. Bom, com ou sem poderes especiais — ele me pegou nos braços e me aninhou contra o peito —, não quero que quebre nada.

Passei os braços em torno de seu pescoço.

— Vai me carregar por mais quatro andares?

— Não. — Os olhos dele brilharam. — Vou te beijar por mais quatro andares. — Ele abaixou a cabeça, eu levantei o rosto e, quando nossas bocas entraram em contato, fiquei sem entender como ele conseguia descer a escada sem cair, eu não teria conseguido. Talvez esse tenha sido o verdadeiro motivo para que ele me carregasse.

Jude abriu a porta do prédio com um braço e fomos recebidos por uma surpresa de Nova York. Flocos de neve caíam e pousavam em nossos rostos. Jude olhou para cima, levando a boca para longe da minha. O céu estava nublado, com uma coloração azul-acinzentada.

— Parece que tem uma tempestade chegando — comentou ele, a caminho da caminhonete. — Que bom que estou preparado. — E chutou os pneus novos para neve antes de abrir a porta e me colocar lá dentro.

Fiz uma careta ao imaginar meu Mazda e a falta de um sistema de aquecimento. Pneus para neve eram um conceito inédito para mim e eu não estava preparada para o inverno que já havia chegado.

— Não se preocupe, Luce — disse Jude quando sentou ao meu lado, como se lesse os meus pensamentos. — Vou cuidar de você. Em algum momento do fim de semana, vou levar seu carro até a oficina para instalar os pneus para neve.

Eu não gostava dessa solução por alguns motivos.

— Não vai a lugar algum no fim de semana, a menos que virar de lado na minha cama conte — comecei, olhando para ele quando saímos do estacionamento. Jude sorria. — E eu sou perfeitamente capaz de providenciar meus pneus para neve. Não precisa fazer tudo por mim.

— Por que não? — Jude fez uma careta.

— Porque não.

— Por quê?

Por várias razões, mas eu não estava com vontade de passar a viagem toda fazendo uma lista. Assim, em vez de

escorregar pelo banco para colar nele, só apoiei a cabeça em seu ombro.

— Porque não, só isso.

O trajeto até o Soho demorou vinte minutos, mas ter a cabeça apoiada no ombro de Jude e sentir o braço dele me envolvendo fez parecer ainda mais rápido.

— É aqui? — perguntou Jude, examinando o lugar quando chegamos em frente ao restaurante. Era como se só houvesse janelas ali.

— Sim — respondi.

Jude estava visivelmente deslocado, como se não tivesse o direito de estar ali.

— Ei. — Toquei a perna dele. — Tudo bem?

É claro que eu queria que ele comemorasse o dia de Ação de Graças comigo e com a minha família, mas não se isso fosse deixá-lo desconfortável o tempo todo.

Manobrando a caminhonete para estacioná-la em uma vaga apertada na rua, ele olhou para mim.

— Sim, tudo bem. — E segurou e beijou a minha mão. — Você é minha família. Eu vou aonde você for, Luce.

A sensação de calor que parecia estar presente sempre que Jude estava por perto se espalhou dentro de mim. As palavras dele eram tão hábeis quanto suas mãos. Eu sabia

que a dificuldade de enfrentar a montanha-russa valia a pena, se isso me dava o direito de chamar de meu o homem que estava ao meu lado.

Jude desceu, contornou a caminhonete e abriu a porta do meu lado, e em vez de estender a mão, ele me pegou nos braços de novo. Depois de beijar minha testa, me levou para o outro lado da rua coberta de neve e só me pôs no chão no saguão do restaurante.

Nós dois ríamos, consumidos um pelo outro e não percebemos imediatamente que os clientes e funcionários olhavam para nós como se o circo tivesse acabado de chegar na cidade.

— Sinto muito — falei pigarreando.

Jude me pôs no chão e me envolveu com um abraço.

— Eu não — disse ele, em voz alta, e as palavras ecoaram no hall de pé-direito alto.

De repente, ele me inclinou como se quisesse me deitar no chão, com os lábios descongelando os meus lentamente. Assim que me rendi ao beijo, ele se levantou. Sorrindo para mim, murmurou:

— Eu não. — E me pôs em pé.

O restaurante girava e agora as pessoas trocavam sorrisinhos. Alguns homens até levantaram o copo na nossa

direção.

— Reserva em nome de quem? — perguntou a recepcionista ruiva, com tom impessoal. Muito bem. Eu também a trataria com frieza se um homem como Jude a tivesse beijado de um jeito cinematográfico, sem se importar em mostrar ao mundo todo como era maluco por ela. Ser a namorada de Jude compensava todos os olhares gelados.

— Larson — respondi com um sorriso doce e as duas mãos no braço de Jude.

Ela examinou a agenda, mas os olhos observavam minhas mãos coladas nele.

— Mesa vinte e dois — disse ela à pessoa em pé ao lado dela.

— Por aqui — informou a hostess, e nos levou ao salão.

— Obrigada. — Eu ainda sorria quando passamos pela ruiva, que olhava cada movimento que o traseiro de Jude fazia quando ele andava. “Pode olhar quanto quiser, querida, porque este homem é meu.”

Meus pais se levantaram assim que nos viram atravessando o salão requintado. Pareciam relaxados, bem mais próximos dos pais que tive na adolescência. Os pais que eram antes de a tragédia com meu irmão os transformar em pessoas que eu não reconhecia.

Jude segurava minha mão e a apertava como se estivesse preocupado. Eu entendia. Mesmo para mim e antes da crise financeira da família, esse lugar teria parecido impróprio para os Larson, uma exceção apenas para aniversários e ocasiões especiais. Mas para Jude, que havia nascido em uma família pobre e passado cinco anos da adolescência em um abrigo para garotos, onde cachorro-quente e vegetais em lata eram o jantar, entrar no restaurante era como estar em um país desconhecido.

Uma terra estranha onde os cidadãos o encaravam, olhavam para a jaqueta de couro sobre a camisa social um número menor e o jeans escuro com a barra desfiada sobre os velhos tênis Converse como se ele fosse um visitante indesejado.

Tensa, apertei a mão dele com mais força e olhei feio para algumas daquelas pessoas.

— Minha *Lucy in the sky* — cumprimentou meu pai, com os braços abertos quando nos aproximamos.

— Oi, pai — respondi, e soltei a mão de Jude para abraçá-lo.

— Feliz Dia do Peru — disse ele, me abraçando com força.

— Que delícia — respondi, sorrindo para minha mãe.

— Oi, meu bem — disse ela, e notei que seu rosto estava mais jovem do que na última vez que a vi. Algumas linhas profundas tinham desaparecido, e ela exibia uma aparência mais calma, não parecia mais eternamente furiosa, como antes.

Abracei minha mãe.

— Ei, Jude — brincou meu pai, com um sorriso de pura satisfação em seu rosto. — Desculpe, essa não fica velha nunca.

— Oi, sr. Larson — respondeu Jude, de um jeito formal, apertando a mão dele. — Feliz dia de Ação de Graças. — Depois, olhou para minha mãe e pigarreou. — Obrigado pelo convite — disse, e vi o desconforto em sua expressão.

Segurei sua mão de novo e Jude relaxou. Ele teria mais dificuldade para enfrentar essa situação do que eu havia previsto. Passaria a tarde toda segurando sua mão, se fosse necessário.

Minha mãe se aproximou, parou na frente do meu namorado e apoiou as mãos em seus ombros.

— Estamos felizes por ter conseguido vir — disse ela, com um tom suave e um sorriso suficientemente triste para eu imaginar em que estava pensando. Minha mãe abraçou Jude, que parecia tão sem ação quanto eu.

Depois de todos os cumprimentos, nós nos sentamos. Puxei a cadeira para mais perto de Jude e segurei sua mão por baixo da mesa.

— Esse lugar é chique — comentou Jude, olhando para o teto pintado e para os lustres sobre nós.

Meu pai seguiu a direção de seu olhar, e embora fosse pouco mais de meio-dia e ele estivesse sentado em uma cadeira de encosto alto muito diferente de sua velha poltrona reclinável, parecia atento, presente no momento. Era uma mudança positiva.

— É meio exagerado, mas dizem que a comida é fantástica — respondeu meu pai.

Meu namorado assentiu, olhando para o cardápio do dia de Ação de Graças.

— É muito chique — disse Jude, arregalando os olhos para os preços. — Faço questão de pagar a minha parte e a de Luce, sr. Larson.

Meus pais pareciam ofendidos.

Jude tinha um emprego de meio período em uma oficina perto do campus para ganhar algum dinheiro extra. Eu não sabia como ele conseguia trabalhar vinte horas por semana, além de estudar, treinar com o time de futebol e ainda ter

tempo para nós, mas ele dava conta de tudo. Dizia que era só não dormir. Eu não achava que era exagero.

— Não podemos aceitar — minha mãe respondeu. — Nós convidamos vocês dois, insistimos em pagar a conta.

Jude abriu a boca para retrucar, o que seria um esforço em vão, como qualquer discussão com minha mãe, mas meu pai o interrompeu com um gesto.

— Nós pagamos, Jude. É o mínimo que podemos fazer.

Jude ficou pálido antes de apertar minha mão.

— O mínimo que podem fazer por terem arruinado a minha família?

Virei para ele na hora. Eu sabia que Jude estava incomodado, mas não que estava aborrecido a esse ponto. Foi um erro. Eu o pressionei. Era muita coisa em pouco tempo.

Meu pai deixou os ombros caírem e se encostou na cadeira.

— É o mínimo que podemos fazer por alguém que cuida tão bem de nossa filha.

Jude não teve chance de responder porque a garçonete chegou e olhou automaticamente para ele.

— O que vão beber? — perguntou ela, encarando o meu namorado.

Ninguém respondeu. Ainda estávamos todos chocados com a miniexplosão de Jude. Decidi quebrar o gelo.

— Quero um chá de romã. — Eu poderia ter acrescentado um “por favor”, mas ela não desviava o olhar de Jude.

— Uma água — pediu Jude, olhando o cardápio.

— Ah, escolhe alguma coisa diferente — disse minha mãe, tentando amenizar o clima. — Eles têm uma cidra quente especial hoje ou...

Jude levantou a cabeça e olhou para ela.

— Água — repetiu ele, com a mandíbula tensa.

Depois de olhar para minha mãe como quem diz “larga do pé dele”, encarei a garçonete. Ela continuava olhando para Jude.

— Sabe de uma coisa? Também vou beber água.

Jude olhou para mim com os músculos do pescoço contraídos e eu sorri para ele. Parecia perturbado e pronto para enlouquecer como um gorila enjaulado. Nunca pensei que um almoço de Ação de Graças com meus pais poderia se transformar em uma situação de risco.

Eu devia ter imaginado.

— Água para todos — concluiu meu pai, fechando o cardápio.

— Já escolheram o que vão comer? — perguntou a garçonne.

— O almoço de Ação de Graças. Quatro refeições de cinco pratos — respondeu meu pai, tirando os cardápios de nossas mãos.

— Não quero nada — respondeu meu namorado. — Obrigado.

— Jude — comecei, mas ele me olhou de um jeito que me fez calar.

— Não estou com fome, Luce. É sério.

De mal a pior em dez segundos. Se continuássemos nesse ritmo, a tarde seria uma descida ladeira abaixo.

— Filho — começou meu pai, e não havia nada em sua voz além de preocupação, mas Jude o interrompeu.

— Não sou seu filho. O homem de quem sou filho está na cadeia por ter matado o seu filho. Portanto, não finja que temos algum tipo de relacionamento que permita me chamar assim. — Ele empurrou a cadeira para trás e saiu da mesa.

Fui atrás dele. Mesmo andando depressa, não consegui alcançá-lo. Ele saiu do restaurante antes que eu saísse do salão.

Assim que passei pela porta, desci a escada para a rua.

— Jude! — gritei, mas ele não me ouvia. Andava de um lado para o outro perto da caminhonete, com as mãos na cintura e os olhos em algum lugar distante.

De repente, ele segurou a cabeça e chutou a roda da caminhonete antes de dar um soco na lataria enferrujada. O outro pulso seguiu o primeiro, até ambos se moverem tão depressa que eu não conseguia distinguir qual era o responsável por cada nota metálica que explodia no ar.

— Jude! — Atravessei a rua correndo, quase escorregando na neve fresca. — Jude, para! — pedi, segurando um de seus braços. Ele estava tão decidido a socar a caminhonete, que tive que segurar a mão dele com as minhas duas para chamar a sua atenção. — Jude. — Inspirei profundamente. — O que está fazendo?

Ele desviou os olhos do estrago que tinha feito na caminhonete e me encarou. Não clarearam como costumava acontecer quando eu interrompia um de seus ataques de raiva, e sentir seu olhar escuro, torturado, provocou um arrepio em minhas costas.

— Preciso ficar sozinho, Luce — disse ele, como se mastigasse cada palavra.

— De jeito nenhum — respondi, ainda segurando seu braço.

— Droga, Lucy! — gritou Jude e enfiou o outro punho na caminhonete. — Não é seguro ficar perto de mim agora.

— Você não me machucaria.

— Intencionalmente não, mas eu estrago tudo, Luce. Machuco as pessoas. — E desviou o olhar. — É claro que é sem querer, mas está no meu DNA. O único jeito de proteger você de mim é perceber quando posso oferecer algum risco, avisar e você me ouvir.

O tom havia passado de furioso a suplicante. Ele estava quase implorando. Implorando para eu sair dali e deixá-lo sozinho, quando era justamente nesses momentos que precisávamos mais um do outro.

— Preciso me controlar. Para isso tenho que ficar sozinho — pediu ele, tocando meu rosto com cuidado, como se tivesse medo de me machucar com o contato. — Pede desculpas aos seus pais por mim.

Levantei a mão e cobri a dele, tentando apertá-la contra meu rosto. Senti uma umidade morna. Puxei a mão dele e a segurei diante do meu rosto.

— Você está sangrando.

— Quase nada — respondeu ele, puxando a mão.

— A gente sangra quase nada com um corte de papel — disse, e vi que a outra mão também pingava sangue. — Está

sangrando muito. Precisa de pontos.

Abri a porta do lado do motorista e peguei a chave que ele deixava embaixo do banco. Não sabia onde ficava o pronto-socorro mais próximo, mas estávamos em Nova York. Tinha que ter um hospital por ali.

— Entra — instruí. — Vou te levar para fazer um curativo.

— Não, não vai. — Jude me segurou pela cintura e me tirou da caminhonete. — Você vai voltar lá para dentro e aproveitar o dia com seus pais.

— Você precisa cuidar disso — insisti.

— Para, Luce — pediu ele. Depois me soltou e entrou na caminhonete.

— Para de se comportar como um babaca e pensa! — Chutei a porta quando ele a fechou.

Jude abriu a janela e suspirou. Ele não olhava para mim.

— Estou me esforçando para isso. Seus pais te levam de volta?

— Se eu disser que não, você fica?

Ele nem parou para pensar.

— Não. — E ligou o motor. — Mas providenciaria um táxi para vir te buscar.

Irritante.

— Então, sim, eles me levam para casa.

— Ótimo. Eu ligo para você mais tarde. Depois que me acalmar.

Eu ri, frustrada.

— Se eu tiver que esperar você se acalmar, vou ficar aguardando para sempre.

Ele fechou os olhos.

— Acho que estou começando a pensar nisso também, Luce.

Droga. Não era essa a resposta que eu queria ouvir, embora devesse ter imaginado que ele falaria alguma coisa desse tipo.

— Desculpa, Jude. Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei, Luce. Sei que não foi isso. — E segurou o volante com mais força. — Mas isso não significa que não seja verdade.

A voz dele me fez encolher.

— Jude...

Sem olhar para mim, ele pôs a caminhonete em movimento, parando apenas para esperar eu sair da frente.

Desisti e dei alguns passos para trás.

— Tchau — murmurou ele, indo embora. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas eu não as deixaria cair porque

isso seria admitir que havia algum motivo para chorar. E um motivo para chorar não era algo que eu queria na minha relação com Jude. Por isso, não chorei. Engoli as lágrimas. Olhei para o sangue que manchava a neve aos meus pés e empurrei para longe os pensamentos que sussurravam que isso era só uma amostra do que estava por vir.



Voltei ao restaurante e ignorei os olhares de curiosidade e as expressões de desaprovação. Até consegui conversar com meus pais sobre coisas sem importância e comer um pouco de tudo que foi servido. Segui o ritual, me comportei como se estivesse tudo bem, mas não estava. Cada segundo que passava era mais um buraco aberto no meu coração. Eu queria estar com ele, oferecer apoio, ter certeza de que ficaríamos bem. De que essa tempestade iria passar.

Depois do almoço, levei meus pais para passear em Nova York. Visitamos as atrações turísticas, conversamos um pouco mais, comemos um lanche em uma barraquinha de rua e a dor no meu coração só crescia.

— Meu bem, tem certeza de que não quer ficar conosco?
— perguntou a minha mãe quando estávamos no táxi a

caminho do meu dormitório. — Vamos embora amanhã cedo, mas você pode ficar dormindo até mais tarde, pedir serviço de quarto e chamar um táxi para ir para casa.

— Obrigada. Tenho muitos trabalhos da faculdade para fazer e preciso ensaiar para a apresentação de inverno — respondi.

— Tem trabalhos para fazer no feriado de Ação de Graças?

— Nem me fala. — Eu sabia que parecia tão idiota quanto me sentia. — Eles são senhores de escravos.

Meu pai riu e balançou a cabeça.

— É aqui, *Lucy in the sky*? — perguntou ele, olhando pela janela do táxi para o prédio escuro.

— Lar doce lar — falei quando o motorista parou.

— Tem certeza de que vai ficar bem, Lucy? — insistiu minha mãe quando saímos do carro.

— Ela vai ficar ótima — respondeu meu pai.

— Obrigada por terem vindo — falei enquanto abraçava meu pai. — E desculpem por não ter sido tudo tranquilo.

— A vida não é muito tranquila, minha *Lucy in the sky*. É de se esperar.

Para alguém que havia sido declarado mentalmente instável cinco anos atrás, meu pai era muito sensato.

Minha mãe me abraçou.

— Tudo vai ficar bem, meu amor — disse ela no meu ouvido. — Os homens só precisam de tempo para resolver essas coisas. Eles não precisam carregar o problema até a morte, como nós.

Seu tom carinhoso, depois de ela ter passado os últimos cinco anos travada no modo rainha do gelo, me pegou de surpresa.

— Obrigada, mãe. É um bom conselho.

— Sou especialista. Vivo tudo isso há cinco anos — murmurou ela, e olhou para o meu pai.

— Boa viagem — desejei, e dei um beijo rápido no rosto de cada um. — Vejo vocês no Natal.

— Amo você, meu amor — disse minha mãe quando eu já me dirigia à entrada do prédio.

Era evidente que eles não sairiam dali enquanto eu não entrasse e trancasse a porta. Para pais cujos filhos não cresceram em Nova York, a cidade era um lugar onde assassinatos aconteciam em cada esquina e havia um criminoso escondido em cada sombra. Eu tinha certeza de que minha mãe segurava uma lata de spray de pimenta quando desceu do táxi, pronta para espirrar o jato no rosto de quem aparecesse ali.

Usei meu cartão magnético para abrir a porta. Antes de entrar, acenei para eles. Eles acenaram de volta e sorriram para mim, minha mãe protegida pelo braço de meu pai, os dois novamente parecidos com os pais que tive quando estava na escola.

Pelo menos uma coisa na minha vida estava melhorando.

O corredor do prédio estava silencioso. Quase todo mundo tinha ido para casa passar o feriado com a família, e os poucos que ficaram deviam estar fora, comemorando com amigos.

Abri a porta da escada e continuei andando pelo prédio vazio, pensando no que ia fazer. Estava lutando contra o instinto de entrar no carro e não parar enquanto não encontrasse Jude. Eu sabia que devia ficar quieta e fazer o que ele havia pedido. Ficar na minha, dar espaço, e ele telefonaria quando superasse o ataque de raiva.

Mas quanto tempo ia demorar? Jude ligaria hoje à noite? Amanhã? Na semana que vem?

Apoiei a cabeça na porta enquanto a destrancava e pensei em jogar uma moeda para cima. Felizmente, cheguei à conclusão de que isso seria desastroso. Não deixaria o destino decidir por mim. Essa função era minha. Preferia

assumir a culpa por tomar a decisão errada a conceder ao destino todos os créditos quando a decisão fosse acertada.

Acendi a luz, parei na porta e olhei para a cama onde estavam a mala de Jude e a rosa que ele havia me dado horas antes. A flor já estava murchando.

Ver as pétalas rosadas enrugadas nas extremidades como se a vida se esvaísse delas me ajudou a tomar uma decisão. Apaguei a luz, fechei a porta e corri para a saída. Não ia deixar o que existia entre nós morrer por negligência.

Saí do prédio poucos minutos depois de meus pais terem ido embora. Corri para a garagem, tomando cuidado para não escorregar na neve. A última coisa de que precisava agora era um tornozelo torcido. Isso me impediria de dançar por semanas.

O carro era o único luxo que eu tinha na faculdade. Bem, era um grande luxo. Trabalhei tantos turnos dobrados na cafeteria da minha cidade natal no último verão para pagar o aluguel da garagem que ainda tinha pesadelos com xícaras quebradas e derrubar calda em cima dos clientes.

Meus pés estavam congelados quando entrei no Mazda, por isso liguei o aquecedor na potência máxima. Na saída da garagem, pisei no acelerador com mais força do que deveria, considerando as condições das pistas. O carro derrapou na

neve antes de eu recuperar o controle. E ainda nem havia percorrido o primeiro quarteirão.

Respirei fundo, acelerei com cuidado e o carro se comportou.

Quando saí da cidade, eu já me sentia suficientemente confortável com toda aquela neve para dirigir com menos cautela, mas as estradas estavam vazias e estariam ainda mais quando eu chegasse em Syracuse. Eu chegaria lá por volta das duas da manhã, talvez mais, dependendo da estrada.

Não sabia se ele havia ido para lá, poderia ter ido para qualquer lugar, mas lá seria o meu ponto de partida. Eu procuraria por todos os cantos até encontrá-lo. Não queria saber se Jude havia me pedido para deixá-lo em paz, se queria tempo para digerir o que aconteceu. Também sabia que fazia sentido o que minha mãe tinha dito sobre como os homens resolviam seus problemas.

Eu não precisava conversar. Só queria que Jude soubesse que eu estava ali. Só precisava dele me abraçando enquanto resolvia tudo isso. Precisava fazê-lo entender que eu não ia a lugar nenhum e que ele não podia me mandar para um lugar onde ele não estava.

Só precisava que ele olhasse nos meus olhos e soubesse que tudo ficaria bem.

Passava das três quando desliguei o motor na frente da casa de Jude. A neve havia dificultado a viagem e acrescentado uma hora à jornada de cinco horas. Mas não me sentia mais cansada porque do outro lado do gramado eu vi a caminhonete de Jude.

A mesma quantidade habitual de carros ocupava a rua e a entrada da garagem. Não era movimento de festa, mas sempre havia algum tipo de reunião, e os feriados não eram exceção.

Atravessei o gramado andando devagar porque a queda repentina da temperatura havia transformado a maior parte do estado de Nova York em uma fina camada de gelo. Eu ainda usava os sapatos de salto alto, e eles não eram exatamente a escolha ideal para percorrer uma área congelada.

Consegui chegar à calçada e à escada, e respirei fundo quando toquei a maçaneta, percebendo que estava com tanta pressa para chegar que não havia planejado o que ia dizer.

Não precisava dizer nada. Só precisava abraçá-lo e mostrar que estava ali com ele. Como ele precisava que eu

estivesse, desde que não fosse deixada para trás em uma rua do Soho.

Não bati, porque ninguém teria ido abrir a porta. Ali ninguém batia, era só entrar como se fosse dono da casa.

Alguns rapazes conversavam na sala, comendo pizza e jogando video game, mas ninguém notou quando entrei. Jude não estava com eles, e eu subi a escada correndo, esperando que a busca terminasse em seu quarto. Não precisava de plateia para a reação que ele teria ao me ver ali no meio da noite.

A porta estava fechada. O único barulho do outro lado era o do chuveiro. Abri a porta e entrei. Já estava a caminho do banheiro quando percebi que não era Jude quem estava no banho.

Porque ele estava na cama, totalmente bêbado e apagado.

E nu.

Os dedos ainda envolviam uma garrafa quase vazia de tequila. Eu não conseguia processar tudo que estava acontecendo. Nu. Cama. Bêbado. Tequila. Chuveiro.

Quando meu coração parou por um instante, a água deixou de cair. Eu queria virar, sair correndo do quarto e da casa e fingir que não tinha visto nada daquilo. Queria

acordar sem nenhuma lembrança do que havia acontecido a partir do meio-dia de ontem até as três da manhã de hoje.

Ouvi a cortina do boxe se abrindo, e quando eu caminhava em direção à porta, alguém saiu do banheiro. Tão nua quanto Jude e ainda molhada do banho, Adriana olhou para mim e seu rosto exibiu um segundo de desânimo. Depois foi iluminado por um sorriso.

— Ops — disse ela, virando para mim para me deixar ver cada centímetro do corpo nu com que Jude havia se divertido. — Não estávamos esperando você.

Continuei recuando, incapaz de sair do quarto com a rapidez necessária. Na pressa, bati o quadril no canto da cômoda de Jude. Um porta-retrato caiu no chão e quebrou.

O barulho o acordou. Balançando a cabeça, a primeira coisa que ele notou foi a garrafa que ainda segurava. Uma ruga surgiu em sua testa. Depois ele olhou para o braço nu e seus olhos seguiram até encontrar o resto do corpo. A ruga se aprofundou ainda mais. Então, ele viu Adriana em toda sua nudez esplendorosa e molhada. Ela olhou para ele e piscou.

Jude empalideceu e, quando olhou para mim, seu rosto foi tomado por perplexidade. Como o meu.

Eu não perderia a cabeça na frente dela. Não a deixaria perceber que tinha vencido. Passei pela porta e dei os primeiros passos, quando o grito de Jude ecoou atrás de mim.

— Luce!

Não parei nem diminuí a velocidade. Nunca mais pararia, diminuiria a velocidade ou suspiraria quando ele dissesse “Luce”. Desci a escada correndo e dei de cara com um peito sólido.

— Ei! — Tony me segurou pelos braços. — Lucy? O que está fazendo aqui? — perguntou ele, olhando para mim. — Por que está tão agitada?

Olhei para trás e me soltei das mãos de Tony. Não vi Jude, mas a voz dele estava mais próxima.

— Luce! — gritou Jude. — Espera!

Não esperei. Não podia esperar.

Saí da casa, descí a escada da frente e fui escorregando até quase alcançar o Mazda. Minhas mãos tremiam, mas consegui pegar as chaves do bolso do casaco e ligar o motor. Quando engatei a marcha, uma sombra interrompeu o raio de luz que vinha da porta aberta.

Jude.

Pisei no acelerador sem pensar que estava em cima de uma camada de gelo. Os pneus giraram, mas o carro não saiu do lugar.

— Não, Luce! — O grito foi tão alto que ouvi do outro lado do gramado e pelas janelas fechadas do automóvel.

Respirei fundo, pisei no acelerador de novo, dessa vez com calma, e consegui alguma tração. Continuei acelerando e ganhei velocidade.

Antes de percorrer a distância de alguns carros, vi Jude pular de cima da escada e correr pelo gramado atrás de mim. Ele ainda estava nu, segurando a cueca na frente das partes íntimas.

Agarrando o volante, pisei um pouco mais fundo no acelerador, torcendo para não ir parar em uma vala no fim da rua.

— Lucy! — Jude bateu na lateral do carro.

Gritei de susto e pisei mais fundo no acelerador.

Esmurrando minha janela, ele continuou correndo ao lado do carro.

— Para, Lucy! Não faz assim!

Eu não conseguia olhar para ele. Não podia olhar para o que havia perdido tão pouco tempo depois de perder.

Mantive os olhos na rua. Mordi o lábio para não chorar e balancei a cabeça antes de pisar no acelerador.

Quando cheguei no fim do quarteirão, ele não conseguiu mais me acompanhar e, apesar de ter jurado que não faria isso, olhei pelo espelho retrovisor.

Jude estava abaixado no meio da rua, nuvens brancas se formavam no ar com sua respiração, e ele se mantinha de cabeça baixa como se rezasse e, ao mesmo tempo, aceitasse a punição.



ONZE

Não sei como cheguei inteira ao estacionamento de um hotel perto de Monticello, mas acho que tinha alguma coisa a ver com anjos. O rádio não parava de divulgar alertas pedindo para as pessoas ficarem fora das ruas, ou para usarem correntes nos pneus, caso tivessem que sair por alguma emergência.

O fato de alguém que nunca tinha dirigido na neve ter conseguido percorrer centenas de quilômetros sem sofrer um acidente com o carro que nem tinha pneus adequados deveria ser um sinal de que a providência divina estava em ação.

Peguei a bolsa e saí do carro. Escorreguei no estacionamento, mas consegui chegar ao saguão sem cair. O lugar tinha cheiro de café e de algum produto de limpeza, mas era limpo e Jude não conseguiria me encontrar lá.

Eu sabia que ele tentaria, passei o tempo todo olhando pelo retrovisor, esperando ver os faróis da caminhonete se

aproximando. Mas quem sabe? Talvez eu o tenha superestimado. Talvez ele tenha desistido de me seguir quando correu pela rua cheia de neve, coberto apenas pela cueca que segurava na frente do corpo. Pensar nisso me deixou ainda mais deprimida. Eu queria ser perseguida. No fundo, mesmo que não quisesse reconhecer, queria saber que significava mais para Jude e que ele não desistiria depois de alguns minutos.

Mas lembrei do corpo nu e brilhante de Adriana e daquele sorriso triunfante, e jurei que nunca mais queria ver Jude Ryder.

Atravessei o saguão andando com cuidado, como se ainda pisasse em gelo. A recepcionista levantou a cabeça e sorriu com simpatia.

— Bom dia — cumprimentou ela.

— Oi — respondi, porque não tinha nada de bom nessa manhã. — Preciso de um quarto, se tiver algum.

Não havia considerado que o hotel poderia estar lotado. Pensar em dirigir mais alguns quilômetros até o próximo hotel revirou o meu estômago.

— É claro que temos — disse ela, digitando no teclado.

— Quanto tempo pretende ficar?

“Tanto quanto for possível. Até o fim dos tempos.”

— Até domingo. — Não queria ficar no meu quarto ou em qualquer lugar onde pudesse ser encontrada até ser absolutamente inevitável.

— O check-in é às três, eu terei que cobrar por quatro noites — avisou ela, passando um cartão magnético em um equipamento.

— Tudo bem — respondi, pegando a carteira.

— Mas é feriado de Ação de Graças e gosto de abrir exceções nos feriados — continuou ela, olhando para mim e sorrindo.

— Obrigada. — Entreguei meu cartão.

Não sabia quanto isso custaria. Não sabia nem se o único quarto disponível era a suíte presidencial. Só precisava me encolher em uma cama e dormir.

Ela pegou o cartão enquanto analisava o meu rosto. Seu sorriso expressava preocupação.

— Está tudo bem, querida?

Ótimo. Eu era a imagem da desgraça. Meus olhos vermelhos e inchados deviam revelar o que eu tentava esconder.

Assenti.

— Sim. Estou cansada, só isso — respondi, torcendo para ela ser rápida e eu poder sair logo dali.

A recepcionista me devolveu o cartão.

— Se precisar de alguma coisa, é só ligar para a recepção — disse ela, pousando a mão sobre a minha e sorrindo de novo. — Deus sabe que os amo, mas os homens são um enorme pé no saco.

Nem tentei entender por que, no meio de toda a população de recepcionistas de hotel, acabei encontrando a mais gentil, porque a ironia disso se encaixava com perfeição no tom das últimas vinte e quatro horas.

Tentando sorrir também, bati com o cartão de crédito em cima do balcão.

— E não é verdade? — respondi, antes de me dirigir ao elevador.

Subi ao terceiro andar. Consegui atravessar o corredor e entrar no quarto antes de uma nova enxurrada de lágrimas. Para alguém que odiava chorar, eu estava me superando. Tirei os sapatos e o casaco, me enfiei embaixo das cobertas e fechei os olhos. Dormi antes da próxima lágrima cair no travesseiro.



Passei os três dias seguintes no quarto de hotel. Dormi quase o dia inteiro na sexta-feira, depois assisti à televisão sem realmente ver nada, e só pedi a primeira refeição na tarde de sábado, porque tinha perdido o apetite. Mesmo assim, tive que me obrigar a comer todo o sanduíche vegetariano com pão integral. Entre mudar de canal e dormir, tomei algumas duchas. Era melhor que banho de banheira porque embaixo do chuveiro eu podia fingir que não estava chorando. Tentei encontrar uma academia de balé para extravasar parte da dor, mas não encontrei nada aberto no meio do feriado.

Havia desligado o celular na sexta-feira ao acordar, porque Jude estava ligando de meia em meia hora desde cedo. Eu imaginava que ele tinha ido me procurar no alojamento da universidade e estava ficando maluco tentando descobrir onde eu estava, preocupado com o que podia ter acontecido comigo na estrada.

Ao desligar o celular, eu disse a mim mesma que um homem que dormia com outra mulher não tinha mais o direito de se preocupar ou querer saber se eu estava segura.

Dormi até tarde no domingo, tentando adiar o inevitável. O hotel era como um cobertor quente que me dava segurança, mas eu não poderia me esconder ali para sempre. Tinha que voltar à realidade, e certamente não estragaria

minha vida por um homem que nem deveria ter permitido entrar nela.

A neve e o gelo haviam derretido na sexta-feira à tarde e as estradas e meu Mazda se entenderam muito melhor. Eu só precisei enfrentar o trânsito de fim de feriado.

Era tarde quando voltei a Nova York. Disse a mim mesma que não tinha nada a ver com procrastinação, mas com querer apreciar a paisagem durante a viagem. É claro que havia passado o fim de semana inteiro em estado de negação, então, por que parar?

A garagem estava quase cheia de novo. Parei na minha vaga, desliguei o motor e respirei fundo algumas vezes antes de sair do carro. Não dava mais para adiar.

Jude e sua caminhonete não estavam por ali. Eu estava certa, talvez não merecesse mais que uma perseguição de alguns minutos e centenas de telefonemas. Esse pensamento foi um dos mais deprimentes que tinha tido até então.

Eu ainda usava a mesma roupa com que havia saído na quinta-feira. Amassada, suja e pronta para a lata de lixo.

Podia sentir os cheiros e até ouvir os sons distantes, ainda na escada, de que India estava de volta. Era tudo de que eu precisava. Ficar encolhida na cama ao lado dela e tomar o chá hippie que continha coisas que eu nem queria

identificar, enquanto eu desabafava e ela me oferecia conselhos sábios que iam mais ou menos na direção de contratar uma feiticeira vodu para dar fim logo em Jude.

Empurrei a porta da escada, que parecia duas vezes mais pesada que de costume, e fiquei imediatamente tensa ao pisar no corredor. A mesma figura que vi pelo espelho retrovisor três noites antes, quase na mesma posição, olhando para a porta do meu quarto como se implorasse para entrar.

Eu havia dado o primeiro passo de volta à escada, quando os ombros de Jude enrijeceram, um instante antes de ele olhar para trás.

— Luce — sussurrou ele, dizendo meu nome como se fosse uma prece.

Balancei a cabeça e meus olhos se encheram de lágrimas. Continuei recuando. Eu não podia seguir com isso. Não podia insistir em Jude Ryder, isso acabaria me matando. Ou me internando em um hospício.

— Luce. Por favor — implorou ele, se esforçando para ficar em pé. Ele se desequilibrou como se estivesse sem forças, ou como se estivesse bêbado.

Continuei recuando. Era o único jeito de me proteger dele. Continuaria recuando até o fim do mundo se fosse

preciso.

— Luce — repetiu ele, e todo seu rosto se contorceu. Equilibrando-se com o apoio da parede, Jude deu dois passos em minha direção antes de as pernas cederem e ele cair de joelhos.

Minha resposta não foi racional, mas instintiva. Correndo em sua direção, entrei em pânico ao pensar que ele estava morrendo. Nunca tinha visto Jude fraco. Nunca imaginei que isso fizesse parte dele. Vulnerável, sim, mas nunca fraco. E lá estava ele, incapaz de sustentar o próprio peso e dar um passo de cada vez.

Abaixei-me ao lado dele e percebi imediatamente que a falta de equilíbrio e coordenação não eram provocados pelo álcool. O hálito tinha cheiro de Jude, apenas, e os olhos estavam claros.

No entanto, quando encontraram os meus, foram encobertos por uma emoção tão profunda que eu jamais conseguiria identificá-la.

— Meu Deus, Luce — sussurrou ele, com esforço —, não faz mais isso comigo.

Os braços me envolveram, me puxaram contra ele com toda a força que Jude ainda tinha. Não era um abraço

normal, aquele que me fazia sentir que eu estava protegida do mundo. Esse abraço era vazio, até meio estranho.

Eu me afastei, certa de que ele não morreria tão cedo, e o sofrimento se transformou em raiva. Em parte por ele estar ali, quando não tinha mais esse direito, em parte por eu ser forçada a olhar outra vez para o que havia perdido. Quando o empurrei, seu rosto foi tomado pela dor.

— Nunca mais fazer isso com você? — Eu praticamente cuspi as palavras. Não me importava se Jude estivesse fraco. Ele não merecia nem um pinga de misericórdia. — Não fazer isso com você? — Era como se eu não conseguisse falar mais nada.

— É — respondeu ele, olhando para o chão —, não faz mais isso comigo. Tem ideia de como fiquei preocupado? — Seu peito arfava como se o oxigênio não conseguisse chegar aos pulmões. — Tem ideia de quantas vezes vasculhei essa cidade para ter certeza de que você não estava morta em algum beco? Sabe para quantos hospitais, delegacias e redações de jornais telefonei de hora em hora para perguntar se não havia sido achada morta em alguma estrada? — Os olhos encontraram os meus e brilharam como ônix. — Então, não faz mais isso comigo.

— Tudo bem. — Empurrei seu peito. Pela primeira vez, consegui tirá-lo do lugar. — Eu paro de fazer isso com você, quando você parar de transar com piranhas pelas minhas costas. Ah, espera, não quero mais saber de você e das suas mentiras, pode transar com quem quiser. — Empurrei Jude de novo, levantei e me dirigi à porta do quarto. Precisava de algo entre nós nesse momento, de preferência um ou dois estados, mas teria que me contentar com uma porta.

— Você não vai se livrar de mim — sibilou ele.

— Ah, eu vou! Não quero mais saber de você, Jude Ryder! — gritei, dando as costas para ele quando abri a porta. — CHEGA! — Bati a porta, mas ela abriu em seguida. Jude havia se colocado na soleira, e eu consegui bater a porta com força em um lado de seu rosto.

Ele fez uma careta, mas acho que sofria mais com a dor que não era física.

— Que inferno vocês dois! — gritou India, girando com a cadeira. — Parem com esse escândalo. Vocês não são o primeiro casal a discutir, parem de fingir que isso é novidade.

Ela me empurrou para o lado e olhou para fora do quarto.

— Desculpa — gritou ele. — Estamos resolvendo uns probleminhas aqui. Não vamos deixar ninguém sem dormir.

Em seguida, India olhou para Jude, que continuava parado na porta e respirava como se ainda não tivesse ar suficiente, olhando para o chão como se esperasse ser tragado por ele. Ela o segurou pelos ombros e puxou para dentro do quarto.

— Entra, seu filho da puta maluco.

Depois, India fechou a porta e apoiou as costas nela. Respirando lentamente, olhou para mim perto da minha cama, de braços cruzados e olhando para os lados, menos para Jude.

— Escuta o que o cara tem para falar — disse ela. — Ele tem esse direito, e você merece ouvir.

— Espera. — Olhei para minha amiga. — Você já conversou com ele? Acredita nas mentiras que ele contou?

India não era ingênua e achava que, como espécie, os humanos não eram dignos de confiança, o que significava que Jude devia ter sido bem convincente.

Devia ter contado uma grande e impressionante mentira.

— É isso mesmo. Quando voltei e o encontrei acampado no corredor, recusando-se a ir embora, sentei e ouvi o que ele tinha a dizer. — India me encarava como se eu me

comportasse como uma criança mimada. — Algum problema?

— Alguns milhões deles — respondi —, “amiga” — acrescentei para provocar culpa.

Não funcionou.

— Escuta, amiga — devolveu ela, levantando uma sobrancelha —, ele está aqui. Você está aqui. Conversem sobre essa merda, depois que todas as cartas estiverem na mesa, você pode voltar a odiar o cara.

Ela se aproximou de mim e me abraçou. Os brincos dourados e compridos roçaram em meus ombros.

— Conversar. Ouvir. Sei que parece difícil, mas não é — disse India, a caminho da porta. — Se precisarem de mim, estarei na área social.

Ela tocou o rosto de Jude ao passar. Ele não respondeu.

— É a sua chance. Não desperdice a oportunidade.

India abriu a porta e olhou para Jude, franzindo a testa ao vê-lo encolhido.

— Vê se convence o cara a comer ou beber alguma coisa, Lucy. Ele vai morrer se não ingerir algum líquido. É melhor beber alguma coisa, filho da mãe doido. — Ela chutou de leve a perna de Jude. — Porque uma pessoa só pode passar

sete dias sem líquidos antes de entrar em colapso. Estou calculando que você já está no quarto.

Antes de fechar a porta, India sorriu para me incentivar e, no instante seguinte, ficamos apenas Jude e eu.

Por mais furiosa que estivesse com ele, a preocupação me atormentava. Jude estava fraco, cansado, respirando com esforço, olhando para o vazio.

— Está realmente sem comer ou beber nada há quatro dias? — perguntei, me aproximando do frigobar.

— Não lembro — respondeu ele, com a voz tão fraca quanto todo o resto.

— Idiota — resmunguei, pegando na geladeira duas garrafas de água e uma barra de chocolate que India e eu mantínhamos ali para situações de emergência. Um homem à beira de um desmaio por não se alimentar havia dias era uma emergência.

Ajoelhei na frente dele e abri uma garrafa.

— Bebe — falei, aproximando a garrafa de sua boca.

Não era um pedido.

Ele não se moveu. Continuou onde estava, abrindo e fechando as mãos sobre as pernas.

— Jude — insisti, e levantei seu queixo para poder encará-lo. — Bebe. Por favor.

Os olhos dele eram quase tão vazios quanto o abraço que ele me deu no corredor. Alguma coisa se contorceu dentro de mim, uma coisa que me atingia mais profundamente que tudo.

Ele entreabriu os lábios. Aproximei a garrafa deles e a inclinei.

Jude engoliu a água sem desviar os olhos dos meus, bebendo todo o líquido.

Tive que virar o rosto porque não suportava mais aquele olhar. Todo o cinza havia desaparecido deles, restava apenas o preto.

— Melhor? — perguntei, jogando a garrafa para o lado e pegando a outra.

Ele assentiu e parecia prestes a me abraçar.

— Que bom. — Levantei a mão e dei um tapa em seu rosto. Nem havia percebido que tinha essa intenção, mas a sensação era boa.

Foi boa, pelo menos, até ele se encolher e fechar os olhos, e eu ver uma mancha vermelha se espalhando por sua bochecha.

— Desculpa — falei me aproximando para examinar seu rosto.

Bati no Jude. Com força. E nem pretendia bater nele.

Segurei firme porque eu tinha acabado de chegar ao ponto mais alto da montanha-russa e despencaria.

— Jude, meu Deus — gemi, tocando seu rosto. Eu era só emoção e instinto, reduzida a um monstro. — Desculpa.

— Faz isso de novo — sussurrou ele, sem abrir os olhos.

— Quê? — Eu devia ter ouvido errado, ou não entendi o significado do que ele disse. — Não.

— Faz isso. — Jude abriu os olhos e olhou no fundo dos meus. — De novo.

O carrinho descia a montanha-russa. Até o fim.

— Não — respondi.

O tapa tinha tirado alguma coisa do lugar na cabeça dele?

— Droga, Luce — berrou ele, agarrando o meu pulso quando tentei me afastar. — É para me bater de novo!

— Não! — Agora eu também gritava. — Solta o meu braço, Jude!

— Bate! — Ele berrava, segurando minha mão e batendo com ela em seu rosto. — De novo! — E segurou minha outra mão para bater do outro lado.

— Para! — Tentei me soltar. As mãos dele pareciam estar coladas às minhas e não me soltavam. Ele batia no

rosto com uma, depois com a outra. — Para — gemi e minha garganta se contraiu com os soluços.

Ele não parava. Tapa após tapa, Jude batia com as minhas mãos em seu rosto até elas formigarem.

— Jude, para. — Eu chorava, os soluços me sacudiam. O rosto dele estava vermelho. — Por favor.

Então, tão de repente quanto havia começado, ele soltou minhas mãos. Elas ardiam como se centenas de agulhas perfurassem a superfície, mas a dor que eu sentia dentro de mim era a pior.

Amava o homem que via destruído diante de mim. Amava como jamais amaria outro. Mas não podia ficar com ele por muitas razões. Esse último episódio era só uma delas.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ele, caindo para trás e usando a minha cama como apoio para as costas.

— Não. — Enxuguei meus olhos com a manga do casaco, olhando para minhas as mãos como se não acreditasse no que elas podiam fazer.

— Nem eu. — Jude passou as mãos no rosto.

A respiração dele era mais calma e as partes de seu rosto que não tinham vergões vermelhos estavam brancas e úmidas. Nunca o vi tão frágil. Nunca o imaginei desse jeito.

— Pega — falei, jogando uma barra de chocolate para ele. — Come.

— Pensei que não se importasse. — Jude girou a barra nas mãos.

— Não me importo — menti, me acomodando no chão em uma posição mais confortável. — Come logo. Não quero que desmaie porque teria que chamar meia dúzia de homens para tirar você daqui.

Um canto de sua boca se ergueu enquanto ele desembrulhava o chocolate. Jude tirou um pedaço e jogou para mim.

— Parece que você precisa tanto quanto eu. — Ele quebrou outro pedaço. — Eu como, se você comer.

Suspirei e reconheci que estava certo, por mais que eu não quisesse admitir.

— Tudo bem. — Mordi o chocolate e deixei o pedaço derreter na boca.

Ele enfiou o dele inteiro na boca. Mastigou olhando para mim, como se pensasse no próximo movimento que faria.

— Eu não transei com a Adriana, Luce.

Quase engasguei com o chocolate que ainda derretia em minha boca. Ele não facilitaria essa conversa. Pelo contrário, atacava a bandeira vermelha como um touro furioso.

— É claro que não — respondi, tirando os sapatos e jogando-os do outro lado do quarto. — Ela só precisava do seu chuveiro emprestado enquanto você dormia pelado na cama e segurava uma garrafa vazia de tequila.

Os músculos de seu pescoço ficaram tensos, os da mandíbula também.

— Eu não transei com ela, Luce.

Dei risada, um som seco.

— Você estava bêbado, Jude. Completamente bêbado — falei, tentando não visualizar a cena outra vez. — Como pode saber?

Eu me sentia ofendida por ele ainda tentar negar. Jude sabia que eu não era ingênua e o fato de me tratar assim era muito ofensivo.

— Como eu posso saber? — repetiu ele, incrédulo. — Como eu posso saber, Luce? — Ah, agora era ele que reagia ofendido. — Eu sei porque, mesmo que bebesse até a última gota de álcool do bar mais sujo dessa cidade, ainda haveria só uma garota com quem eu ia querer transar. Só uma garota com quem eu fantasiaria sobre ir para cama.

— Vamos ver se adivinho. — Bati com o dedo na têmpora. — Adriana Vix?

Jude deu um soco no chão.

— Dá para parar de ser tão difícil?

— Dá para parar de transar com vadias manipuladoras quando eu não estou por perto? — Golpe baixo, mas era onde eu queria atingi-lo agora.

— Não posso parar o que nunca comecei — respondeu ele, estalando o pescoço e tentando impedir a bomba relógio de explodir outra vez.

— Está dizendo que uma Adriana Vix nua e recém-saída do banho apareceu no quarto num toque de mágica? — Eu esperava que a ideia parecesse tão ridícula quanto era.

— Se eu contar o que aconteceu, vai acreditar em mim? — Jude mantinha a voz baixa, os músculos relaxados.

— Não — disparei —, mas tenho certeza de que vai ser muito divertido e criativo, então, por favor, pode falar.

Ele respirou fundo, tentando não morder a isca.

— Depois que saí do restaurante, eu voltei para casa. Estava furioso comigo por ter estragado o dia, por isso peguei uma garrafa de tequila e subi para beber no meu quarto.

— Beber até cair — lembrei.

— Luce, nós dois sabemos que eu ia ter que tomar muito mais que uma garrafa para cair bêbado.

E daí que ele era resistente a álcool? Naquele dia havia sido diferente. Ele não havia comido nada e tinha deixado a namorada no meio de uma rua coberta de neve.

— Eu estava bêbado, é verdade, mas, quando fui para a cama naquela noite, estava sozinho. E de cueca.

— E Adriana entrou no seu quarto, tirou sua cueca, te ajeitou na cama e entrou no chuveiro?

— Talvez.

— E onde é que está escrito “idiota” na minha cara?

— Eu nunca tratei você como idiota, Luce, não começa — gritou ele. — Estou dizendo o que sei que aconteceu, admitindo que não sei tudo, mas juro em cima do túmulo do seu irmão que não levei Adriana Vix para a cama naquela noite.

Eu me encolhi e me afastei dele.

— Não envolve meu irmão nisso — avisei, apontando um dedo para ele. — Não jura em cima do túmulo dele, seu filho da mãe mentiroso!

— Tudo bem. — Jude soltou o ar pelo nariz. — Não vou jurar em cima do túmulo de ninguém. Vou dar a minha palavra, só isso. Eu não fiz nada, Luce. Eu te amo. Vou amar só você para sempre. — A dor voltou a surgir em seus olhos. — Você precisa acreditar em mim.

Eu ri.

— Que pena.

Jude largou a barra de chocolate e bufou. Estava cansado, esgotado, talvez mais que eu.

— Então, precisa confiar em mim, Luce. — Ele me encarou e não precisei de palavras para entender o sentido da declaração.

Confiança. O que eu não havia dado a ele meses atrás. Paguei caro por não ter confiado nele. E tinha prometido que ele sempre teria a minha.

Esse era o golpe baixo de Jude. Pedir para eu confiar nele, sabendo que eu não negaria o que já tinha negado antes. Eu sabia o que tinha visto, por isso não conseguia acreditar nele. Mas o conhecia e, por isso, por mais absurda que fosse toda a história, decidi confiar nele.

— Tudo bem — suspirei, percebendo que confiança doía tanto quanto amor.

Finalmente, ele voltou a respirar. Seu corpo inteiro relaxou.

— Tudo certo, então? — perguntou ele, tão baixo que era como se tivesse medo da resposta. — Vamos conseguir superar?

Minhas mãos tremiam porque era isso. O fim.

— Eu confio em você, Jude — comecei, olhando para minhas mãos trêmulas porque não suportaria ver o seu rosto se contorcer em sofrimento de novo —, mas não posso. Agora não. Preciso de um tempo.

Tive que parar para me controlar antes de continuar.

— Não consigo mais levar adiante esse sobe e desce, essa coisa de nunca saber o que me espera depois da próxima esquina. Preciso de um tempo para me recuperar e entender o que eu quero e se nós funcionamos juntos. Preciso de... tempo.

Ele havia ficado em silêncio o tempo todo, imóvel, esperando eu terminar.

Depois de um minuto quieto, perguntou:

— Luce, está falando o que eu acho que está falando?

A voz dele quase me fez explodir em soluços de novo.

— Sim. — Virei minhas mãos. — Acho que sim.

Ele inspirou e deixou a cabeça cair para trás sobre o meu colchão.

— Só preciso de um tempo, Jude — expliquei, querendo dar a ele um fio de esperança que sabia que não existia. — Preciso de um tempo do furacão que você e eu criamos em todos os lugares por onde passamos.

— Quanto tempo? — A voz dele era um sussurro, os olhos também estavam fixos em minhas mãos.

— Não sei. Um mês. Talvez mais.

— Um mês? — Mais um soco no chão.

— Não sei, Jude. Agora eu não sei — expliquei, quase perdendo o controle de novo. — Desculpa.

Apesar do que havia ou não havia acontecido no quarto de Jude na noite de quinta-feira, não queria magoá-lo. Não queria ser responsável pela dor em sua voz ou pela agonia em seu rosto.

Ele me observava em silêncio. Parecia uma eternidade. Seus olhos não perdiam nada. Engatinhando pelo chão até onde eu estava, pôs as mãos sobre as minhas, que ainda tremiam.

— Tudo bem — disse ele, com a voz trêmula. — Você tem o tempo que quiser. Todo tempo que quiser. Eu vou estar aqui. Mesmo que demore muito. Eu sempre vou estar aqui, Luce. Sou seu — respirou, apertando minhas mãos — para sempre.

Jude levantou-se, olhou para onde eu continuava sentada e manteve o controle com muito esforço. E continuou me olhando, como se a ideia de virar e sair do

quarto fosse paralisante. Depois, se abaixou e beijou o topo da minha cabeça.

— Amo você, Luce — disse ele. — Lamento que a minha presença em sua vida tenha causado tanta confusão. Peço desculpas também por ser um merda tentando entender como deixar de ser um merda. — Ele abriu a porta e parou. — Vou fazer tudo que eu puder para fazer você feliz.

Assim que Jude saiu e fechou a porta, olhei para ela e senti vontade de voltar atrás. Mas sabia que não podia. Não podia continuar fazendo isso comigo. Não era saudável sentir essas emoções tão intensas o tempo todo.

Fiquei sentada ali na mesma posição, dizendo a mim mesma que havia cometido um terrível engano, só para lembrar dois segundos mais tarde que foi a coisa certa. Não sabia por quanto tempo faria a advogada do diabo comigo mesma, quando ouvi batidas na porta.

— Entra. — Minha garganta doía, a voz estava rouca.

India enfiou a cabeça no vão da porta e franziu a testa ao me ver no chão.

— Aquele filho da mãe magoou você? — perguntou ela, entrando e ajoelhando ao meu lado.

Balancei a cabeça.

— Não, mas acho que ele está sofrendo por minha causa.

— Quando é que vocês dois vão se entender? — perguntou India, de cabeça baixa.

Minhas mãos tinham parado de tremer, mas estavam entorpecidas. Mortas.

— Talvez nunca — respondi. — Talvez não tenhamos nascido para ficar juntos. — Dizer essas palavras machucava mais minha garganta do que os soluços.

— Luce, Deus sabe que te amo e que é minha irmã, mas às vezes você é bem idiota.

Levantei a cabeça. Precisava de compaixão e de um ombro para chorar, não de outra voz me dizendo que eu havia cometido o maior erro da minha vida.

— Quando vai parar de olhar para todos os motivos pelos quais não devem ficar juntos e começar a se concentrar nos motivos para estarem juntos? — perguntou ela, balançando o piercing ao levantar e abaixar as sobrancelhas.

— India — falei —, para todos os efeitos, ele transou com minha arqui-inimiga. Todos os motivos para ficarmos juntos desapareceram quando ele tirou a cueca.

— Jude admitiu que isso aconteceu? Ele disse que pegou sua arqui-inimiga?

— É claro que não admitiu — disparei, olhando para o resto de barra de chocolate no chão. — Ele negou.

— Então, você pisou na bola — respondeu India, estreitando os olhos enquanto sentava ao meu lado e passava um braço sobre meus ombros. — Se diz que vai confiar no homem que está com você, confie no homem que está com você. Não revogue o privilégio quando ele mais precisa.

— Ah, para com isso, Indie — pedi, cansada de discutir. — Você também não.

— Já falei o que tinha para falar. — Ela pousou a mão no peito. — Você é livre para cometer tantos erros quanto todos nós. Só acho que desse vai se arrepender pelo resto da vida.

— Obrigada pelo apoio — respondi levantando o polegar.

— Falando no sr. Maior Arrependimento da Sua vida — disse ela, sorrindo para mim com doçura —, onde está o pegador de arqui-inimiga?

Levantei um ombro.

— Voltando para a faculdade — arrisquei.

— Como? — Agora ela me encarava como se eu estivesse brincando.

— Com sua caminhonete que faz três quilômetros com um litro e tem vários amassados novos na lataria.

E ela tinha a audácia de me chamar de doida.

— Essa caminhonete foi guinchada duas noites atrás, depois que ele chegou — contou India, e caminhou em direção à janela. — Um dos caras que passou o fim de semana aqui disse que Jude estacionou a caminhonete na frente da porta e a deixou lá enquanto vasculhava todos os andares e quartos atrás de você. Acho que a faculdade decidiu que uma caminhonete bloqueando a entrada de um dos alojamentos era uma violação das regras de trânsito.

— E como ele vai voltar?

— A menos que tenha algum ônibus de Nova York para Syracuse nas noites de domingo, acho que ele vai andando — respondeu India, olhando pela janela.

— Você só pode estar brincando — resmunguei, sabendo que ela estava certa. Jude era louco o bastante para tentar ou acabaria pedindo carona. Só de pensar no tipo de pessoa que podia parar fez meu estômago embrulhar.

— India — falei, e me levantei com um pulo —, pode ir atrás dele e levá-lo para casa? Por favor? — Eu suplicaria, se fosse necessário.

— Impossível, gata. — Ela se jogou na cadeira giratória e ligou o laptop. — Tenho mais trabalhos para fazer do que poderia imaginar.

— India — gemi com uma cara triste.

Ela revirou os olhos.

— Desculpa, não posso — disse ela, tirando alguma coisa do bolso traseiro do jeans justo. — Mas pode usar meu carro. Vai chegar lá mais depressa e com mais segurança do que no seu Mazda. — India jogou a chave na minha direção e acenou. — Agora vai. Ele não deve estar a mais de três quilômetros daqui. — E olhou para mim com uma careta. — Três já foram, só faltam quinhentos.

Olhei feio para ela, peguei a bolsa e saí.

— Boa viagem — desejou India.

Andei até o fim do corredor, desci a escada e saí do prédio, e ainda não havia decidido se usava o carro de India ou o meu. Assim que senti o ar gelado da noite, tomei a decisão: bancos de couro aquecidos.

Na garagem, olhei em volta esperando ver Jude por ali, embora não acreditasse muito nessa possibilidade. Apertei os botões no chaveiro e consegui abrir o carro na terceira tentativa. Entrei, ajustei o banco, porque India era mais alta que eu, liguei o motor e acionei o aquecimento dos bancos na potência máxima. O calor envolveu meu corpo quase que imediatamente.

Quando saí da garagem, decidi fazer o caminho que fazia um fim de semana sim, um não, quando ia ver Jude. Não

sabia se ele também ia por lá, não sabia nem se ele estava andando, mas era um ponto de partida.

Percorri alguns quilômetros abaixo do limite de velocidade, olhando para as duas calçadas, certa de que o veria no quarteirão seguinte. O quarteirão seguinte se transformou em cinco quilômetros. India estava certa: ele planejava ir andando de Nova York a Syracuse.

Não que eu precisasse de mais alguma confirmação, mas o homem era louco.

Seu caminhar era determinado, os ombros estavam meio curvados para a frente e as mãos permaneciam nos bolsos, como se ele tentasse aquecê-las. Vi a nuvem branca formada por sua respiração quando cheguei mais perto. Abri a janela.

— Precisa de carona, caubói?

Ele continuou andando, mas sorriu.

— Garotas não devem oferecer carona para malucos que andam pelas ruas tarde da noite.

Lembrei que estava brava com ele e que estávamos dando um tempo, mas antes daria uma carona para ele.

— Eu gosto dos malucos.

Jude parou, virou e se aproximou do carro.

— Nesse caso, vou adorar uma carona — disse ele, sentando no banco do passageiro e sorrindo para mim. Mas

era um sorriso triste porque não alcançava seus olhos.

— Está com frio? — perguntei, aumentando a temperatura do aquecedor no assento dele.

Jude ergueu os ombros.

— Já senti mais.

Eu sabia que ele estava escondendo alguma coisa nas entrelinhas, como uma mensagem subliminar, mas não sabia o quê.

— Tudo bem. — Pisei no acelerador. — Syracuse ou outro lugar?

Com as mãos na frente do banco, ele virou o rosto e olhou pela janela.

— Eu escolheria “outro lugar”.

Olhei para ele. O ar quente no interior do carro acentuava o cheiro normalmente sutil de Jude. Cada vez que eu respirava, era Jude que eu inspirava. E cada respiração doía.

— É claro que sim.

— Nós dois sabemos onde eu preferiria estar, mas como não posso, Syracuse serve.

Olhei para o relógio que brilhava verde no painel. Foram só cinco minutos em uma viagem que duraria cinco horas. Se ele continuasse fazendo esse tipo de comentário, eu

enlouqueceria antes de atravessarmos a Ponte George Washington.

— Dá para parar com isso? — pedi. — Preciso de um tempo. Você concordou. Eu não podia deixar você percorrer milhares de quilômetros a pé e no escuro. A gente pode ser legal?

— Sim, Luce — respondeu ele, apoiando a cabeça no encosto do banco. — Posso ser o que você quiser que eu seja.

Quando atravessamos a Thruway, Jude e eu não havíamos trocado nem mais uma palavra. Nunca dominamos a arte de jogar conversa fora, e como os assuntos densos estavam fora de cogitação, aceitamos o silêncio. Mas a sensação não era de tranquilidade.

Na primeira parada, Jude insistiu em dirigir e essas foram as primeiras e últimas palavras que ele disse até o fim da viagem.



DOZE

Acordei sobressaltada, mas o susto durou pouco. Eu estava no banco do passageiro do carro de India, com o cinto de segurança afivelado, a luz da manhã começando a entrar pela janela. Olhava para o teto, porque o encosto estava reclinado. Soltei o cinto e coloquei o assento na posição vertical. Estávamos parados na frente da casa de Jude.

Ele estava deitado no banco do motorista, que havia reclinado, acordado e olhando para mim.

— Que horas são? — perguntei, me afastando para olhá-lo de frente.

— Um pouco mais de sete, acho — respondeu ele, e os círculos embaixo de seus olhos ficaram mais escuros. Eu não sabia quanto tempo fazia que Jude estava sem dormir, mas sabia que, fossem quatro noites ou uma, não era saudável.

Eu fazia tão mal para ele quanto ele para mim.

Minha primeira aula começava às onze, o que significava que eu não chegaria de jeito nenhum, a menos que voltasse

trinta quilômetros acima do limite de velocidade.

— Tenho que ir embora — disse.

Jude não se moveu, continuou deitado no banco reclinado, encolhido naquela posição, olhando para o banco do passageiro.

Finalmente, ele suspirou.

— É, eu sei.

Depois levantou o encosto e saiu do carro. Ele esperou enquanto eu contornava o veículo pela frente, segurando a porta aberta e mexendo o pé no chão.

Mais uma despedida, dessa vez um adeus semipermanente, e eu não queria fazer isso de novo.

— Tchau — sussurrei, passando por ele para entrar no carro. A palavra ficou presa na minha garganta e o gosto era ácido.

De repente, ele me abraçou e me puxou de volta, me surpreendendo. Jude me segurava, se negava a me soltar e eu me permitia ficar. No passado, eu tinha a sensação de que ele me amparava quando ficávamos abraçados assim, mas agora eu sentia que eu o amparava.

Com o rosto encostado em meu pescoço, ele estremeceu uma vez. Se ele não me soltasse, eu começaria a chorar de novo.

Eu já estava a um suspiro de derramar a primeira lágrima, quando ele levantou o braço com um esforço imenso, como se algo o prendesse a mim.

— Tchau, Luce — murmurou ele, beijando a minha têmpora antes de virar e seguir em direção à casa.

Jude não olhou para trás nem uma vez, mas eu o acompanhei com os olhos até ele desaparecer dentro de casa. Então, entrei no carro, ajustei o banco e, pouco antes de partir, olhei para a janela do seu quarto. Jude estava lá parado, olhando para mim com aquele ar triste que sempre surgia quando se afastava de mim.

Por que fiz isso comigo? Por que não acelerei sem olhar para a janela?

É claro que tinha uma resposta para isso. Eu amava Jude.

Mas, às vezes, eu estava aprendendo: o amor não era suficiente.



Algumas semanas passaram. Essas semanas nunca passaram tão devagar.

Jude cumpriu o combinado e me deu o espaço de que eu precisava. Não mandou nem uma mensagem de “oi”. Por ser

quem eu era, uma parte de mim se sentia grata por ele atender ao meu pedido, e outra parte estava magoada. Mas Jude era quem era, ninguém dizia a ele o que fazer e, por isso, eu sabia que, se quisesse mandar uma mensagem, ele teria mandado.

Na quinta-feira seguinte à nossa separação, acordei com um jogo de pneus novos no Mazda. Nenhum bilhete ou qualquer coisa que identificasse a fada dos pneus, mas eu sabia quem havia feito. Não sabia como ele havia feito, mas o gesto, saber quanto havia custado e o tempo que havia perdido com isso, me fez chorar de novo naquela manhã, depois de ter passado o dia anterior sem derramar nenhuma lágrima.

Na semana seguinte, encontrei uma rosa no para-brisa. Uma rosa vermelha.

Agora eu era uma daquelas garotas emotivas que sempre tinha criticado, deixando poças de lágrimas em todos os lugares por onde passava. Isso me enfurecia, mas eu continuava. Ficar sem Jude era como seguir pela vida sem uma bússola, então, se meu corpo precisava das lágrimas para lidar com a situação, eu chorava. Tentei extravasar dançando. Atirei-me à dança, que sempre havia sido minha terapia e pela primeira vez ela não correspondeu à

expectativa no departamento de cura. Por mais que eu dançasse, a dor nunca desaparecia. Nunca diminuía.

Thomas e eu nos apresentamos no recital de inverno na semana anterior e as pessoas ainda comentavam o espetáculo. Eu me recusei a olhar para o assento na frente e no centro enquanto me apresentava porque sabia que estaria vazio ou ocupado por outra pessoa. Eu não conseguiria terminar o espetáculo depois disso.

Enquanto Thomas e eu agradecíamos os aplausos, cedi e olhei para aquele lugar que, semanas antes, era ocupado por alguém animado e sorridente. Naquela noite, o que vi foi o rosto duro de um homem de meia-idade.

Tive que abreviar os agradecimentos e os aplausos, porque não queria chorar no palco.

Eu estava péssima.

Na tarde de sexta-feira, uma semana antes do início das férias de inverno, eu corria para o alojamento com a esperança de que o exercício e o esforço me ajudassem a me manter aquecida, apesar da temperatura quase congelante. Que ilusão.

— Duvido que pudesse parecer mais furiosa, mesmo que se esforçasse — disse uma voz conhecida quando subi a escada da entrada.

Levantei a cabeça e vi Tony sentado no último degrau, encolhido no moletom preto e sorrindo para mim com seu jeito característico.

— Quanto tempo — respondi com um sorriso. Era bom ter uma parte de Jude por perto.

Tony arqueou uma sobrancelha escura.

— Não era isso que você queria?

Ajeitei o cachecol no pescoço e me aproximei dele.

— Sei lá.

— Mulheres — comentou ele, balançando a cabeça. — Fazem esse jogo duro de fingir que sabem o que querem, mas assim que a gente atende, querem o contrário.

Sorri para ele e passei o cartão magnético no painel da porta.

— Você é bem observador para alguém que só quer se divertir. — Segurei a porta aberta.

Tony levantou da escada, entrou no prédio e eu o segui. Ele se jogou na primeira poltrona que viu na área social.

— Esse lugar é bem legal — elogiou ele.

Sentei ao lado dele e tirei as luvas.

— O que veio fazer aqui, Tony? — Ele ainda não havia explicado sua presença. Meu contato com Tony era só por

intermédio de Jude, não tínhamos um relacionamento que justificasse uma viagem de cinco horas para me visitar.

Ele ficou sério. Eu fiquei preocupada.

— Ai, meu Deus. O Jude está bem? — Minha cabeça já fazia uma lista de tudo que poderia ter acontecido.

— O que você acha?

— Não brinca comigo, Tony — avisei, e meu coração voltou ao ritmo normal quando entendi a que ele se referia. Jude estava inteiro e vivo, mas péssimo, como eu.

— Ele está bem, não quebrou nenhum membro, não tem nenhum tumor terminal, nada disso.

Esperei a pulsação voltar ao normal.

— Qual é o problema, então?

Tony olhou para o chão, se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. Um pé batia no chão sem parar.

— Fiquei sabendo da história com Adriana — começou ele.

Eu me encolhi. Havia passado três semanas que não ouvia esse nome e tentava não pensar nele. Ouvi-lo agora era como ser jogada contra a parede.

— Jude me contou sobre o que aconteceu entre vocês, e também tive que ouvir Adriana contando como levou para a

cama o *quarterback* que tinha namorada.

Eu estava arrependida de ter convidado Tony a entrar.

— Enfim, não pensei muito nisso depois que o drama perdeu a força. Acredito em Jude porque ele é meu amigo, mas tenho que admitir que tive minhas dúvidas sobre aquela declaração de “nunca transei nem transaria com Adriana Vix”. — Os olhos dele se moviam pela sala. — Porque ela é Adriana Vix. Adriana Vix.

— Já entendi, Tony — interrompi, porque não estava com paciência para ver o cara ter uma ereção na minha frente enquanto fantasiava com ela. — E daí?

Ele balançou a cabeça e olhou para mim.

— Há duas noites, eu estava com a minha Irmã Espiritual, sendo... — ele parou como se quisesse escolher a palavra ideal — “atendido”, e ela tinha bebido um pouco e acabou falando mais do que Adriana gostaria.

Eu não estava entendendo, não queria tentar entender, por isso continuei olhando para Tony e esperando.

— Minha Irmã Espiritual é Payton Presley — explicou ele, o que não esclarecia nada. — Ela e Adriana são, tipo, melhores amigas. Bom, tanto quanto é possível garotas como elas serem melhores amigas. É tipo “você é minha

inimiga favorita, então vou enfiar a faca nas suas costas quando você se virar”. Mais ou menos assim.

Nada disso tinha a ver comigo e Jude.

— E? — Tentei não demonstrar irritação.

— Payton acabou falando na cama que pelo menos não precisava encenar uma trepada com o seu jogador de futebol.

Meu coração disparou de novo.

— Pressionei para ela dar mais detalhes e parece que Adriana contou para ela tudo que aconteceu. Jude chegou em casa depois que vocês brigaram e foi para o quarto com uma garrafa de tequila. Então, não me odeie. — Ele me encarou como se tivesse medo de mim. Pesava cinquenta quilos a mais do que eu, e parecia estar pensando em se esconder. — Talvez eu tenha falado para Adriana sobre a sua briga com Jude naquela noite. Jude me contou. Na verdade, ele falou pouco, não queria conversar, mas não pensei que não devia falar desse assunto quando Adriana apareceu bem mais tarde, naquela noite.

Agora tudo começava a fazer sentido. E perceber o que havia acontecido estava me causando náuseas.

— Payton me contou que Adriana deduziu que você acabaria aparecendo, por isso ficou plantada no quarto de Jude, tirou a roupa dele enquanto ele dormia bêbado e ficou

na frente da janela, vestida só com um roupão, esperando você chegar. — Tony suspirou e se recostou na cadeira. — E o resto você já sabe.

Eu não tinha palavras. Meu coração batia tão forte que ecoava por todo meu corpo. Tinha muitas coisas que eu precisava dizer e fazer. Jude havia falado a verdade.

Ele não dormiu com Adriana. Tinha dito que não importava se estava muito bêbado, ele nunca ia querer ninguém que não fosse eu. Não naquela época, pelo menos. Ele poderia ter mudado de ideia desde que nos separamos.

Eu queria fazer uma centena de perguntas, queria dizer um milhão de coisas, mas só duas palavras saíram da minha boca:

— Que vagabunda.

Tony assentiu.

— Não é nenhuma novidade, Lucy. — Ele ficou em pé e olhou para mim. — Sei que não é da minha conta e vou sofrer muito na mão das líderes de torcida se elas descobrirem que entreguei a chefe da equipe, mas não me importo. Gosto do Jude. Gosto de você. Ele te ama. — Tony pôs as mãos nos bolsos. — Você merece saber a verdade.

Eu sabia a verdade havia semanas e me recusava a acreditar nela.

— Desculpa despejar tudo isso em cima de você, Lucy. Sei que queria espaço e um tempo, mas eu não podia deixar de contar.

— Jude sabe que você veio? — perguntei, pensando no que faria a seguir.

— Não. — Ele sorriu acanhado. — E vai me matar, se souber.

Assenti.

Tony deu um tapinha na minha perna antes de se dirigir à porta.

— Preciso ir embora. Vamos fazer uma festa das boas hoje à noite e alguém tem que cuidar dos barris.

— Tony?

Ele parou e virou para trás.

— Obrigada.

— O que eu posso dizer? — E passou as mãos nos cabelos escuros. — Talvez eu nunca encontre nada tão especial quanto o que vocês têm, mas não vou deixar os dois jogarem isso fora.

Era isso que todo mundo pensava que eu tinha feito? Jogado fora o meu relacionamento com Jude? Isso não chegava nem perto de como eu descreveria a situação. Na verdade, eu o levava comigo a todos os lugares.

— A gente se fala outra hora, Lucy — disse ele, acenando antes de abrir a porta e sair.

Essa outra hora não demoraria, decidi.

Seguindo meu instinto, deixando que ele determinasse uma atitude inconsequente e espontânea, saí do prédio quando a caminhonete de Tony ainda estava descendo a rua.

Alguns minutos depois, entrei no carro e dei partida com um só rosto na cabeça enquanto seguia rumo ao norte.



TREZE

Um cappuccino duplo, uma parada e meio tanque de gasolina depois, eu estava entrando na rua de Jude. A calçada estava cheia de carros, mas não me detive. Tinha só uma coisa em mente, e agora que estava perto de pôr meu plano em ação, segui até a frente da casa, desengatei a marcha e deixei o motor morrer no meio da rua. A caminhonete de Jude estava na entrada da garagem. Ótimo. Se meu carro fosse guinchado, eu sabia como ia voltar.

Atravessei o gramado, subi a escada correndo e entrei. Estar ali semanas depois da separação não era tão doloroso quanto imaginava, mas sabia que isso tinha a ver com o efeito da adrenalina em meu corpo.

Passei pela sala cheia de corpos. Tirei o casaco e o larguei em cima do móvel mais próximo. O chapéu e as luvas ficaram lá também. Reconheci alguns rostos, mas a maioria era gente estranha que devia estar pensando o que havia provocado a expressão furiosa em meu rosto.

Fui até o fundo da sala. Jude estava sentado no sofá sozinho, segurando um copo cheio de cerveja e olhando para a lareira apagada. A touca cinza cobria parte da testa, e ele usava a jaqueta de couro que eu tinha dado para ele.

Meu estômago doeu quando o vi daquele jeito. Queria abraçá-lo e derreter o gelo, trazer de volta o homem que eu amava.

Mas isso teria que esperar.

Minha intenção era encontrar outra pessoa.

Dirigi durante cinco horas para achar aquela vadia da Adriana Vix e falar tudo que penso dela, talvez usar a força para ser mais clara.

Não precisei me esforçar para imaginar quem estava no centro do círculo que alguns rapazes formavam perto da sala de jantar. Inundada por uma nova descarga de adrenalina, fui até lá. Usei os ombros e as mãos para empurrar os rapazes e abrir caminho, até que me coloquei bem na frente de Adriana.

Por um segundo, ela demonstrou surpresa. Depois estreitou os olhos e cruzou os braços, como se estivesse incomodada por eu ter invadido seu espaço.

— O que foi? — perguntou Adriana, inclinando a cabeça.

Eu sorri. Ela não devia ter se dirigido a mim com palavras quando eu estava muito além disso. Meu braço já estava em movimento quando ela arregalou os olhos, compreendendo que eu não estava com disposição para “conversar”.

O soco acertou um lado de seu rosto e a jogou em cima de alguns rapazes atônitos.

— É isso! — falei, sacudindo a mão. Os ossos dela eram pontudos, mas tinha valido a pena. — Vagabunda! — Acrescentei sem desviar os olhos dela.

Adriana se recuperou e empurrou os garotos que se debruçavam sobre ela. Os olhos verdes agora eram quase negros.

— Você vai pagar por isso — disse ela, já fechando as mãos. — Vou ficar com um hematoma.

Sem pensar duas vezes, projetei o outro braço e acertei o outro lado do rosto de Adriana.

— Pronto! — gritei, sacudindo a mão. — Agora vai ficar com dois hematomas para combinar.

A pele bronzeada de Adriana ficou vermelha um instante antes de ela me atacar e agarrar meu pescoço.

— Sua puta superestimada!

Ela me jogou em cima da mesa e enfiou as unhas no meu pescoço, chutando minhas pernas para tirá-las do chão. Bati com as costas na mesa e todo o ar saiu dos meus pulmões de uma vez só.

O impacto a desequilibrou enquanto eu usei a mesa como apoio, agarrei o cabelo dela e a puxei comigo.

Adriana gritou e o som me fez pensar em uma leoa com o nariz entupido. Ela se jogou sobre mim e arranhou meu braço. Unhas de Freddy Krueger. Isso ia deixar cicatriz.

Adriana e eu brigávamos, e uma multidão se reunia em torno da mesa. Os rapazes gritavam, brandiam os punhos cerrados e cantavam:

— Porrada! Porrada!

Estávamos oferecendo o espetáculo do século.

O vestido curto de Adriana subiu e a tanga que ela usava não deixava nenhum espaço para a imaginação. Eu tinha vindo preparada para a batalha, pelo menos. Usava calça jeans, mas em algum momento Adriana havia conseguido rasgar minha blusa até o umbigo, e meus seios cobertos apenas pelo sutiã de renda branca estavam à mostra, expostos a todos os olhos e celulares.

Mais uns tapas e uma virada rápida em cima da mesa e fui parar em cima de Adriana. Consegui imobilizá-la com as

pernas. Ela se debatia, tentava se libertar. Podia ter quinze centímetros e uns cinco quilos – só no sutiã – a mais que eu, mas sou bailarina e seria capaz de estrangular um rinoceronte com a força das coxas se precisasse.

Levantei uma das mãos e dei um tapa na cara dela.

— Esse é pelas outras garotas cujo caminho você atravessou! — gritei, fechando a mão e acertando o rosto dela novamente. — E esse é pelo Jude. — Seu lábio inferior estava cortado e sangrava, as faces tinham vergões vermelhos dos incontáveis tapas e socos, e o cabelo parecia ter enfrentado um furacão. Eu não devia estar muito melhor. — E esse é por mim — concluí, respirando fundo e mostrando o dedo do meio para ela. Sorrindo, mantive o dedo em cima de seu rosto.

Gritando, ela se debateu com força e conseguiu soltar uma perna, que usou para acertar meu queixo.

Voei de cima da mesa e caí aos pés da plateia. Adriana pulou, aterrissou em cima de mim e soltou uma série furiosa de tapas e socos. Não era mais uma briga de mulherzinha. Na verdade, eu tinha certeza de que as imagens iriam circular na internet, e quando isso acontecesse, a associação mundial de alguma coisa nos chamaria para assinar um contrato e lutar profissionalmente.

— Que porra é essa! — Uma voz gritou no meio da confusão. Antes que Adriana conseguisse acertar outro soco no meu rosto, ela foi empurrada e caiu sentada em cima do traseiro coberto apenas com o fio dental. — Luce — sussurrou Jude, no meu ouvido, e parecia mais assustado do que nunca. — Estou aqui. — Dois braços fortes me levantaram e me aninharam contra o peito. — O que você fez? Como você está? — perguntou ele, engolindo em seco ao olhar para o meu rosto.

— Eu ganhei? — Quis saber, deixando Jude me aconchegar em seu peito.

Ele olhou para Adriana e estreitou os olhos.

— Você arrebentou, baby — respondeu ele, e ergueu um canto dos lábios quando olhou para mim de novo.

Foi então que comecei a sentir a dor se espalhando a partir da cabeça.

— Então está tudo bem — comentei.

Jude suspirou e balançou a cabeça.

— Vou tirar você daqui, matadora — disse ele, me carregando por entre as pessoas sem se importar em empurrar quem estava no caminho.

— Sua puta! — gritei por precaução ao passar por Adriana.

Ela limpou o sangue da boca e me encarou furiosa.

— Mesmo no meu pior dia, seu namorado ainda bate uma punheta na minha cara quando você não está por perto.

Essa vagabunda não sabia a hora de parar. Eu me debati nos braços de Jude, tentando me soltar e terminar o que tinha começado. Ele me segurou com mais força.

— Pronta para o segundo round? — gritei para Adriana, empurrando o peito de Jude.

— Lucy — advertiu ele, andando mais depressa no meio das pessoas, aumentando a distância entre mim e Adriana.
— Calma. Respira — disse ele, olhando nos meus olhos. Um deles estava inchado, quase fechado.

Foi necessário um tremendo esforço, mas fiz o que ele pedia. Respirei fundo e me imaginei derretendo em seus braços.

— E eu pensando que tinha dificuldade para controlar a raiva — comentou Jude, subindo a escada. — Depois dessa, você ganhou de mim, Luce.

A dor agora era mais intensa, penetrava cada terminação nervosa.

— Raiva por osmose — respondi, e movi o queixo. É, ali também ia aparecer um hematoma.

Eu me arrependi das palavras imediatamente. A expressão de Jude era de decepção, embora ele se esforçasse para não deixar a emoção tocar seus olhos.

Eu não conseguia imaginar um jeito de consertar todo o mal que havia causado a Jude, e ainda continuava aumentando a pilha. Pus a mão em seu peito, sobre o coração, e deixei que me levasse para o quarto.

Jude me colocou em cima da cama e me apoiou sobre um monte de travesseiros.

— Meu Deus, Luce — disse, ajoelhando ao meu lado e examinando meu rosto. Eu não queria saber. Não olharia no espelho nas próximas duas semanas. — Onde você estava com a cabeça?

Deslizei os dedos pelo rosto e me encolhi. Tudo doía.

— Queria fazer aquela vadia engolir um pouco do próprio veneno — respondi —, usando o punho como dosador.

Ele bufou e passou a mão em meu pescoço.

— Não se preocupe — disse ele quando me viu olhar para os dedos sujos de sangue. — Eu vou cuidar de você. — Jude levantou e atravessou o quarto. — Já volto.

Sozinha, senti a dor me devorar. Já havia sentido dor, e não era do tipo chorona, mas agora era como se cada nervo

houvesse desenvolvido um coração e pulsasse.

Trocar socos com Adriana foi ótimo, mas agora eu começava a questionar por que havia feito isso. Não me arrependia, só questionava. Nunca fui uma pessoa violenta. Tinha pavio curto, é claro, mas nunca antes havia deixado os punhos falarem por mim.

Por que dessa vez tinha sido diferente?

Todas as perguntas me levavam a uma resposta: Jude.

Ele não me fez ir atrás de Adriana, mas meu amor por ele e o sofrimento provocado por ela haviam sido combustíveis para a minha fúria. Percebi então que o problema não era Jude. Não era por causa dele que nosso relacionamento era tão explosivo. Era eu. A pessoa em que me transformava quando Jude estava ao meu lado.

Minha raiva subia a novos níveis, ultrapassava a dele, mas eu não tinha o autocontrole para apagar o fogo antes de queimar alguém.

Não poderia cuidar da nossa relação antes de cuidar de mim. E ele não poderia cuidar de mim. Essa era uma tarefa exclusivamente minha.

Uma tarefa que eu não sabia se daria conta.

Jude voltou ao quarto antes que eu conseguisse seguir a trilha desses pensamentos deprimentes até o fim.

— Sentiu minha falta? — Ele segurava vários produtos junto do peito.

— Senti — respondi, e deixei a cabeça cair sobre os travesseiros.

— Para sua sorte, Luce, você decidiu brigar perto de mim. — Ele deixou todos os potes em cima da cama. — Já remendei, limpei e costurei quase todos os machucados que um homem ou uma mulher — ele fez uma careta — pode provocar no corpo de alguém.

— Eu planejei tudo — falei enquanto ele encharcava um chumaço de algodão com álcool. — Pensou que fosse uma dessas coisas explosivas que a gente faz sem pensar?

— Ah, não, Luce. Tive a impressão de que você sabia exatamente o que estava fazendo.

Ele tocou meu rosto com o algodão e se encolheu antes de eu reagir. Ardia, mas não estava pior do que as outras partes do meu corpo.

— Está se tornando um mentiroso pior a cada dia que passa — disse, e me encolhi quando o algodão cobriu minha sobrancelha. Devia ter um corte mais fundo ali.

Jude sorriu olhando para o ferimento.

— Verdade por osmose.

Ameacei fazer uma careta, mas meu rosto doeu tanto que me contentei com um olhar mais penetrante. Ele o ignorou e continuou com a limpeza meticulosa do meu rosto.

Não devia, mas fiquei observando Jude enquanto ele cuidava de mim, os olhos atentos, a ponta da língua presa entre os dentes enquanto limpava cada arranhão, hematoma e corte. Nunca senti mãos tão delicadas quanto as dele.

— Já estou parecendo uma múmia? — perguntei um pouco mais tarde, quando ele recuou e observou meu rosto depois de colocar mais um curativo no lugar.

— Não — respondeu Jude, fechando o tubo de pomada. — Parece a encenqueira mais linda que eu já vi.

— Um elogio e tanto, vindo do rei dos encenqueiros — falei, sorrindo em meio à dor provocada pelo movimento da boca.

Jude recolheu as embalagens vazias e os algodões sujos de sangue e jogou tudo na lata do lixo.

— Dá para me explicar o que foi isso?

— Já falei — respondi. — Quis dar a Adriana Vix um pouco dela mesma.

— Sei. Mas você quer bater na Adriana desde que o idiota do Tony tocou no nome dela. Por que hoje? — Ele

pegou três comprimidos de um frasco de analgésicos e me deu. Eu os engoli sem nenhum líquido.

— Porque o “idiota do Tony” foi me fazer uma visita hoje e essa visita me fez decidir que havia chegado a hora.

Jude olhou para as minhas mãos sobre as pernas.

— Ele contou o que Payton disse?

— Contou.

— Fui eu ou o Tony quem te convenceu de que eu disse a verdade? — As rugas em torno de seus olhos se aprofundaram.

— Você, Jude. Prometi que confiaria em você. Não queria acreditar nisso, mas confiei em você. Tony só jogou luz sobre a verdade.

— E quando entrou no carro e veio para cá, veio para ver Adriana? Ou a mim?

Eu não podia mentir para ele, mas também não podia verbalizar a verdade. A ausência de uma resposta respondeu à pergunta.

Jude fechou os olhos e deixou a cabeça cair sobre as mãos.

— Jude, não importa quem eu vim procurar, não vim aqui para te magoar. — Escorreguei pela cama torcendo para os analgésicos começarem a fazer efeito depressa. — A

última coisa que quero é magoar você, e parece que é só isso que consigo fazer ultimamente.

A única solução para não machucar Jude ainda mais era ir embora.

— Obrigada pelos curativos — falei, levantando da cama. — Você sabe como cuidar do estrago causado por uma briga. Sorte minha. — Sorri para ele por cima do ombro. Cambaleei quando todos os músculos protestaram contra o movimento. Rangi os dentes e me dirigi à porta.

— Você odeia tanto ficar perto de mim que prefere ir embora, mesmo que mal consiga ficar em pé?

As palavras de Jude me fizeram parar, mas foi a voz que me destruiu. A voz profunda e quente em que uma garota poderia se perder havia perdido toda sua alma.

— Não odeio você, Jude. — Continuei olhando para a porta. — Eu amo você. Esse é o problema. Amo tanto que chega a ser doentio. — Contive um soluço que ameaça explodir do meu peito. — Por isso precisava de tempo e espaço. Por isso não posso ficar aqui com você nem mais um minuto.

— Você teve tempo, Luce. Eu te dei espaço. — A cama rangeu quando ele levantou. — Envelheci cinquenta anos em três semanas porque fiz o que pediu e fiquei longe de você.

Mas agora você está aqui. E talvez não tenha vindo por minha causa, mas, de qualquer maneira, não conseguiu ficar longe.

Ele fez uma pausa, e apesar de não ver as emoções em seu rosto, porque não tinha coragem para virar e encará-lo, eu conseguia imaginar.

— Precisa de mais tempo? Tudo bem. Eu posso concordar. Posso fazer qualquer coisa por você, Luce. Mas por favor, pelo amor de Deus, só me dê alguma esperança.

Uma lágrima escorreu por meu rosto e molhou um curativo.

— Só preciso de uma gota de esperança de que ainda vai existir um lugar para nós dois do outro lado disso tudo.

Eu não podia mentir. Não podia magoá-lo. O fato de não poder realizar o desejo de Jude era um dos motivos para eu concluir que a vida não era justa.

— Não vou mentir para você, Jude — sussurrei, sabendo que não mentir implicava magoá-lo.

Agora eu não podia mais ficar naquele quarto. Continuei andando em direção à porta, sentindo a cada passo que minhas pernas poderiam fraquejar. Engolia as lágrimas.

— Não vai embora — implorou ele.

O pedido funcionou como se fosse uma ordem.

Ouvi o assoalho ranger quando ele se moveu, se aproximando de mim lentamente.

— Fica — pediu Jude, parado atrás de mim. Senti o calor que emanava de seu peito, tal a proximidade entre nós.

— Não posso — respondi, encarando a maçaneta de metal. Aquela era minha fuga e, ao mesmo tempo, minha passagem para o inferno.

— Eu sei. — As tábuas rangeram quando ele deu mais um passo em minha direção. O peito tocou minhas costas, mas ele não me tocava em nenhum outro lugar. — Não fique porque você quer. Fique porque eu quero.

Droga. Meu coração não podia se partir de novo, porque não havia sido possível consertá-lo.

— Por favor — insistiu Jude. — Finja que é um presente de Natal adiantado.

Fechei os olhos.

— Sei que não tenho direito a presente, mas quero ganhar um. Preciso de um. — Jude tinha orgulho suficiente para não implorar, mas nunca o vi tão perto disso. — Fica.

E eu desmoronei. O cara que fazia as mães atravessarem a rua com seus filhos quando o viam se aproximando pela calçada, o cara que não tinha mais ninguém, o cara que eu amava implorava como só ele sabia fazer para eu ficar.

— Tudo bem — respondi, e estendi a mão para ele.

Os dedos se entrelaçaram nos meus, massageando-os como se pudessem transmitir força. Jude me virou, segurou meu rosto e olhou nos meus olhos.

Depois ele soltou o ar que tinha mantido preso no peito e me abraçou. Abraçou como se eu fosse tudo que ele queria e tudo que nunca poderia ter. Abraçou sem a expectativa de que o abraço levasse a outras coisas.

Foi o momento mais íntimo que já havíamos compartilhado. Totalmente vestidos, alinhados, com as bocas afastadas. Eu me afogava em intimidade.

Quando os braços dele começaram a me soltar, segurei uma de suas mãos e o levei para a cama. Deitei e bati no espaço vazio ao meu lado. Ele se ajeitou, e senti o colchão afundando. Eu o abracei e encaixei o queixo sobre sua cabeça, sabendo que de manhã teria que me afastar dele. Mas não agora. Não esta noite.

Isso me fez querer que o amanhã nunca chegasse.

— Eu te amo, Luce — sussurrou ele, e tive a impressão de que ele dormiria a seguir.

Engoli em seco tentando empurrar para baixo a dor que subia pela garganta.

— Eu te amo, Jude.



Eu não dormia havia semanas. Três semanas, para ser exata. É claro que sabia o que ou quem era o responsável. Jude continuava na mesma posição em que havia adormecido na noite anterior, mas agora as linhas de preocupação tinham sumido de seu rosto.

Quase beijei aquela boca entreaberta, mas me contive a tempo.

Tirei o braço que estava embaixo dele e rolei para o outro lado da cama. Meu corpo estava duro, como se as articulações precisassem se aquecer para se moverem com eficiência. Olhei para Jude para ter certeza de que ele não tinha acordado, depois calcei as botas e levantei.

O movimento provocou mais dor que na noite passada. Torci para ainda ter aquele frasquinho de amostra grátis de analgésicos no porta-luvas do carro. Olhei para Jude mais uma vez. Contei até três. Era assim que eu queria lembrar dele quando meu coração doesse a cada batida depois que eu fosse embora. Em paz, satisfeito enquanto eu saía de sua vida.

Virei. Atravessei o quarto lentamente, tão silenciosa quanto podia ser uma pessoa com todas as juntas

endurecidas. A porta rangeu quando a abri, e senti a adrenalina invadir as veias quando olhei para trás, certa de que Jude tinha acordado.

Mas ele dormia, desfrutava de mais alguns minutos de paz antes de acordar e descobrir que eu tinha ido embora sem nem me despedir. Talvez fosse esse o significado da última noite. Um adeus.

Nosso adeus.

Saí do quarto, e a escada representou um grande desafio, porque cada degrau me fazia sentir que os músculos das pernas iam se desmanchar. Algumas pessoas ainda decoravam os sofás e o tapete, mas passei por elas e saí.

O Mazda não havia sido rebocado, o que era um milagre. Entrei no carro, liguei o motor e pisei no acelerador. Agora que havia sucumbido ao inevitável, queria sair dali o mais depressa possível.

Tinha percorrido uns três quilômetros, quando parei no primeiro sinal vermelho e notei um papel dobrado em cima do painel. Eu mantinha o carro sempre limpo, quase impecável, por isso sabia que não podia ser uma folha qualquer esquecida ali, ou uma anotação da faculdade. Peguei o papel, o desdobrei e reconheci imediatamente a caligrafia.

Só queria que você soubesse que estaria correndo atrás de você agora, nu, se fosse necessário. Mas vou respeitar o seu pedido de tempo e espaço e me forçar a ficar na cama e fingir que estou dormindo.

Não estava assinado, mas não precisava estar. Jude sabia que eu iria embora sem me despedir. Em algum momento da noite, ele havia acordado para escrever um bilhete e deixá-lo dentro do meu carro. Sabendo que isso me faria amaldiçoar o dia em que eu havia deixado a dúvida entrar na minha vida, a dúvida que tinha se colocado entre mim e Jude e construído um muro tão alto que eu não via nenhuma possibilidade de ultrapassá-lo.

Mantive o bilhete no colo durante toda a viagem.



CATORZE

As férias de inverno tinham começado. O prédio do alojamento estava praticamente vazio desde ontem à noite. India havia partido para um Natal ensolarado e cheio de areia em Barbados, e como eu só viajaria no domingo de manhã, teria um fim de semana tranquilo só para mim. A perspectiva não se encaixava em nenhum nível da escala de prazer.

Além do bilhete, não tive mais nenhum contato com Jude. Apesar de ter chorado na cama todas as noites, sentindo o fantasma dos braços dele em meu corpo, as oito horas que passei com Jude na noite de sábado tinham valido a pena. Aquele prazer valia essa dor.

Sentei na cadeira giratória e fiquei olhando a cafeteira passar o café, ainda relaxando depois da aula de dança no começo da manhã. Sabia que não suportaria ficar no quarto vazio por mais vinte e quatro horas. Corri até o armário antes de mudar de ideia, peguei uma legging e as botas e

pensei em que blusa usar. A dúvida acabou quando toquei o enorme moletom cor de laranja na prateleira mais alta. Vesti o agasalho, arrumei o cabelo, dei um jeito no rosto com um pouco de maquiagem e saí levando a bolsa e as chaves do carro.

Entrei no Maza e segui rumo ao norte, checando o marcador de combustível para ver se o tanque estava cheio. Seria uma viagem longa.

Hoje era dia de jogo importante do Syracuse na pré-temporada. O jogo que acontecia um dia antes da véspera de Natal era a partida da temporada. Eu não podia perder. Já tinha perdido os dois últimos jogos de Jude em casa por causa do nosso “rompimento” havia um mês, e não suportaria perder mais um.

Estávamos dando um tempo, mas eu podia desaparecer no meio da torcida de dez mil pessoas e vê-lo jogar o jogo que parecia ter sido criado para ele. Justifiquei a decisão egoísta pensando que estava sozinha tão perto do Natal.

Passei a viagem ouvindo música e tentando não pensar em Jude, fracassando, e depois me dando um presente de Natal adiantado e me permitindo pensar nele quanto quisesse.

Cheguei menos de meia hora antes do começo do jogo, o que me obrigou a estacionar o carro a mais de um quilômetro de distância e ir andando até o estádio. Eu adorava jogo de futebol, sempre tinha gostado. Mesmo quando era criança e ficava arrancando a grama do campo perto da linha lateral nos jogos do meu irmão, eu adorava.

Amava o barulho dos torcedores, o ruído dos capacetes se chocando, a energia no ar, o cheiro de cachorro-quente. Eu adorava tudo.

Mas, acima de tudo, adorava ver Jude jogar. Ele jogava com o coração de um bailarino que amava o que fazia. Teria jogado todos os dias, mesmo que não fosse pela bolsa de estudos, ou um dia, apostado, em troca de milhões de dólares por ano na NFL.

Jude jogava por amor.

E eu amava vê-lo jogar.

Quando parei na frente de um dos guichês de ingressos, me arrependi de não ter escolhido outro.

— Você está mais bonita cada vez que a vejo, mocinha — comentou o homem idoso do outro lado do balcão. O nome dele era Lou, e ele era parecido com meu avô. — Não vi você nas últimas duas partidas. O sr. Jude andou aprontando com você, não é?

Sorri para ele com educação.

— Não, o sr. Jude não aprontou nada — respondi, cruzando os braços em cima do balcão.

— É bom saber disso, Lucy. Eu não ia gostar de dar uma lição nele sobre como um homem deve tratar uma mulher.

— Acho que ninguém ia gostar disso. — Sorri e esperei que Lou parasse por aí. Ele adorava brincar comigo, e eu gostava de entrar na brincadeira, mas dessa vez era diferente. Se soubesse como eu havia magoado Jude, duvido que estivesse brincando comigo agora.

Lou tirou dois ingressos da gaveta. Jude sempre deixava dois reservados para mim, caso eu quisesse levar uma amiga.

— Já estava aqui pensando se os ingressos ficariam guardados de novo hoje — disse ele quando os empurrou pela abertura do guichê. — Se eu não tivesse certeza de que o sr. Jude sairia do campo para me tirar de lá pessoalmente, eu mesmo teria ocupado uma daquelas cadeiras.

— Por que não vai hoje, Lou? — Empurrei os ingressos de volta. — Quero uma entrada normal.

— Por que quer um ingresso comum, se tem dois lugares reservados na primeira fila bem na linha das

cinquenta, meu bem? — As rugas se aprofundaram em seu rosto.

— Por favor, Lou — pedi, mordendo o lábio. Não queria explicar a ele o que não conseguia explicar nem para mim mesma. — Um ingresso comum.

Ele suspirou e cruzou os dedos sobre o balcão.

— Tudo bem, mas só porque não sei dizer não para um rostinho bonito.

Ele colocou o ingresso em cima dos dois que Jude sempre deixava reservados para mim e empurrou os três pela abertura.

— É por conta da casa, mas vai ter que levar todos. O sr. Jude me faria perder o emprego se soubesse que você esteve aqui e eu não entreguei os ingressos reservados.

— Obrigada, Lou — respondi, e peguei os ingressos. — Talvez a gente possa assistir a um desses jogos juntos.

Os olhos castanhos de Lou se tornaram mais ternos.

— Seria uma honra, srta. Lucy.

Acenei para ele a caminho dos portões.

— Obrigada mais uma vez.

Ele assentiu.

O barulho da torcida crescia na medida em que eu me aproximava da arquibancada. Syracuse estava entrando em

campo. Não queria perder esse momento, por isso corri. Era um dos meus preferidos no jogo. Quando Jude entrava em campo correndo, liderando um exército de homens, todos parecendo tão invencíveis quanto acreditavam ser, eu sempre me arrepiava.

Jude estava na linha das vinte quando eu consegui ver o gramado. Vê-lo entrar em campo com os companheiros me deu certeza de que ir havia sido a decisão certa. O peso nas minhas costas desapareceu assim que o vi. Consegui encher os pulmões de novo, dar um sorriso que não era forçado e sentir meu coração bater sem o esforço de antes.

Olhei para ele até o time começar o aquecimento anterior ao jogo, e então fui sentar no meu lugar. Também dei uma espiada em uma certa líder de torcida com hematomas nos dois lados do rosto. Diferente das minhas marcas, as dela não desapareciam com base. Era bom saber que meu soco era mais forte que o da Rainha das Venenosas. Decidindo que estava desperdiçando muita energia com Adriana Vix, fui procurar meu assento. Passei entre uma grávida e um homem vestido com uniforme militar, que imaginei ser marido dela. Os dois verificaram seus ingressos, depois olharam para as arquibancadas. Ela subiu o primeiro degrau bem devagar.

Parei para vê-la subir o segundo degrau. Se ficar grávida significava demorar cinco segundos para subir um degrau, eu não sabia se gostaria muito.

— Querem trocar de lugar? — perguntei sem pensar. Não suportava ver a mulher respirar fundo antes de subir cada degrau. — Os meus são muito bons.

O marido olhou para mim confuso, depois examinou os ingressos que eu oferecia a eles. E arregalou os olhos.

— Não me leve a mal, moça, porque eu venderia meu primogênito por esses ingressos. — Ele sorriu para a esposa quando ela bateu em seu braço. — Está vendo aquela fileira lá em cima, no fundo. Nossos lugares são aqueles.

Eu já gostava dos dois.

— Como é a visão lá de cima? — perguntei.

— Horrível — declarou ele, ajudando a esposa a descer os dois degraus que já havia subido.

Pus os ingressos na mão dele e sorri.

— Bom, a visão desses assentos é ótima — disse, e me afastei.

O jogo não ia esperar eu sentar para começar.

— Só me faz um favor, não dá sossego para o número dezessete. — Virei e continuei subindo, sorrindo até chegar no meu lugar.

Lou havia me dado um ingresso comum, mesmo. Havia duas cadeiras vazias no fim da fileira, a minha era a segunda. Sorri para a família na fileira da frente. Quando o menininho menor virou, vi que ele usava uma camiseta cor de laranja com o número dezessete.

— Gostei da camiseta — falei. — Tenho uma igual.

Ele arregalou os olhos. Era bom saber que eu podia impressionar um menino de cinco anos.

— Quando eu crescer, quero ser igual ao Jude.

O menino tinha sardas e um cachinho na testa, e ia me fazer chorar. Pela centésima vez no último mês.

— Eu também — respondi quando ele virou para a frente.

A mãe olhou para mim como se pedisse desculpas. Sorri para ela.

— Eu não devia contar, já que é uma desconhecida e uma garota, mas Jude é um super-herói disfarçado — cochichou ele.

— É mesmo? — disse, olhando para o campo e para Jude, que aquecia os braços. Ele olhou para a torcida, para a primeira fileira. — A calça justa laranja e branca não revela que ele é um super-herói?

O menino franziu a testa e pensou um pouco. Dois segundos depois, ele relaxou.

— Não — declarou confiante. — Qualquer pessoa pode comprar a calça laranja e branca. Mas ninguém pode ser como Jude Ryder.

Peguei um pacote de balas da bolsa e ofereci ao garoto. Era o mínimo que eu podia fazer pelo fã número dois de Jude.

— Já que eu sou uma garota e não sei muito sobre esse círculo dos super-heróis — falei, pegando uma bala —, por que ele é parecido com o Super-Homem e o Wolverine?

— Danny, está incomodando a moça? — perguntou a mãe da ponta de uma fileira que, deduzi, era formada pelos irmãos mais velhos do meu amiguinho.

Ele deu de ombros.

— Não sei — respondeu olhando para mim. — Estou te incomodando?

— De jeito nenhum — falei para a mãe. — Estamos falando sobre um dos meus assuntos preferidos: futebol. — E Jude.

— Está bem. — Ela olhou para Danny com aquela cara de mãe. — Comporte-se.

— Sim, mãe — respondeu ele, se ajoelhando na cadeira e apoiando o queixo no encosto. — Seu pai e sua mãe ainda não explicaram para você? — perguntou, torcendo o nariz coberto de sardas.

— Explicaram o quê?

— Super-heróis não são de verdade — revelou ele, um pouco triste. — É faz de conta.

— Mas você acabou de dizer que Jude é um deles — argumentei, e mastiguei uma bala.

O garoto revirou os olhos e suspirou.

— Super-heróis de revista em quadrinhos não são de verdade. Jude é um super-herói da vida real.

— Ah, agora entendi.

Danny virou a cabeça quando os times se posicionaram no campo para o pontapé inicial.

— E o que faz de Jude um super-herói? — perguntei, me inclinando para a frente. O time visitante começou a partida, e o Syracuse avançou pelo campo.

Danny balançou a cabeça para mim, reagindo como se minha pergunta fosse ainda mais ofensiva.

— Ele é forte, é rápido — começou ele, contando as características nos dedos. — Consegue fazer um arremesso de, sei lá, quinze quilômetros. Vai casar com a garota mais

bonita do mundo, e eles vão ter lindos bebês super-heróis.
— Ele fez uma pausa, e fiquei sem saber se a lista tinha acabado ou se era só para respirar.

— Mais alguma coisa?

— Um dia ele vai ser presidente dos Estados Unidos da América. — O menino virou na cadeira quando Jude liderou um ataque e levou sua linha ofensiva para a linha das sessenta.

— E tudo isso faz dele um super-herói, é? — perguntei, tentando continuar a conversa. Esse garoto conseguia me acompanhar em dois dos meus assuntos favoritos: futebol e Jude. Além disso, era bom conversar. Com alguém. Mesmo que esse alguém fosse um garotinho de rosto sardento que adorava super-heróis.

— Bem, sim, isso e... — Ele olhou para o campo quando Jude fez uma de suas famosas fintas e levou a bola à linha de fundo antes de o time adversário ter tempo para perceber o que estava acontecendo. — Aquilo — concluiu ele, pulando na cadeira e apontando para onde Jude havia acabado de marcar seis pontos no primeiro minuto de jogo.

Quando os gritos da torcida diminuíram um pouco, Danny virou para trás outra vez sorrindo de orelha a orelha.

— Acredita em mim agora?

— Acredito.

Foi assim que a primeira metade da partida prosseguiu. Danny e eu conversávamos, gritando como loucos quando o time da casa levava a bola para a linha de fundo. Eu não podia imaginar um presente de Natal melhor.

Como todos os jogos de que participava, Jude jogou como se sua vida dependesse disso. Ele era bom porque tinha talento. Era o melhor porque acreditava na própria capacidade e jogava de acordo com ela.

Cada pessoa na arquibancada reconhecia que estava vendo uma lenda em formação. O nome de Jude não desapareceria nos registros do futebol universitário. Seria eternizado por garotos como Danny, que contariam histórias sobre Jude durante o jantar com seus filhos.

Talvez eu estivesse sensível, mas tinha a impressão de que Jude não parava de olhar para a primeira fileira de cadeiras sempre que estava na linha lateral. Eu estava imaginando, provavelmente, esperando que ele estivesse me procurando e se perguntando quem eram as pessoas nos lugares reservados para mim, mas esse era meu presente de Natal, e eu tinha carta branca para tirar as conclusões que quisesse.

No intervalo, estávamos ganhando por dois *touchdowns*, uma proeza irreal, considerando a previsão dos analistas sobre esse ser um dos jogos mais disputados e equilibrados da história do futebol universitário. Vi Jude levar o time para fora do campo.

Desde que o time foi para os vestiários, Danny estava quieto, exceto por um ou outro elogio ao futebol ou, mais especificamente, a Jude. Eu me preparava para ir buscar alguma coisa para comer, quando Danny começou a pular. Ele olhava para algumas fileiras acima de nós.

Seus olhos pareciam querer saltar das órbitas. Outros torcedores começaram a virar na cadeira, cutucando as pessoas mais próximas e levantando o celular.

— Merda...

— Danny! — A mãe do menino olhou para ele com ar severo. — Olha a boca.

Senti que ia desmaiar. Sabia o motivo da comoção. Jude estava descendo a escada.

— Oi, Luce — falou ele quando chegou na ponta da fileira.

— Oi — respondi com um sorriso acanhado. Não esperava que ele tomasse conhecimento da minha presença nem que descobrisse que eu estava ali.

— Gostando de ver o jogo daqui? — perguntou ele, deixando o capacete no chão e sentando na cadeira vazia ao meu lado.

— Sim — respondi, sem mexer o braço agora pressionado pelo dele em cima do apoio. — Você está jogando muito. E tinha gente falando que essa podia ser sua primeira derrota.

Sentia os olhos de Danny em nós, atentos a cada detalhe. Ele realmente acreditava que Jude era um super-herói e agia de acordo com essa crença.

— Bom, talvez eu tenha caprichado um pouco mais quando soube que você estava aqui — respondeu ele, olhando para mim com aquele sorriso de lado.

— Lou contou, não é? — adivinhei.

— Lou não precisou me contar, Luce. Ninguém precisa me dizer que minha garota está na arquibancada. Eu sentiria sua presença mesmo que estivesse jogando no Superdome, e você fosse sentar na última fileira.

É claro que sim. Eu também não teria sentido a presença dele?

Foi bobagem pensar que eu poderia vir, assistir ao jogo e ir embora sem que ele percebesse. Ele soube mesmo antes de

eu mesma saber que viria. Essa era a maldição e a bênção do meu relacionamento com Jude.

— Não devia estar no vestiário ouvindo as instruções do treinador? Não vai ter nenhuma mudança tática para o segundo tempo? — Eu sabia que Jude fazia o que queria fazer, mas senti necessidade de lembrá-lo, porque não poderia estar mais constrangida com tudo mundo à nossa volta olhando para nós.

— A tática é sempre a mesma — respondeu ele, deixando os olhos passearem por meu rosto como se inspecionassem as marcas deixadas pela briga. — Arrebentar.

— Acho que você cumpre o plano — respondi.

— O que está fazendo aqui, Luce? — perguntou ele, ainda me encarando.

— Vendo você jogar. — Sabia que ele não aceitaria essa resposta.

— Sei. Tenta outra.

É claro.

— Você sabe por que eu vim — sussurrei.

— Preciso ouvir você falar — pediu ele, e engoliu em seco. — Faz semanas que não escuto isso.

Suspirei e fechei os olhos.

— Eu te amo. — Eu sabia que era verdade e que isso não mudaria nada. — E senti sua falta.

— Eu também.

Nesse momento toda a torcida, não só as pessoas à nossa volta, explodiu em aplausos e gritos.

— São vocês! — berrou Danny, apontando para o telão.

— Merda — resmungamos juntos.

Eu ia pedir a cabeça do cinegrafista, porque naquela tela, e também em outras três espalhadas pelo estádio, havia uma imagem nossa em tempo real com a legenda “beija” cercada por corações flutuantes.

O estádio começou a repetir:

— Beija! Beija! Beija!

Meu rosto ficou tão vermelho quanto os corações flutuando em volta do nosso rosto no telão, mas Jude não estava vermelho. Ele não parecia nem desconfortável. Parecia dividido entre um sorriso e uma careta.

Eu podia imaginar que ele havia planejado tudo, se não o conhecesse bem.

Olhei para Jude.

A careta agora era um sorriso largo, orgulhoso e sensual.

— Vem cá. — Ele me segurou pelo cabelo.

Eu nem precisei me mexer porque ele se aproximou até beijar a minha boca. A multidão enlouqueceu, ficou completamente maluca. O herói deles não só me beijava, ele me devorava.

A outra mão segurou minha nuca, os dedos apertaram a minha pele e seus lábios provocaram os meus exigindo uma resposta.

Eu não sabia se era a sensação dos olhares de milhares de torcedores em nós, ou o tempo que tinha passado desde a última vez que Jude e eu nos beijamos desse jeito, ou se eram os sentimentos que me inundavam, me afogavam com sua intensidade, que me aterrorizavam. Jude deveria ser só meu, se a realidade não tivesse atravessado nosso caminho e estragado tudo.

No fim, ele desistiu. Os lábios desistiram de tentar provocar uma reação nos meus. Os dedos que me tocavam esfriaram de repente.

A torcida ainda vibrava, sem ter ideia de que dois corações se partiam por trás daquele beijo.

— Perdi você — murmurou ele e as palavras soaram ainda mais frias em minha pele. — Dessa vez você vai embora, não vai, Luce? Para sempre?

Olhei para aqueles olhos cinzentos sem conseguir imaginar nada que eu pudesse fazer e fosse pior do que magoá-los.

— Você nunca vai me perder, Jude — respondi, esquecendo a torcida. Esqueci tudo, exceto todos os motivos pelos quais deveríamos estar juntos e todas as razões para não estarmos.

— Mas não posso ter você como eu quero — insistiu ele, deslizando o polegar pelo meu rosto.

— Não sei.

— O que está fazendo aqui, então, Luce? — Ele ergueu a voz. — Quer tempo? Quer espaço? Tudo bem. Eu dou. Mas você está sempre voltando, aparecendo quando quer. Sem aviso. Sem desculpas. Sem permanência. Você aparece na minha porta da frente e sai pela porta dos fundos sem nem se despedir — continuou, sem desviar os olhos dos meus. — Não suportou os altos e baixos. A montanha-russa ia te matar. Sabe o que eu não suporto? Você entrando e saindo da minha vida antes mesmo de eu saber que estava nela. Você olhando para mim como está olhando agora e depois me dando as costas e indo embora cinco minutos mais tarde. — A mão se fechou junto do meu rosto antes de se afastar. —

Isso é o que vai me matar. Não posso viver sem saber se você ainda é minha.

Era como se ele soubesse as palavras exatas que poderiam me sufocar, da mesma forma que me incendiariam.

— Desculpa. Só queria ver você jogar mais uma vez antes de viajar para as férias de inverno. Nunca imaginei que você saberia que eu estava aqui.

Ele riu com ironia e incredulidade.

— Tudo bem. Se essa coisa de eu aparecer e desaparecer de sua vida vai te matar, prometo não aparecer mais.

— Dá para parar com essa besteira de menina insegura e na defensiva e conversar comigo como adulta? — Os músculos do seu pescoço ficaram salientes, sinal claro de que ele também estava perdendo a paciência.

— Com todo prazer — respondi rangendo os dentes. — Assim que você fizer aquela coisa de “não suporto a pressão” que todo garoto faz, levantar e for embora.

Ele parou e seu rosto ficou triste por um instante, antes de se inflamar outra vez.

— Quer que eu vá embora?

— Não consigo imaginar nada capaz de me fazer mais feliz nesse Natal.

— Tudo bem. — Ele ficou em pé. — Eu vou. Mas como você não consegue ficar longe de mim por mais que algumas horas, a gente se vê em breve, tenho certeza.

— Se em breve quer dizer nunca, concordo — respondi, pensando em subir na cadeira para gritar na cara dele. — Onde eu assino?

— Sabe de uma coisa, Luce? — perguntou ele, já virando para a escada. — Você tem um jeito bem merda de demonstrar o seu amor por alguém.

Eu me encolhi. A acusação me feriu mais do que todas as outras que eu conseguia lembrar de discussões anteriores. Mordi o lábio e o encarei.

— Exatamente como você — disparei. Mas era mentira. De todas as pessoas que eu conhecia, Jude era a que mais sabia demonstrar amor como o amor devia ser demonstrado.

Ele balançou a cabeça para mim, adotou uma expressão fria e subiu a escada correndo. Torcedores desatentos estendiam a mão quando ele passava, mas era como se Jude não enxergasse nada à sua volta.

— Uau! — Uma voz perplexa exclamou uma fileira abaixo de onde eu estava. — Você é a garota com quem Jude Ryder vai casar e ter bebês super-heróis?

Se Danny não tinha escutado minha discussão com Jude, talvez as pessoas sentadas em um raio de dez cadeiras, olhando para mim com desprezo, também não tinham.

— Acho que acabei de perder toda e qualquer chance de isso acontecer — respondi atordoada. Ou mais atordoada, pelo menos.

— Você é como a Lois Lane da vida real — continuou ele, pulando na cadeira. — Só mais loira. E mais jovem. E mais bonita também.

Não consegui nem forçar um sorriso pálido que parecesse real.

Ele olhava para mim como se eu fosse tão legal quanto revistas em quadrinhos.

— Merda...

— Danny! — gritou a mãe, olhando para mim com um sorriso cheio de piedade.

Alguém tinha escutado.



QUINZE

Danny me observava. Não falava nada, mas alguma coisa corroía aquela criança por dentro.

— Que foi, Danny? — perguntei, batendo o pé no chão de um jeito ansioso.

— Por que você e o Jude brigaram? — Ele apreciava aliviado por ter conseguido perguntar.

— Porque é isso que fazemos, e somos bons nisso — respondi.

— Mas você ama o Jude?

Olhei para a mãe dele, torcendo para ela decidir que essa era uma boa hora para levar os filhos ao banheiro, ou alguma coisa assim.

— Sim.

Novamente o alívio em seu rosto.

— Ainda vai casar com ele, então?

— Não sei — respondi, e mordi o canto da unha. Manicure era coisa do passado. — Acho que não.

— Por quê?

— Porque não — falei, entendendo por que os pais gostavam tanto dessa resposta. — Porque, às vezes, o amor não é suficiente.

Ele torceu o nariz coberto de sardas.

— Dã, não brinca — disse, apoiando as mãos abertas no encosto da cadeira. — Acabei de fazer seis anos, e até eu sei disso.

Uma criança de seis anos tinha mais conhecimento da vida que eu, pelo jeito. A ideia era mais deprimente do que deveria ser.

— Ah, você sabe, espertinho? — brinquei.

— Sei muita coisa.

— Está no jardim da infância e garanto que teve zero namoradas — provoquei, levantando uma sobrancelha para o menino —, mas sabe muita coisa sobre o amor? O que sabe, exatamente?

Ele fez a cara séria que minha mãe havia se tornado mestra em fazer.

— Minha mãe disse que o amor é como uma semente. Você tem que plantar para ele crescer. Mas não é só isso. Precisa regar. Tem que ter bastante sol, mas não pode ser demais. As raízes precisam se firmar — continuou ele,

concentrado. — E depois disso, se ele conseguir brotar e sair da terra, tem um milhão de coisas que podem acabar com ele, por isso é preciso ter muita sorte também.

Senti que meu queixo caía. Quase resmunguei um palavrão, mas me segurei. O garoto era muito esperto para a idade.

— Não dá para plantar uma semente e esperar que ela cresça sozinha. Fazer alguma coisa crescer exige muito trabalho. — Ele sorriu para mim, evidentemente satisfeito com o discurso.

— Uau — respondi perplexa. — Você é muito esperto, Danny.

— Eu sei. Tem alguma pergunta?

Eu sorria como uma boba para um menino de seis anos. Não era um dos meus melhores momentos.

— Acho que não, mas eu aviso, se surgir alguma dúvida.

Ele virou para a frente na cadeira, e eu estava no meio de um suspiro aliviado, quando Danny olhou para trás.

— Não devia ter brigado com Jude — falou ele, com a testa franzida. — Pode ter atrapalhado o jogo. Ele pode voltar bem mal para o segundo tempo. E você vai ser a única responsável, se a gente perder esse jogo.

— Jude vai ficar bem — afirmei, olhando para o campo vazio. — Ele está acostumado com as nossas brigas. Isso nunca o atrapalhou antes.

Danny comprimiu os lábios e pensou nisso.

— Que triste — respondeu o menino. Com um mundo inteiro de respostas à sua disposição, foi essa a que ele escolheu.

— É triste — repeti quando a arquibancada explodiu em gritos e aplausos.

O Syracuse entrou em campo para o segundo tempo, mas não era Jude que liderava o time. Quase entrei em pânico, certa de que nossa discussão o havia perturbado a ponto de ele ter desistido, sumido para sempre, mas vi o número dezessete no meio do grupo.

Não fui a única que notou a mudança. Rostos confusos, depois acusadores se voltaram para mim. Era como se gravassem a palavra “culpa” na minha testa, porque era impossível me sentir mais desconfortável que agora.

A partida havia acabado de recomeçar, quando alguém parou no fim da minha fileira. E ele me encarava tão diretamente, que não pude fingir que não notava.

— Que foi? — perguntei irritada ao garoto que olhava para mim. Sua fraternidade, Delta Delta Porcaria Qualquer

Coisa, era identificada no bordado do boné de beisebol. Não consegui deixar de revirar os olhos.

— Essa cadeira está ocupada? — Ele olhava para a cadeira vazia onde Jude havia estado pouco antes. Jude ficou sentado ali apenas cinco minutos, mas eu já me sentia possessiva.

— Sim — respondi, deixando a bolsa em cima dela. — Está.

A plateia reagiu a um passe fantástico do nosso time. O Garotão Fraternidade estava me irritando, sorrindo para mim daquele jeito simpático demais e pedindo para sentar na cadeira de Jude. E ele tinha acabado de me fazer perder um passe importante.

Quatro movimentos errados. Ele não tinha a menor chance.

— É melhor ir procurar outra garota para sentar do lado dela. — avisou Danny, virando na cadeira e olhando feio para o cara que era três vezes maior que ele. — Essa aí é a futura esposa de Jude Ryder.

— Espera aí — disse o desconhecido, rindo para Danny. — Você é a namorada do *quarterback*?

Jude corria pelo campo com a linha de ataque, quando o vi olhar na minha direção. Estava tão longe que não devia

nem ser possível, mas juro que seus olhos se inflamaram quando ele viu o cara ao meu lado.

— Por que não espera aí você e volta para perto do seu clã de futuros gerentes medíocres? — sugeri, dispensando-o com um gesto de desdém.

O cara estalou os dedos, pegou o celular e começou a visitar páginas. Eu não sabia o que ele estava procurando, mas tinha uma boa ideia.

Vi quando Jude tomou posição em cima da linha e olhou de novo para mim. Droga. Ele precisava se concentrar no jogo, não em mim. Eu sabia me cuidar.

O sorriso no rosto do garoto ficou tão largo quanto o do Coringa.

— Você é a garota do Ryder — disse, virando o celular para mim. Na tela, eu me vi sentada em cima da Adriana, que tinha cara de louca, com um braço levantado e um cabelo parecendo um furacão de mechas loiras.

— Não me interessa se a cadeira está ocupada — concluiu ele, pegando minha bolsa e colocando no meu colo. — Preciso tirar uma foto com a garota que venceu a luta feminina mais comentada da história da faculdade. — Ele me abraçou e levantou o celular, pronto para tirar uma foto.

Quando babacas como ele iam aprender que não podiam fazer o que quisessem com uma mulher? Não éramos animais que eles podiam controlar. Éramos mulheres, podíamos comandar o mundo de olhos fechados, mas tínhamos inteligência suficiente para saber que era melhor ficar longe dessa confusão. Éramos mulheres e o mundo ouvia nosso grito.

Foi exatamente o que fiz quando arranquei o celular da mão dele, levantei da cadeira e desci a escada da arquibancada.

Jude havia pedido a bola no exato instante em que meu projétil caiu no campo, perto da linha lateral. Ele olhou para mim de novo, quando devia estar olhando só para o campo. E ficou paralisado ao ver o que estava acontecendo entre mim e o Super Fraternidade.

Jude e eu nos encaramos. Nós dois demonstrávamos no rosto a preocupação um com o outro. Mas a dele era desnecessária. O Garotão Fraternidade escolheu um palavrão sem nenhuma criatividade para me xingar antes de ir embora, voltar para o meio de seus aspirantes a gerente. Já eu tinha o direito de estar muito preocupada porque um dos jogadores do outro time invadia a linha ofensiva de Jude e corria diretamente para o meu *quarterback* paralisado.

Eu já gritava o nome dele quando o jogador se jogou em cima de Jude. Mesmo depois do impacto inicial, os olhos de Jude continuaram fixos em mim, mas quando ele caiu no chão e foi derrapando e quicando por uns dez metros, seus olhos perderam a capacidade de reconhecer alguém e se fecharam devagar.



— JUDE! — O grito primitivo saiu de alguma parte minha que eu nem sabia que existia. Corri pela escada antes mesmo de perceber que estava correndo. Meus olhos estavam nele, no corpo que se contorcia de um jeito que me enchia de pavor.

Eu não estava pensando em nada. Era só instinto. Continuei correndo, passando por todo mundo até alcançar a mureta de concreto que separava o campo da arquibancada e passar uma perna por cima dela.

Apoiei a barriga na mureta e girei o corpo para cair no campo. O impacto expulsou todo o ar dos meus pulmões. Eu havia subestimado o tombo, mas ele não me deteve.

Estava todo mundo tão concentrado em Jude e nos treinadores que corriam para ele, que ninguém deu atenção

à garota maluca que corria pelo campo. Empurrei os jogadores que o cercavam e caí de joelhos ao lado dele.

— Jude? — gritei.

O trio de treinadores olhou para mim.

— Precisa sair daqui, moça — avisou um deles, enquanto o outro tirava o capacete de Jude.

Solucei e agarrei a mão dele. Pela primeira vez eu a senti inerte na minha.

— Não vou sair — respondi, mordendo o lábio.

— Se não sair espontaneamente, vamos ter que pedir para alguém escoltá-la — avisou o terceiro treinador, abrindo um dos olhos de Jude e apontando uma luz para a pupila.

Mais um soluço. Seus olhos cinzentos estavam vazios, mortos.

— Não vou sair daqui — repeti, segurando a mão de Jude entre as minhas, tentando transmitir a ela um pouco de calor e vida. — E tenho pena da pessoa que tentar me tirar de perto dele. — Meus olhos brilharam.

— Muito bem — respondeu o homem que prendia um equipamento ao pescoço de Jude. — Mas se ficar no caminho, vou usar em você o tranquilizante que mantenho na maleta para emergências. Entendeu?

— Entendi — disse.

Queria curar Jude, passar as mãos por todo o corpo dele. Era um sentimento de impotência não saber do que cuidar primeiro.

Um dos treinadores tirou o celular do bolso.

— Ele vai precisar de atendimento, pessoal — disse.

Voltei a morder o lábio, olhei para o pescoço de Jude e vi um leve movimento. Comecei a prender a respiração, esperando a pulsação ficar mais forte.

Enquanto existisse pulsação, ele estaria vivo.

Mais dois treinadores entraram correndo no campo carregando a maca. Os jogadores se afastaram, se dirigiram às linhas laterais de cabeça baixa. Os homens puseram a maca ao lado de Jude, se colocaram perto dele e posicionaram as mãos nos lugares certos.

Só soltei a mão dele para que pudessem colocá-lo na maca. Agarrei a mão dele quando começamos a andar para as linhas laterais.

Talvez eu não conseguisse ouvir nada por causa do choque, mas o estádio estava em silêncio quando tiramos Jude do campo.

Quando passamos por um dos túneis do time, ouvi a sirene de uma ambulância. Os paramédicos entravam pela

porta dos fundos do vestiário. Ao ouvir as palavras “concussão”, “coma” e “paralisado”, eu surtei.

Jude foi transferido para a ambulância e eu sentei lá dentro antes que alguém me pusesse para fora.

— Quem é você? — gritou o paramédico, olhando para mim quando as portas foram fechadas.

— Sou a única família que ele tem — sussurrei.

Tentei não me deixar dominar pela sensação de que estávamos em um rabeção a caminho do funeral de Jude.

Entramos correndo no pronto-socorro. Vi impotente a pessoa que eu amava ser atendida com prioridade devido à gravidade dos ferimentos. Antes de poder compreender realmente tudo que estava acontecendo, fui enviada à sala de espera.

Dizer que eu não lidava muito bem com isso seria o mesmo que dizer que Jude não lidaria bem com a situação, se nossas posições se invertessem. Passei de Mulher Maluca e Boca-Suja a Menina Chorona Ajoelhada em um minuto. Unidade psiquiátrica, aí vou eu.

Dois seguranças foram chamados quando mandei uma enfermeira de cara azeda ir se “ah-hum”. Eles olharam para mim, me viram em pânico e louca de preocupação e não fizeram nada comigo.

Fiquei andando pela sala de espera, lutando umas cem vezes, pelo menos, contra o impulso de passar pelo segurança que havia sido instruído a ficar de olho em mim. Meu celular não parava de tocar. Eram os amigos e companheiros de time do Jude.

Desliguei o aparelho depois de dez minutos. O que eu poderia dizer? Ele havia sido levado para uma sala de emergência onde entravam mais médicos do que jogadores em um campo de golfe em uma manhã ensolarada de sábado. Não tinha respostas para quem queria saber como Jude estava.

Por isso, eu andava. Roí as unhas até não sobrar nada. Sentia dores em lugares que nem sabia que podiam doer. Mas não me permitiria pensar no pior. Mal conseguia me controlar.

Podem ter sido quinze minutos ou quinze horas, mas quando um médico de ar sério finalmente apareceu na sala de espera, foi como se ele tivesse demorado uma vida inteira para atravessar a sala e se aproximar de mim.

— Fui informado de que tem algum tipo de relação com o sr. Ryder — disse ele, cruzando os braços. Não estava coberto de sangue, e eu me convenci de que isso era um bom sinal.

— Sim — respondi com voz rouca. Tinha com ele uma relação que abrangia todos os laços possíveis sem uma ligação de sangue.

— Ele sofreu uma concussão com o impacto — começou o médico, e me senti contorcer por dentro. — Vai ser mantido em coma induzido para que o cérebro e o corpo tenham uma chance de se curar, mas não saberemos a real extensão dos danos até ele acordar.

Engoli a bile que subiu à minha garganta.

— Ele está bem? — Minha voz era só um suspiro.

— Está vivo — declarou o médico. — Mas só vamos saber se está bem quando acordar. Até lá, ele precisa de repouso.

Uma enfermeira apareceu na porta.

— Doutor, temos uma vítima de acidente de trânsito com hemorragia interna.

O médico assentiu olhando para trás e começou a se afastar de mim.

— Nós o transferimos para o quinto andar. Pode ir vê-lo agora, se quiser.

— Obrigada.

Palavras eram inadequadas para falar com alguém que salvou a vida da pessoa que você amava.

Segui as placas para o elevador e apertei o botão para o quinto andar. As pernas tremiam, a respiração era ofegante, os dedos batucavam na barra do elevador. Minha ansiedade era tão grande, que no instante em que as portas se abriram, eu corri até a recepção.

— Com licença? — pedi, e minha voz soou tão tensa quanto o resto do meu corpo. — Pode me dizer para que quarto Jude Ryder foi levado? — Não esperei a mulher de meia-idade olhar para mim antes de perguntar.

— Ele acabou de ser levado para o 512 — respondeu ela, e apontou para o corredor. — Pode ir vê-lo. Só não esqueça que ele precisa de silêncio e repouso, está bem, querida?

— Sim, não vou esquecer — falei, cruzando os braços em cima do estômago. — O médico disse que ele está em coma induzido para o cérebro poder se curar. Tem alguma ideia de quando ele vai acordar? — Queria fazer um milhão de perguntas que não havia pensado em fazer ao médico.

— Pode ser na semana que vem — respondeu ela enquanto dava de ombros. — Pode ser daqui a uma hora. O cérebro é um negócio complicado que tem vontade própria. — Ela sorriu com a piadinha. — Os médicos gostam de pensar que podem comandá-lo, mas, na minha experiência, o cérebro sempre ganha.

Por que todo profissional de saúde não podia ser realista e simples como essa mulher?

— Parece muito... inconclusivo.

— Querida, quando a gente fala sobre o corpo humano ou o cérebro, sempre é inconclusivo.

Não era exatamente o que eu precisava ouvir, mas preferia sempre a verdade dura a uma mentira confusa e caridosa.

— Obrigada — agradei, acenando enquanto me afastava.

— Avise se precisarem de alguma coisa — disse ela.

O quarto 512 ficava no fim do corredor, e quanto mais eu me aproximava dele, mais longe o quarto parecia estar. Essa noite inteira era uma versão distorcida de *Alice no País das Maravilhas*.

Entrei no quarto e fechei a porta sem fazer barulho. Olhando para Jude na cama, se eu me esforçasse um pouco, poderia fingir que ele estava dormindo em seu quarto. Mas o apito do monitor de frequência cardíaca e o cheiro de antisséptico me trouxeram de volta à realidade.

Eu não tinha aversão a hospitais, como a maioria das pessoas. Para mim, esse era um lugar para onde eram levadas as pessoas que amávamos e que tinham ao menos

uma esperança de cura. Quando meu irmão levou o tiro, o único lugar que sobrou para ele foi a sala do médico legista.

O coração de Jude pulsava a cada segundo. Isso significava que ele estava vivo e tinha uma chance de resistir. Havia esperança.

Dei a volta na cama e olhei para ele. Não fosse pela camisola do hospital e os fios e tubos presos a seu corpo, eu teria a impressão de que ele nem precisava estar aqui. Não havia ferimentos suturados, hematomas roxos ou gesso imobilizando ossos quebrados. Tudo parecia perfeito, mas a verdadeira ameaça se escondia dentro do cérebro.

Eu sabia mais sobre concussões do que deveria saber alguém que não era médico. Tinha assistido a centenas de jogos de futebol na minha vida e vi muitos garotos perdendo a consciência em consequência de impacto. Meu irmão havia tido a sorte de escapar do rito de passagem da concussão, mas muitos de seus companheiros, não. A maioria se recuperou bem. Mas alguns, de quem lembrava nitidamente nome e rosto, nunca mais foram os mesmos. Aqueles pobres garotos nunca mais entrariam em um campo de futebol, e alguns não conseguiam nem levar uma colher à boca, muito menos segurar uma bola.

Pensar que Jude poderia passar por isso fez meu corpo todo tremer. Parada ao lado da cama, caí sobre a beirada do colchão e segurei a mão dele.

Era isso que acontecia quando a gente não ouvia os avisos que a vida dava, não ouvia aquela voz interior que dizia que alguém ia se dar mal, se você não parasse de brigar com a natureza.

Jude e eu havíamos embarcado em um trem desembestado, e era ele quem ia sofrer todo o impacto quando esse trem batesse na parede. Eu sabia que, quando – e se – Jude saísse dessa, nós poderíamos tentar reconstruir tudo, mas não demoraria muito para batermos em outra parede. E depois de desabarmos na primeira batida, acabaríamos arrebatados na próxima, até que, no fim, não restaria nada do que um dia fomos. Não haveria Jude. Nem Lucy. Nem nós. Não sobraria nada do amor que um dia sentimos. Só uma confusão que nunca poderíamos resolver.

Minha mão apertava a dele, por isso afrouxei um pouco a pressão. A última coisa de que ele precisava era uma amputação por eu ter interrompido a circulação.

Eu sabia que não podia ir, mas também sabia que não podia ficar. Essa ironia cruel era a base do tempo que Jude e eu passávamos juntos. Eu o amava, mas não devia. Confiava

nele, mas não confiava em mim. Eu o queria, mas não podia tê-lo.

Com a gente, a questão não era passar mal por querer muito o bolo e comer demais. Só tentávamos fazer o melhor possível com um prato de bolo vazio. Não dava para criar alguma coisa a partir de nada. Jude e eu tínhamos aquele algo que as pessoas passam a vida procurando, mas a vida também tinha nos privado de um futuro. Se um de nós não deixasse o outro, tudo que poderíamos esperar seria um encontro com a morte.

Eu sabia que não seria ele. Jude havia me avisado um milhão de vezes que não era capaz de me deixar. Portanto, tinha que ser eu. Eu precisava levantar, dar as costas para o meu homem e nunca mais parar de andar.

Nunca encarei alguma coisa com tanto medo.

Droga. Eu estava apertando a mão dele de novo.

Pigarreei. Tentei achar as palavras certas. Nada. Alguma coisa sobre reconhecer a permanência dos meus sentimentos mantinha as palavras presas dentro de mim.

Adeus. Seria a coisa mais difícil que jamais havia dito, e a coisa mais difícil com que eu teria que viver. Jude não era só meu primeiro amor. Ele era meu amor eterno. Mas todas

as forças do universo se alinhavam para eu não poder passar a vida inteira com ele.

Eu ainda sufocava com as palavras, quando os dedos dele apertaram os meus.

Pulei na cadeira. Olhando para a mão de Jude, eu a vi voltar à vida, se mover na minha. Agora tinha outra coisa fechando a minha garganta: alívio.

Os olhos dele se abriram em seguida e se voltaram para onde nossas mãos permaneciam unidas. Olhei para elas também e não consegui determinar quais dedos eram dele, quais eram meus. Outro momento *Alice no País das Maravilhas*, já que os dele eram ásperos e longos de homem, e os meus eram magros e macios, tipicamente femininos. Nossas mãos se fundiam em uma entidade, criando seu próprio Jude e Lucy. Ou Jucy ou um Lude. A ideia me fez sorrir.

Senti os olhos dele em mim, esperando encontrar os meus. Quando o encarei, amaldiçoei o destino por se recusar a me deixar ter esse homem.

O olhar dele era confuso.

— Você levou uma pancada, Jude. Uma pancada forte — expliquei, segurando sua mão como se forças centrífugas tentassem nos separar. E não diminuí a força porque, dessa

vez, os dedos dele também apertavam minha mão. — Você apagou e sofreu uma concussão, por isso os médicos acharam melhor induzir o coma, para seu cérebro ter tempo de se recuperar. — E ele já estava acordado. Não me surpreendia. Jude não se conformava com padrões, e um coma forçado não seria exceção.

Ele pigarreou. Uma vez mais, dessa vez com mais força. Uma careta contorceu seu rosto. Peguei a jarra de água de cima de um carrinho e servi um pouco em um copo. Aproximei o copo de seus lábios e sustentei sua cabeça enquanto ele bebia.

— Eu me lembro da pancada — disse ele, tocando a própria cabeça. — Mas não me lembro do resto.

— Meu Deus, Jude. Desculpa — falei, e precisava falar muito mais.

— Por que está se desculpando? — Ele olhou para o tubo preso ao seu braço. — Por eu ter sido idiota o bastante para olhar para o lado, em vez de prestar atenção à jamanta de cento e cinquenta quilos que queria me triturar? A culpa foi toda minha, Luce.

— Sim, mas nossa briga — insisti, me aproximando dele quando devia ir em direção contrária. — Você não teria se distraído, se não tivéssemos brigado.

— Luce. A gente briga. Estou acostumado com isso. É claro, aquela briga foi a mais assustadora que já tivemos, mas você está aqui. Isso é tudo que importa. Por mais que a gente brigue, por mais que nossas brigas sejam impactantes, nada disso importa, desde que, no fim, você ainda esteja comigo.

Ele se mexeu na cama, se apoiou nos cotovelos.

— E eu não me distraí só por causa da briga. O que realmente tirou minha concentração foi aquele babaca que eu planejava matar depois do fim da partida.

Jude sorriu para mim, e a cor começou a voltar ao seu rosto.

— O arremesso de celular para dentro do campo foi incrível. Vou começar a te chamar de Braço de Foguete a Laser. Se o treinador viu aquilo, vai me tirar do time e dar a vaga de *quarterback* para você.

Afaguei seu braço, fazendo desenhos sobre as linhas de músculos e veias.

— Se continuar falando desse jeito, vai acabar no banco de verdade, Ryder.

Ele riu. Não só achava que era invencível, ele sabia que era. Levando a mão ao pescoço, Jude procurou alguma coisa embaixo da camisola. Sua expressão era de desânimo.

— Cadê meu colar? — perguntou, sentando na cama e olhando em volta.

— Acho que não vai encontrar o colar grudado no teto — avisei quando o vi olhar para cima.

— Cadê? — insistiu Jude, com voz tensa.

— Jude, calma — pedi, temendo que a pancada tivesse sido mais forte do que parecia. — Deve estar em algum lugar. Eles devem ter tirado o colar na emergência e guardado, alguma coisa assim. Vamos encontrar.

— É — suspirou ele —, você está certa. Vamos encontrar o colar. — E caiu deitado na cama, aparentemente exausto.

— Desde quando está usando um colar? — perguntei, torcendo para não ser uma corrente grossa de ouro com uma águia do tamanho de uma calota pendurada nela.

— Desde que comecei a me entender — respondeu ele.

— E quando isso aconteceu? — provoquei.

Ele riu, aquela risada rouca e profunda que me percorria por inteiro, fazendo vibrar todos os lugares por onde passava. Depois seu rosto ficou sombrio.

— Que foi? — perguntei, pronta para tocar a campainha e chamar uma enfermeira.

— Eu estava sonhando — respondeu ele, com um olhar distante. — Eu lembro. Foi isso que me acordou. — Um lado do rosto se ergueu. — É sempre o mesmo sonho. Acho que foram mais de mil vezes, e só me lembro de querer acordar e acabar com o sonho. Mas não conseguia. Alguma coisa me impedia. Alguma coisa me impedia de acordar.

Provavelmente, uma equipe de médicos promovendo um coma induzido. Um coma que havia durado uma hora.

— Sobre o que era o sonho? — perguntei, querendo tirar de dentro dele todo o veneno que o corroía.

— Sobre você.

Engoli em seco.

— Eu? — Tentei parecer corajosa, mas nunca senti tanto medo. — O que eu estava fazendo?

— Indo embora — sussurrou ele. — Você me deixou. E não voltava, por mais que eu corresse atrás de você e implorasse para voltar. — Podia ter sido a medicação ou a iluminação do quarto de hospital, mas pela primeira vez os olhos de Jude pareciam estar cheios de lágrimas. — Você me deixou.

Então, meu rosto e tudo em mim se contorceu. Eu não sabia o que falar. Não foi minha cabeça que reagiu em

seguida. Foi meu coração. O coração que privei por tanto tempo e que agora se libertava.

Em um instante, eu estava montada em Jude, cobrindo sua boca com a minha. Eu o beijei como se nunca o tivesse beijado antes. Como se nem todos os beijos fossem suficientes. Queria que sua boca me fizesse esquecer tudo. Precisava esquecer a realidade por um tempo e fingir que a vida ia funcionar exatamente como eu queria.

Os lábios não se moviam sobre os meus enquanto ele processava o que tinha acabado de acontecer, mas, quando ganharam vida, eles se moveram como se tentassem me consumir.

O monitor de frequência cardíaca começou a acompanhar os movimentos frenéticos de nossas bocas. Tirei o moletom, e a regata já estava voando antes de o agasalho chegar ao chão.

As mãos de Jude seguraram meu rosto, me puxaram para ele, a língua invadindo minha boca. Tremi, senti as mãos e a boca e o resto do corpo me desejando, me agarrando e me possuindo.

Uma das mãos desceu por minhas costas, tirando meu sutiã sem perder tempo. Jude estava tão ofegante quanto eu. Perceber quanto ele estava fraco me fez voltar à realidade.

Não devíamos estar fazendo aquilo por uma dúzia de razões. E eu não me importava com nenhuma delas agora. A realidade não era um lugar onde eu queria estar.

A boca que se movia contra a minha não era suficiente para manter a realidade afastada.

Eu precisava dele inteiro.

Tirei tudo que ainda me cobria.

Jude arfou novamente quando olhou para mim. Nua, torturada e morrendo em minha necessidade dele.

— Sou um filho da mãe sortudo — sussurrou ele e conseguiu forçar um sorriso antes de se apoiar nos cotovelos. — E não vou deixar nada atrapalhar isso aqui... — A mão desceu até o meu traseiro e agarrou uma nádega. — Então, me ajuda a tirar a camisola.

Sorri, me inclinei e desfiz os nós nas costas da camisola, enquanto a minha boca trabalhava nos tendões e músculos do pescoço dele. O ritmo pesado de sua respiração acompanhava o da minha. Eu subia com ele, descia com ele... tudo junto.

Levantei a camisola, tirei pelos braços e a joguei em cima das minhas roupas no chão.

Estava funcionando. Eu não sentia nada além do aqui e agora. Não sentia nada além de Jude, seu corpo, seu amor e

sua necessidade.

Suas mãos voltaram ao meu traseiro, levantando meu corpo e puxando-o para baixo outra vez. Podia senti-lo contra mim, esperando minha aceitação, esperando para ver se esse era de fato o momento perfeito em que Jude e eu finalmente daríamos o passo final em direção à intimidade.

Eu estava pronta, todos os meus nervos pulsavam.

— O médico disse que você precisa de repouso — avisei, sorrindo para ele, para aquele rosto excitado e torturado. — Acho que o que estamos fazendo não conta como repouso.

As mãos dele subiram pelo meu corpo, passaram por meus seios e tocaram meu queixo. Enquanto segurava meu rosto com dedos delicados, as linhas e os músculos de seu rosto relaxaram.

— Luce, eu te amo. Isso é exatamente o que preciso agora. Que se danem as ordens médicas.

Meu coração batia tão forte, que o esterno parecia prestes a explodir. Era isso. A luz verde. Mas eu também sabia que havia uma luz vermelha no horizonte. Não queria reconhecer aquela luz vermelha. Queria fingir que tudo daria certo e que Jude e eu poderíamos ter a vida que queríamos. Era nessa terra de faz de conta que eu estava quando ergui o corpo sobre o dele.

— Isso? — perguntei, apoiando as mãos em seu peito. Senti seu coração pulsar.

Jude assentiu e deslizou os polegares por meu queixo.

— Isso.

Então, eu abaixei o corpo e deixei que ele me consumisse de todas as maneiras possíveis.

Jude gemeu e voltou a deslizar as mãos até o meu quadril.

— Isso? — repeti, elevando o corpo outra vez.

Nós dois reagimos mal à separação.

Seus dedos apertaram meu traseiro, me puxaram de volta. O monitor de frequência cardíaca agora apitava loucamente, quase incapaz de acompanhar Jude.

— Que inferno essa coisa — reclamou ele franzindo a testa quando ergui o quadril de novo. Jude arrancou os fios do peito, jogando-os no chão. Depois tirou o tubo do braço. — Pronto — falou ele, me puxando e virando até eu estar deitada de costas ao seu lado. — Nada vai ficar entre a gente. — E continuou beijando meu pescoço enquanto se colocava sobre mim.

Eu tinha uma vaga consciência de que o apito do monitor de frequência cardíaca agora era contínuo e estridente como um aviso, mas, quando o quadril de Jude se

moveu sobre o meu, quando seu gemido se perdeu na minha boca e ele me beijou acompanhando o ritmo criado por nossos corpos, tudo desapareceu. Só havia ele.

A língua invadiu minha boca, depois ele invadiu meu corpo. Jude não estava só fazendo amor comigo, estava me possuindo.

Não havia nada que eu quisesse mais que ele, nada que eu não estivesse disposta a sacrificar. A minha vida não dependia de mais nada como dependia desse homem se movendo dentro de mim.

Ele afastou a boca da minha, e sua respiração pesada acariciou meu ouvido. Senti a camada de suor que cobria seu rosto e se misturava à minha.

Ele se moveu dentro de mim novamente, dessa vez mais fundo. Quase gritei. Estava tão perto que não ia aguentar muito tempo.

— Não vou desistir de você, Luce — murmurou ele, com um tom tenso. — Não vou deixar você ir embora. Você é minha — disse Jude, mordendo minha orelha enquanto projetava o quadril para a frente mais uma vez.

E foi isso. Meu corpo estremeceu, a mão procurou a grade da cama para se segurar. Ele continuou se movendo dentro de mim, o coração acelerando quando meu corpo se

contraíu em torno dele. A mão dele encontrou a minha quando Jude me seguiu naquele caminho distante da realidade, os dedos se entrelaçaram nos meus e os apertaram antes de ele cair sobre mim.

— Caramba, Luce — disse ele, deitando a cabeça sobre meu peito.

Era exatamente o que eu estava pensando.

— Como você está? — perguntei, tentando respirar mais devagar. Meu coração não queria saber de diminuir o ritmo. — E a cabeça?

— Minha cabeça vai bem — respondeu ele, passando os braços em volta do meu corpo. — O coração é que parece que vai explodir.

Comecei a rir, sentindo-me tão perto da euforia quanto era possível para uma pessoa pessimista por natureza. Ele também riu, e a risada vibrou em meu corpo.

Foi nesse momento que a porta se abriu como uma explosão, e a enfermeira simpática entrou com uma cara muito preocupada.

Ela olhou primeiro para a máquina, depois para Jude, que estava pelado deitado em cima de mim. As linhas de preocupação desapareceram de seu rosto. Ela olhava para nós com uma expressão maternal. Sem dizer nada,

aproximou-se do monitor, desligou o aparelho, virou e caminhou para a porta.

— Pelo menos você morreu e foi para o céu — disse ela, com tom divertido antes de nos deixar sozinhos.

— Sim — falou Jude, com a cabeça em meu peito, enquanto sua risada perdia força. — É verdade.

— Pena que nossa visita ao paraíso não durou um pouco mais — comentei, passando os dedos por sua cabeça.

O corpo dele ficou tenso, e senti aquele sorriso se formar ao lado do meu seio.

— Quem disse que a gente não pode voltar? — perguntou ele, erguendo o corpo sobre mim novamente.

Não tive tempo de dar minha resposta – a realidade – porque a boca e o corpo de Jude se apossaram de mim outra vez.



DEZESSEIS

Jude dormia o sono de um homem feliz ao meu lado. Um sorriso de lado ainda repousava em seu rosto, mas os braços me envolviam firmes. Mesmo depois de uma segunda experiência em que senti o corpo tremer, rangi os dentes e engoli um grito, eu não conseguia dormir.

Jude não teve dificuldade nenhuma. Na verdade, meu coração não se recuperou por completo depois que ele dormiu. Eu estava acordada havia seis horas, olhando para o homem deitado a meu lado, mais confusa do que jamais estive antes. Como podíamos ser errados um para o outro, depois de termos transado e comprovado que éramos perfeitos um para o outro? E por que, apesar de tudo que fazíamos, as coisas não davam certo para nós?

Meu voo sairia em menos de duas horas. Não tinha levado minha mala, e não havia a menor possibilidade de ir buscá-la no alojamento da faculdade e voltar para cá antes de meu avião já ter pousado no ensolarado sul do Arizona.

Felizmente, quando reservei a passagem no mês anterior, imaginei que estaria no jogo de Jude no sábado, antes de viajar, e planejava ficar na casa dele. Meus planos não incluíam uma cama de hospital, nem dedos agarrando uma grade de metal, mas, se eu saísse agora, ainda poderia pegar o avião.

Não queria acordá-lo. Não poderia deixar Jude perceber que eu estava partindo porque ele não me deixaria ir. Ou compraria uma passagem e iria comigo.

Em parte, eu queria muito que isso acontecesse. Mas a parte confusa, aquela que coçava a cabeça sem saber o que fazer, tentando decidir o próximo passo, precisava de tempo e espaço para refletir sobre essa nova complicação que estava se tornando minha história sem-fim com Jude.

Mais tempo e espaço.

Suspirei, me mexi na cama tentando sair de baixo dele. O tempo e o espaço desse último mês só serviram para me confundir e complicar ainda mais as coisas entre nós. Por isso jurei que tomaria uma decisão antes de voltar para Nova York depois do Ano Novo. Antes de voltar a Syracuse, eu teria uma resposta firme e definitiva sobre o meu relacionamento com Jude.

Eu o cobri com o lençol, recolhi minhas roupas e me vesti. Depois peguei a bolsa em cima da mesa e parei no pé da cama para olhar para ele. Não conseguia parar de olhar. Ele era meu. Eu tinha certeza disso.

Mas poderia tê-lo?

Eu não descansaria enquanto não tivesse uma resposta para essa pergunta.

Não me atrevi a tocar os dedos de seus pés por medo de que ele acordasse e me convencesse a voltar para a cama. Saí apressada, tomando o cuidado de fechar a porta sem fazer barulho.

Desci pela escada, porque o elevador ficava ao lado da recepção, e eu não queria ter que me explicar. Não seria capaz de explicar nada agora. Só sabia que estava muito confusa.

Quando saí do hospital, vi vários táxis enfileirados esperando passageiros. Entrei no carro mais próximo, olhei para o prédio, e meus olhos subiram até o quinto andar.

— Aeroporto, por favor — falei, estreitando os olhos para enxergar melhor através da janela. Uma sombra se afastou dela de repente. — Depressa, por favor — acrescentei, sentindo o nó se formar de novo em minha garganta.

O motorista atendeu ao meu pedido sem hesitar. De fato, ele superava os motoristas de Nova York no quesito velocidade. Menos de meia hora depois de ter saído do hospital, eu chegava ao Aeroporto Internacional de Hancock, em Syracuse.

Corri para fazer o check-in, querendo decolar o mais depressa possível. Não conseguia pensar com clareza naquela cidade.

Com a passagem na mão, entrei na fila da segurança. Esperava ver mais caras feias e crianças gritando, porque era véspera de Natal. Mas, antes de conseguir recuperar o fôlego, eu já passava pelo detector de metais.

Joguei a bolsa, o celular e as botas na esteira rolante e passei pelo equipamento. Respirei aliviada quando ele não apitou. Na última vez em que viajei, esqueci de tirar o colar e tive que me submeter à revista manual de um agente bem jovem e muito animado. Fui o ponto alto do dia do cara, tanto quanto ele foi o ponto mais baixo do meu.

Quando estava pegando minhas coisas da esteira, eu o ouvi.

— Lucy!

Virei para trás. Não podia vê-lo ainda, mas ouvia sua voz claramente, como se ele estivesse na minha frente. Os

agentes e as outras pessoas à minha volta também pararam o que estavam fazendo para olhar.

— Lucy! — Dessa vez a voz soou mais próxima. Jude apareceu na área do detector correndo, descalço e com a camisola do hospital. Os olhos me encontraram como se fossem programados para não verem outra coisa. — Lucy! — Ele corria para o portão de embarque. Agentes o seguiam.

Jude continuou correndo, derrubou uma, duas faixas de contenção. Só parou quando dois agentes o seguraram.

— Parem! — gritei. — Não machuquem ele! — Mesmo em pânico, eu sabia que não eram os agentes que o machucavam agora. Minhas mãos cobriram a boca quando os guardas o contiveram, cada um deles segurando um braço e torcendo atrás das costas de Jude. Ele não resistiu. Só olhou para mim com aqueles olhos escuros, me implorando para ficar.

— Não vai, Luce! — gritou ele.

Jude só resistiu quando os guardas tentaram tirá-lo da área de segurança.

— É só por um tempo — respondi, sem saber se ele podia me ouvir, já que minha voz era só um sussurro. — Eu volto. Prometo.

— Não pode me deixar — implorou ele, com a voz trêmula, me seguindo com os olhos enquanto era levado pelos guardas. — Não pode me deixar — repetiu pela última vez com ar derrotado.

— Não estou te deixando, Jude — falei mais para mim do que para ele. — Estou te libertando.

Não sei o que foi pior. Ver Jude desistir e ser levado dali ou dar as costas para ele e seguir para o portão de embarque.

As duas coisas me corroeram até o avião pousar no Arizona, e eu não tinha certeza se sobrava alguma coisa da antiga Lucy Larson.



DEZESSETE

O Natal passou e eu quase nem percebi. Bom, percebi. Não dá para não notar quando sua família inteira fala ao mesmo tempo como se isso fosse um esporte olímpico. Uma hora depois do início da noite, meus ouvidos já estavam apitando. Eu não era exatamente discreta, mas no meio da família Larson era a definição de discrição. Acho que não falei nem duas frases inteiras antes de todo mundo ir embora.

A vida não fazia mais sentido. Ou, pela primeira vez, eu estava quase desistindo de entendê-la.

Encolhida na velha poltrona do meu avô, fiquei olhando para os cactos cintilando com as pequenas luzes de Natal, tentando imaginar o que Jude estava fazendo naquele exato minuto. Em um momento de fraqueza, tirei o celular do bolso e digitei “Feliz Natal! Beijos”, e mandei a mensagem antes de ter tempo para pensar melhor. Olhei várias vezes o aparelho durante a noite esperando uma resposta.

Nada.

Mais noites sem dormir.

Mais dias em que tentava passar no estúdio de dança próximo, quando precisava parar de pensar em Jude por um tempo.

Na manhã de Ano-Novo, entrei na cozinha andando como um zumbi, indo direto para a cafeteira.

— E eu pensando que fosse a insone da família.

Nem me assustei, tal a intensidade da privação de sono. Minha mãe levantou da cadeira perto da mesa e foi pegar as xícaras no armário onde minha avó as guardava. Ela serviu café para mim e acrescentou leite sem perguntar nada.

— Obrigada — agradei quando ela pôs a xícara na minha frente.

— Não tem de quê — respondeu ela, sentando novamente e olhando para mim como se esperasse alguma coisa.

Com minha mãe, nada nunca era o que parecia. Ela podia estar esperando eu compartilhar com ela todos meus objetivos e sonhos, ou podia estar se preparando para dizer que o corte de cabelo que eu planejava fazer não combinava com o formato do meu rosto.

Bebi metade do café com leite antes de ela pigarrear.

— Muito bem, cansei de esperar você contar o que a deixou tão deprimida. O que está acontecendo, Lucille? Sei que tem alguma coisa a ver com o Jude. Só não consigo deduzir o que é.

Primeiro me encolhi ao ouvir meu nome de batismo, depois me encolhi de novo ao ouvir o nome de Jude. Doía só de ouvir.

Suspirei e bebi um grande gole de café antes de deixar a xícara em cima da mesa.

— Não sei se a gente deve continuar junto — respondi, e parei por aí. Essa era a maior de todas as minhas preocupações.

Minha mãe assentiu, pensou por alguns momentos, depois respondeu:

— Você acha que talvez não devam continuar juntos ou não devem estar juntos?

Meu cérebro não estava em condições de acompanhar esse tipo de discussão.

— Não é a mesma coisa?

— É claro que não. — Ela amarrou com mais força a faixa do roupão. — Talvez é uma suposição. Não dever é outra coisa completamente diferente. Dever implica obrigação. É um ponto final, enquanto o talvez é um ponto

de interrogação. — Ela me encarou por cima da mesa. — Então, não, não é a mesma coisa.

Eu devia ter ficado na cama, virando de um lado para o outro. Teria sido melhor do que ter essa conversa com minha mãe antes de o dia amanhecer.

— Acho que não sei — respondi.

— Quer saber o que eu penso? — O rosto e a voz de minha mãe expressavam preocupação.

— Quero — disse, porque precisava de um bom conselho de mãe.

Nos meses seguintes ao meu último ano no colégio, conseguimos reconstruir uma boa parte do relacionamento que havíamos perdido depois da morte de meu irmão. Eu cedi um pouco, ela cedeu um pouco, e em algum trecho desse caminho, encontramos um território comum que era satisfatório para nós duas. Ela não queria perder a filha, a única filha, e eu não queria perder minha mãe. Foi uma superação que nunca imaginei que aconteceria, mas pela qual era grata.

Ela até incluía alguns bilhetes escritos em guardanapos de papel nos pacotes que, com meu pai, mandava para a faculdade.

— Do ponto de vista de alguém que está do lado de fora, você e Jude provavelmente não deveriam estar juntos — começou ela, devagar, observando meu rosto para ver minhas reações. — Mas ao mesmo tempo, vocês devem ficar juntos.

Balancei a cabeça, tentando clarear as ideias. Não conseguia acompanhar seu raciocínio. Toda essa conversa parecia um gigantesco jogo de contradição.

— Mãe, isso foi claro como lama — reclamei, sentindo o começo de uma dor de cabeça. — Está dizendo que devíamos ou não devíamos ficar juntos?

— Deviam — ela respondeu sem rodeios.

Feliz com o esclarecimento, pensei que ainda queria mais explicações sobre o enigma mental envolvendo o talvez e o dever, mas não podia pensar nisso agora sem provocar uma enxaqueca.

— Como pode ter tanta certeza disso, se nem eu tenho?

— Meu bem — ela disse, segurando de leve na minha mão —, você está deixando os contos de fada da sua infância prejudicarem seu raciocínio. Amar não é fácil. Ainda mais se for o amor do tipo bom. É difícil, e você vai querer arrancar os cabelos tanto quanto vai se sentir feliz e segura. — Minha mãe parou e sorriu. — Mas vale a pena. É uma coisa pela

qual vale a pena lutar. Não deixe o que não é real ofuscar o que é de verdade. A vida não é perfeita, nós não somos perfeitos, não podemos esperar que o amor seja perfeito.

— Eu sei disso, mas francamente, mãe — argumentei, deslizando um dedo pela borda da xícara —, às vezes o amor não é suficiente.

— Querida — continuou ela, olhando para mim como se eu tivesse acabado de fazer uma declaração muito imatura —, eu assino meu nome com sangue nessa afirmação. É claro que não é.

Gemi e escorreguei para baixo na cadeira. Essa conversinha de mãe e filha não estava me levando a lugar nenhum.

— Estou muito confusa, mãe. Tão confusa que duvido que alguma coisa que você diga possa me ajudar a esclarecer isso tudo.

Ela ficou em silêncio por um minuto, a testa franzida e os olhos emoldurados por linhas.

— Amor é o que une vocês, Lucy. Mas é o sangue, o suor e o choro do trabalho duro que mantêm vocês juntos — disse ela, escolhendo as palavras com cuidado. — Amor não tem a ver só com flores, velas e romance, meu bem. É trabalho duro, confiança, lágrimas e tristeza. Mas, depois de

tudo isso, se você ainda olha para aquela pessoa e não consegue imaginar mais ninguém com quem gostaria de estar, a dor, o sofrimento e os altos e baixos do amor valem a pena.

As nuvens de confusão começaram a se dissipar.

— Amor é tanto sofrimento quanto é doce. Se fosse perfeito, seria descrito desse jeito. Ninguém diria que é agri-doce.

— Está dizendo que todo relacionamento tem os altos e baixos que Jude e eu enfrentamos? — Bebi mais um gole de café. — Porque, se fosse assim, acho que mais pessoas iam escolher ficar sozinhas.

— Lucy, você é uma pessoa passional, cheia de emoção. Jude também é. O que espera que aconteça quando vocês dois se juntam? Vocês dois não multiplicam os altos e baixos quando estão juntos. Vocês os afetam exponencialmente — completou ela, levantando para ir buscar a jarra de café. — E não há dúvida de que, para algumas pessoas, a vida seria muito mais fácil se elas nunca se apaixonassem. Se nunca tivessem que sofrer por um homem como se ele fosse seu passado, seu presente e seu futuro. — Minha mãe encheu minha xícara e a dela, e deixou a jarra entre nós. Considerando a intensidade do discurso que ela fazia sobre o

amor, íamos acabar com a jarra logo. — A vida seria mais tranquila e a gente saberia o que esperar do dia a dia, se o amor ficasse fora dela. — Uma pausa, e ela olhou pela janela, para os raios do novo dia que já surgiam no horizonte. — Mas você ficaria sozinha.

— Está dizendo que devo escolher Jude a uma vida de solidão? — Levantei as sobrancelhas para ela.

— Estou dizendo que deve escolher Jude se, no fim das contas, puder afirmar com certeza absoluta que o quer do seu lado. Pode dizer que os momentos bons compensam os ruins?

Meu cérebro começava a ficar mais alerta com a cafeína correndo em minhas veias. Depois de semanas de preocupação e incerteza, finalmente poderia decidir.

Já era hora.

— Quando foi que se tornou a fã número um do Jude? — perguntei, sorrindo para ela. Minha mãe havia passado do ódio por Jude quando eu o conheci à antipatia durante todo meu último ano de colégio, para depois tolerá-lo desde que entrei na faculdade. Não sabia que ela havia ultrapassado a fronteira da aceitação.

— Depois que ele demonstrou várias vezes que está ao seu lado — respondeu ela, com simplicidade. — Sou capaz

de perdoar os erros do passado de um homem, suas falhas no presente e seus fracassos futuros, se todos os minutos do dia ele me amar como se esse amor fosse uma religião — explicou minha mãe, e parou para respirar fundo. — É assim que Jude te ama. Só demorei um pouco para perceber. Então, sim, agora ele tem o selo de aprovação Mãe.

Não respondi. Minha cabeça trabalhava em alta velocidade. Eu não estava repensando as coisas, mas alinhando expectativas e presunções, e até um pouco da minha visão de mundo. Fiquei tão concentrada nos motivos pelos quais Jude e eu não deveríamos ficar juntos, que fiquei cega para os motivos para estarmos juntos. Agora que enxergava com clareza, era óbvio que essas razões compensavam cada dificuldade que surgisse em nosso caminho.

— Está pensando, minha querida? — A voz da minha mãe me assustou. Eu havia ido tão longe no caminho dos meus pensamentos, que todo o resto tinha desaparecido.

Respirei fundo, sentindo a confiança banir todas as dúvidas.

— Acho que já pensei. Obrigada, mãe. Pelo café, por me ouvir e pela conversa sobre Jude.

— Por nada, Lucy — respondeu ela, arqueando uma sobrancelha enquanto me observava. — Mas o que ainda está fazendo aí sentada?

Ela estava dizendo o que eu achava que estava dizendo?

Minha mãe apontou para a porta.

— Vai atrás do seu homem. Vão ser felizes e infelizes juntos.

Sim.



DEZOITO

Viajar no dia de Ano-Novo tinha suas vantagens. Quase ninguém viajava, e eu não tive problema nenhum para mudar a passagem de volta para o próximo voo, que decolaria em uma hora. Quando comecei a contar a história da minha vida para a pobre funcionária no balcão da companhia, ela sorriu para mim e me deu um upgrade para a primeira classe.

Havia um quiosque de café bem ao lado do meu portão de embarque, e quando chamaram meu voo, eu estava tão agitada que me sentia vibrar como um fio elétrico.

A primeira classe era tudo que as pessoas falavam. Os assentos eram duas vezes maiores que os normais, e o restante era dez vezes mais confortável. Os comissários de voo atendiam prontamente cada solicitação dos passageiros. Era a riqueza a trinta mil pés de altura.

Mesmo com todo aquele luxo, acho que meu pé não parou de bater no chão durante todo o tempo de voo.

Fui a primeira pessoa a desembarcar quando as portas se abriram no Aeroporto Internacional de Hancock, em Syracuse. Cheguei ao terminal correndo como louca. Tinha que voar para o estádio, porque o jogo começaria em menos de uma hora.

— Para o Carrier Dome, por favor — falei, respirando como se tentasse decolar. — E se não fosse uma questão de vida ou morte, eu não estaria aqui implorando para você quebrar todas as regras de trânsito e me levar até lá o mais depressa possível. Inteira, de preferência.

O motorista do táxi olhou para trás. Seu rosto era conhecido.

— Por que está sempre com tanta pressa? — perguntou ele, abaixando um pouco os óculos escuros. — Ninguém nunca falou que é legal apreciar a viagem?

— Eu vou apreciar assim que chegar lá — respondi, agradecendo à sorte por ter entrado nesse táxi. O cara havia me trazido ao aeroporto em tempo recorde. Era apropriado que ele agora me levasse de volta.

Ele sorriu ao se afastar da calçada.

— Por que a pressa?

Sorri de volta.

— Tenho que pedir desculpas, me declarar e fazer amor com o homem que eu amo — respondi enquanto prendia o cinto de segurança. — Agora vai, faz esse traste amarelo voar!

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Sorte sua eu gostar de mulher mandona — disse ele.

Dessa vez, quando vi os outros carros ficando para trás, temi por minha vida. Acho que finalmente decidir o que se quer da vida faz a gente sentir que ela é mais valiosa.

Quando paramos na frente das bilheterias, entreguei a ele o dinheiro e saí do carro.

— Você é um deus entre os taxistas, meu amigo — disse.

O motorista riu como se fosse fofo eu reconhecer o que ele já sabia.

— Boa sorte — desejou ele, antes de eu bater a porta.

Eu sabia que essa seria a única chance de respirar bem fundo, e foi o que fiz. Prendi o ar, extraindo dele toda a coragem possível antes de soltá-lo. Depois virei e corri para o portão, onde o meu vendedor de ingressos favorito esperava atrás do guichê.

— Srta. Lucy! — O rosto dele se iluminou. — Não sabia se conseguiria chegar. Em cima da hora, não? — perguntou

ele, olhando para o relógio na parede atrás dele.

— Como vai, Lou? — Sabia que meu plano não teria chance sem a ajuda desse homem.

— Velho, cheio de artrite — respondeu ele. — E acanhado e rabugento como no dia em que nasci.

Suspirei aliviada.

— Que bom. Preciso de um favor.

O rosto de Lou foi dominado pela surpresa. Ele olhou de um lado para o outro para ver onde estavam os outros funcionários, antes de se debruçar sobre o balcão com os olhos brilhantes.

— Espero que seja boa.



Minhas mãos suavam. Não estavam frias ou pegajosas. Estavam suando.

Cada parte do meu corpo parecia ter desenvolvido glândulas sudoríparas que vertiam líquido como se eu estivesse passando por um ritual de purificação em uma casa de vapor.

Recusando-se a ficar de fora, meu coração estava quase explodindo, e os joelhos ameaçavam me abandonar, sair de

cena. Se eu não estivesse tão firme da minha decisão, tão certa do que ia fazer, meu corpo teria desabado.

— Não vai ter muito tempo, Lucy — cochichou Lou ao me entregar o microfone sem fio.

— Não preciso de muito — respondi, e voltei a bater o pé no chão quando olhei para a arquibancada. Se os aeroportos eram vazios no dia de Ano-Novo, os estádios onde aconteciam as partidas de futebol universitário estavam lotados. E eu ia me declarar diante de toda aquela gente.

Merda. Esperava ser mais articulada quando entrasse naquele campo e usasse o microfone.

— Sabe como usar essa coisa? — perguntou Lou, apontando para o microfone na minha mão. Estava escorregadio por causa do suor. Além de não tropeçar, não desmaiar e não falar nenhuma bobagem, eu também tinha que me preocupar em não derrubar o microfone.

— Deslizo o botão para ligar — recitei com a voz trêmula. — Seguro perto da boca. Tento não parecer uma idiota falando besteira.

Lou sorriu para mim com ternura.

— Adoro idiotas que falam besteira — disse ele, pousando a mão em meu ombro. — Minha esposa era uma,

e juro que foi isso que me conquistou. Ela falava tudo que passava pela cabeça sem nenhum filtro. — Os olhos castanhos brilharam com mais intensidade. — Cinco anos depois de ela ter partido, é disso que sinto mais falta quando deito na cama.

Eu abracei Lou, um abraço trêmulo e suado no qual ele parecia derreter. Quando me afastei, ele enxugou os olhos.

— O sr. Jude é um homem de muita sorte — disse ele.

Sorri para ele.

— Não posso dizer que eu seja azarada.

— Não, meu bem, é claro que não. — Lou acenou com a cabeça para o campo. — Agora vai atrás dele.

— Tudo bem.

Eu tinha a sensação de que ia vomitar.

— Quando estiver pronta, é só balançar a cabeça, e eu faço esse microfone espalhar sua voz até no estacionamento.

Levantei o polegar, porque o nervosismo comprimia minha garganta.

Quando olhei para os bancos, senti outra onda de náusea. Os times iam entrar em campo. Lou havia garantido que, se Jude estivesse no vestiário, no túnel ou no campo, com certeza, ouviria minha voz brotando dos alto-falantes. Ele e mais cinquenta mil pessoas.

Já era difícil lidar com a vulnerabilidade sem pensar em uma tonelada de estranhos indiferentes testemunhando minha confissão. Mas era isso que eu tinha que fazer. Eu havia feito Jude viver no inferno nos últimos meses, e ele tinha caminhado voluntariamente sobre o fogo, sabendo que sairia queimado. Tive que perdê-lo, sentir que me perdia e perdê-lo mais uma vez para entender o que eu queria. E eu queria Jude. O que quer que tivesse que enfrentar, se Jude estivesse ao meu lado, a vida seria boa.

Eu sabia que o que ia fazer agora não compensaria o que o fiz passar. Nada compensaria, mas esperava que esse grande gesto tocasse aquele ponto fraco que ele sempre teve por mim. Jude tinha se exposto muitas vezes antes, sem se importar com o que as pessoas pensariam dele e do que sentia por mim. Agora era minha vez. Era eu quem precisava pedir perdão.

Para começar, tinha que caminhar até a linha das cinquenta jardas.

Fechei os olhos e imaginei o rosto de Jude. Suas várias expressões. Jude gargalhando quando eu tentava ser dura, sorrindo quando eu disse que o amava, a de sofrimento quando fui embora, todas as vezes. Por fim a expressão de

aceitação que eu esperava ver quando dissesse o que precisava ser dito.

Com determinação renovada, abri os olhos e dei o primeiro passo em direção ao campo. Prendi a respiração, esperando que ninguém me tirasse dali ou me imobilizasse com uma arma de choque quando percebessem que eu não tinha um crachá pendurado no pescoço, mas ninguém parecia prestar muita atenção à garota que caminhava para a linha das cinquenta com um microfone na mão.

Mãos que já estavam tremendo na linha das vinte. Meu corpo todo tremia quando alcancei a linha das trinta. Mas, quando dei os últimos passos para a linha das cinquenta, entrei na zona zen. Eu havia saltado, e essa era a pior parte, agora era só curtir a queda livre.

Levantei o microfone e olhei para a torcida. As pessoas começavam a notar minha presença. Fingi que estavam olhando para os meninos que se posicionavam nas linhas laterais com as garrafinhas de água. Olhei para o túnel escuro e balancei a cabeça.

O microfone vibrou. Eu me assustei. Era a primeira vez que segurava uma dessas coisas, e não sabia que isso ia acontecer. Não precisava de um microfone para dançar.

— Oi — comecei, conquistando meu direito ao prêmio de idiota do ano. Esperava que alguém respondesse? Minha voz ecoou pelo estádio.

Eu tinha a atenção de todos. Inclusive dos homens altos com a camiseta preta e a inscrição segurança nas costas.

Lou tinha razão. Eu precisava ser rápida.

— Meu nome é Lucy — continuei, e minha voz falhou. Pigarreei.

Era só fingir que eu estava falando apenas com o Jude.

— E um dia eu me apaixonei por um cara. — O estádio ficou silencioso. Todo mundo se acomodou para o Show da Lucy Larson Apaixonada. — Ele não era exatamente um príncipe de conto de fadas. — Fiz uma pausa, lembrei que precisava respirar. Isso tudo seria inútil, se eu desmaiasse por falta de oxigênio. — Ele não chegou montado em um cavalo branco nem disse as coisas certas na hora certa. Mas ele era meu príncipe. Teria sido o Príncipe Encantado que eu criaria, se escrevesse contos de fadas.

Percebi que dois seguranças pegavam os rádios de comunicação e falavam alguma coisa com expressão severa. “Depressa, Lucy.”

— Esse homem me fez sentir coisas que eu nunca imaginei que alguém poderia sentir. Ele me fez querer coisas

que eu não sabia se poderia ter. E me fez sentir necessidade de coisas de que eu não sabia que precisava.

Minha voz ficava mais forte conforme as palavras iam saindo. Tudo que eu precisava dizer havia tanto tempo finalmente vinha à tona.

— Ele me fez feliz. Ele me deixou maluca. Ele me fez agradecer ao céu pelo dia em que o conheci. E me fez praguejar contra o mesmo céu pelo dia em que o conheci.

Sorri com as lembranças que surgiam.

— Eu estraguei tudo. Ele estragou tudo. Tive certeza de que não poderia viver sem ele. E tive a mesma certeza de que ele ia acabar comigo. Fiquei confusa. — Em cima da linha das cinquenta, eu virei. Fiquei esperando o número dezessete vir correndo em minha direção.

Nenhum rosto sorridente.

Tinha mais coisas pelas quais queria me desculpar. Só esperava que fosse o suficiente.

— Enfrentamos aquela montanha-russa. Sobe, desce, voltas e mais voltas, e quando eu tinha certeza de que o carrinho ia parar e nós poderíamos sair dali de uma vez por todas, repetíamos a mesma jornada. Pensei que não queria mais ser passageira daquele carrinho, por isso, desci. E o deixei lá sozinho.

Dois guardas assentiram falando pelo rádio de comunicação, depois os guardaram e começaram a andar em minha direção. Olhei para o campo novamente.

Onde. Ele. Estava?

— Então nós vivemos uma noite incrível. Pensei que tudo ia ficar bem. Mas a dúvida voltou, e tive certeza de que nada ia dar certo. Por isso o deixei. De novo. E o magoei. — Uma lágrima solitária escorreu por meu rosto.

Ignorei os guardas que se aproximavam de mim. Olhei para a arquibancada. Vi mais rostos solidários que críticos.

Parece que não fui a única pessoa a fazer bobagem no amor.

— Mas em uma manhã, depois de mais uma noite de insônia e um bule de café, alguém me fez entender algumas coisas. Obrigada, mãe — falei, acenando para a câmera que me acompanhava. — Percebi que nunca descii de verdade daquela montanha-russa, mesmo que não estivesse sentada ao lado desse cara. E prefiro fazer essa viagem maluca pela vida com ele ao meu lado.

Respirei fundo e acelerei a conclusão, porque teria dez segundos, no máximo, antes de ser levada para fora do campo. Esperava que não me algemassem.

— Não vou mais embora. Não vou mais questionar se a gente pode dar certo, Jude.

A torcida reagiu ao perceber que era de seu adorado *quarterback* que aquela garota maluca estava falando.

— Não vou mais fingir que um dia vou poder amar outra pessoa como eu te amo. Sei que demorei um pouco, mas agora eu sei. Nasci para te amar. Nasci para dividir minha vida com você. Estou reescrevendo o conto de fadas para que nós dois possamos fazer essa jornada juntos. — Parei mais uma vez para respirar e olhar para o campo.

Ele não vinha. Mesmo que estivesse em algum lugar no fundo do estádio, já poderia ter aparecido, se quisesse. Nada impedia Jude de fazer o que queria. A possibilidade de eu não ser mais o que ele queria me destruía.

Lutei contra o medo. Estava cansada de viver dominada por ele.

— Amo você, Jude Ryder. Cansei de deixar isso me amedrontar. Não vou mais a lugar nenhum.

Um dos guardas parou na minha frente e pigarreou.

— Sim, mocinha, acho que vai.

Não era assim que eu tinha imaginado as coisas. Mostrei o dedo do meio para a vida, que agora ria de mim com aquele ar de quem sabe tudo.

— Eu fico com isso — continuou ele, pegando o microfone da minha mão. — Por favor. — E apontou o caminho por onde eu deveria sair do campo.

O outro guarda parou ao meu lado, também esperando que eu me mexesse. Nenhum deles ameaçava me algemar, pelo menos. Olhei para o campo pela última vez e senti meu coração, já castigado, se partir pela última vez.

Estava acabado. Ele nunca mais se partiria. Se Jude não me queria mais, eu nem precisava mais de um coração.

Fazendo um esforço para manter a cabeça erguida, acompanhei um dos guardas, enquanto o outro andava ao meu lado. O estádio voltou a ficar silencioso, e eu sentia os olhares de toda aquela gente em mim, enquanto eu era escoltada para fora do campo depois de ter desnudado minha alma.

Alma que deixei lá atrás para morrer.

Meu futuro passava como um raio por minha cabeça quando entramos no túnel escuro, que parecia vazio e sem vida. Meu futuro sem Jude, um futuro para o qual eu não ia querer acordar todos os dias.

Eu estava no meio do túnel, no ponto em que ele era mais escuro, quando alguma coisa vibrou ganhando vida no estádio. Eu me assustei como havia me assustado na

primeira vez. Os dois guardas pararam, como eu, mas não sorriram, como eu.

— Lucy Larson?

A voz que eu não poderia amar mais sem ser declarada mentalmente incapaz ecoou pelo estádio.

— Pode voltar aqui? Preciso te perguntar uma coisa.

Os guardas bufaram. Senti uma vertigem e quase gritei, e Lucy Larson não era mulher de vertigens.

— Prontos para a viagem de volta, rapazes? — perguntei.

Quando saí do túnel correndo, a iluminação do estádio me ofuscou por um momento, mas um lampejo de cores laranja e branco em cima da linha das cinquenta jardas chamou minha atenção. Jude estava lá, com o capacete ao lado dos pés e os olhos cravados em mim.

Seu rosto não revelava nada, mas eu não me importava se ele estava ali para acabar comigo na frente de todo mundo ou se planejava fazer amor comigo ali no campo. Não daria as costas para ele outra vez.

Disse a mim mesma para andar, pôr um pé na frente do outro, mas não conseguia. Comecei a correr. Cinquenta metros nunca tinham parecido uma distância tão grande, e

eu nunca tinha querido nada como queria chegar naquela linha.

A torcida não estava mais em silêncio. As pessoas gritavam e aplaudiam. Mas a única coisa que eu notava era o homem que me observava com tanta intensidade, que eu podia sentir esse olhar radiando dele em ondas.

Diminuindo a velocidade, parei antes de me jogar nos braços de Jude. Porque, pela primeira vez, aqueles braços não estavam abertos para mim.

— Foi um superdiscurso, Luce — disse ele, e seu rosto finalmente ganhou um sorriso. Um sorriso quase idêntico àquele da praia, no dia em que ele me conheceu.

— Estava imaginando até onde me deixaria ir — respondi, lembrando a conversa que tivemos naquele dia do encontro na praia.

Quando me apaixonei por um garoto destruído que tinha conseguido me deixar inteira de novo em algum ponto do caminho.

— Até onde acha que ainda poderia ir antes de chegar ao fim do mundo? — O sorriso se tornou mais largo.

— Acho que já passei dele há algum tempo. — Eu havia ultrapassado essa marca tinha tanto tempo, que nem conseguia mais sentir meus pés em terra firme.

Jude deu um passo em minha direção, apoiou uma das mãos no meu quadril.

— Bom que tenha se agarrado àquela corda de que eu disse que íamos precisar quando o chão se abrisse.

Eu sorri ao ver sua expressão ficar mais leve.

— Sim, muito bom. — O calor da mão dele derretia qualquer confusão, dúvida ou incerteza que eu ainda pudesse ter. — Você não queria me perguntar alguma coisa? — Levantei uma sobrancelha e olhei para a torcida e para as câmeras apontadas para nós. — Acho que temos mais uns cinco segundos antes de alguém chamar a SWAT.

Jude respirou fundo, e vi um brilho novo em seus olhos, uma luminosidade que parecia ser de... nervoso?

— Não era assim que eu tinha planejado isso — disse ele, ao microfone, e um lado de sua boca se ergueu —, mas imagino que combina com a gente, Luce.

— A concussão soltou algum parafuso? — provoquei, me divertindo com seu desconforto.

— Não, continuo vendo tudo tão claro quanto via antes — respondeu ele, puxando a corrente em seu pescoço. — E já é hora de você ver também.

Jude jogou o microfone para o lado e recuou um passo. A torcida explodiu em gritos e vaias na mesma medida.

Então, respirando fundo, Jude se ajoelhou no campo. Um joelho só.

Droga. Meus joelhos ameaçavam se juntar ao dele.

Jude tirou a corrente do pescoço. Tinha um anel pendurado nela.

— Sei que sou um desastre, e Deus sabe que não tem nada que eu possa fazer para te merecer — começou ele, segurando minha mão na dele depois de tirar o anel da corrente. Eu não conseguia encher os pulmões, não sentia as pernas me sustentando, mas sentia a mão dele na minha. E ele me mantinha firme. — Mas eu quero você, Lucy Larson. Muito. Quero para sempre. O que eu sinto por você não é do tipo de coisa que desaparece. — Sua testa estava franzida, os olhos tinham um brilho metálico. — Acaba com meu sofrimento. Faz de mim o homem mais torturado e mais feliz do mundo. Casa comigo?

Jude Ryder. O homem que eu amava. O homem sem o qual eu não poderia viver. Meu marido.

Sim, fazia sentido.

— Por que não? — respondi, e nunca me senti mais segura de outra coisa em toda minha vida.

O rosto dele era a imagem do alívio. E da mais pura e irrestrita alegria.

— Isso foi um sim? — perguntou ele, já colocando o anel em meu dedo. Eu nem olhei para o anel. Podia senti-lo ali, um pedaço de metal frio sobre minha pele, mas não precisava vê-lo para sentir sua promessa. Podia ter um milhão de quilates. Podia ter vindo de uma máquina de pescar brinquedos. Não fazia diferença.

Porque eu tinha Jude.

Para sempre.

— Não. — Puxei a mão dele para colocá-lo de pé. — Foi um “por que demorou tanto tempo, Ryder”. Foi um sim, um milhão por cento sim. Agora vem aqui e me beija. — Eu sorria como uma boba.

Ele me abraçou e me puxou contra o corpo.

— Sim, senhora.

Quando o envolvi com as pernas, ele me levantou e entrelaçou os dedos nos meus cabelos.

— O nome é Jude Ryder, já que logo vai ser minha esposa. Eu não namorava, não mandava flores e não me envolvia em relacionamentos. Então conheci você, e desse jeito não serviu para você. Mudei por sua causa. E você também mudou por mim — disse, me levando ao passado e me mantendo no presente. Quando olhei nos olhos dele e senti seus lábios nos meus, também senti o futuro. Era

surreal. Do tipo verdadeiro que poucas pessoas conhecem. Eu estava ali, vivendo esse futuro. Jude afastou os lábios dos meus e deslizou os dedos por meu rosto. — E nós construímos uma coisa especial.

— Nós não construímos só uma coisa especial — respondi, beijando o canto de sua boca. — Construímos um milagre.



LEIA O PRIMEIRO CAPÍTULO
DO PRÓXIMO LIVRO, *CRUSH*

UM

Para cima, para baixo. Voltas e voltas. Começo e recomeço. Esse era nosso padrão. Esse era nosso mundo. Com um cara como Jude Ryder ao meu lado, os baixos da vida eram mais baixos e os altos eram mais altos. Essa era nossa realidade, nossa história... nossa história de amor. Brigamos. Fizemos as pazes. Erramos. Pedimos desculpas. Vivemos. Aprendemos. Jude e eu cometemos muitos erros em nosso relacionamento, mas uma coisa sempre acertamos: o amor que temos um pelo outro.

Essa era minha vida.

E sabe de uma coisa?

A vida era muito boa.

Apesar de eu não fazer a menor ideia de onde estava.

— O que está fazendo? — sussurrei para Jude, enquanto ele me levava para dentro do buraco negro.

— Uma coisa que você adora — ele respondeu, afagando meu ombro enquanto me guiava. O salto alto começou a fazer um barulho que ecoava à minha volta.

Estávamos em um túnel, mas que tipo de túnel era algo que eu nem imaginava, porque Jude me fez fechar os olhos no momento em que abri a porta naquele fim de tarde. Depois de passar boa parte da noite de sexta-feira em movimento dentro de sua velha caminhonete, eu havia perdido a noção de direção de todos os jeitos possíveis.

Considerando que Jude Ryder era meu noivo, eu já havia perdido o rumo há alguns anos, mas hoje estava especialmente perdida.

Esse túnel tinha fim? Quanto mais andávamos por ele, mais alto era o eco de nossos passos.

— Tem alguma coisa de ilegal nisso? — perguntei, sem saber se queria mesmo ouvir a resposta.

— Essa pergunta é alguma pegadinha? — ele retrucou com um tom bem-humorado.

— Essa resposta é alguma pegadinha?

Ele não respondeu imediatamente. Em vez disso, senti sua boca aquecer a pele na base do meu pescoço. Uma expiração completa, uma inspiração completa, lenta, profunda e sufocante, depois os lábios tocaram uma área da pele mais quente.

Tentei não reagir, como se o contato não me deixasse completamente maluca, mas, mesmo depois de anos juntos,

Jude ainda conseguia me derrubar com um toque. Minha pele arrepiava, um arrepio que se estendeu por minhas costas quando a boca se afastou de mim.

— Hoje, a noite vai ter alguns pontos altos que podem ser considerados ilegais nos estados do Cinturão Bíblico — ele disse com a voz baixa e cheia de desejo. Não tão rouca como quando precisava de mim imediatamente. Ainda era suficientemente contida para eu saber que ele não ia me jogar contra a parede mais próxima e começar a levantar minha saia antes de darmos o próximo passo. — Isso responde à sua pergunta?

— Não — falei, fingindo estar controlada. Tentando passar a impressão de que um beijo não tinha feito meu estômago se contrair de desejo. — Não responde. Vamos tentar de novo... — Pigarreei, lembrando que ainda estava simulando autocontrole. — Ao final desse corredor sem-fim por onde está me levando, vamos invadir uma propriedade ou esse lugar onde vamos parar, seja ele qual for, tem alguma coisa que possa ser considerada ilegal, caso a gente seja processado?

Ele não fez barulho nenhum, mas eu sabia que estava tentando sufocar o riso. Uma daquelas risadas baixas e

roucas que vibravam no meu corpo quando ele estava colado em mim.

— Agora que colocou as coisas nesses termos... — Ele me fez parar de repente. As mãos deixaram meus ombros e tocaram meus olhos fechados. — Sim. Pode ser. Mas primeiro eles teriam que pegar a gente. Abre os olhos, baby.

Pisquei algumas vezes para ter certeza se era real aquilo que eu estava vendo.

Depois de piscar mais meia dúzia de vezes, consegui ter uma convicção razoável de que meus olhos não estavam me enganando.

Estávamos dentro do Carrier Dome, na boca de um dos túneis. Mas era um Dome como eu nunca tinha visto, desde os últimos três anos em que assisti a quase todos os jogos. No centro do campo, bem na linha das cinquenta jardas, havia um cobertor estendido e o que parecia ser uma cesta de piquenique em um canto. Potes transparentes com velas brancas haviam sido espalhados em cima do cobertor. Tudo era quieto, silencioso e sereno – três palavras que não são usadas para descrever uma arena de futebol universitário.

Também não era o lugar que uma garota espera que o noivo a leve para uma grande surpresa para a qual ele sugeriu que ela se vestisse com capricho.

Sorri.

Não era o que eu esperava, mas era exatamente o que eu queria.

— O que você acha? Vale a pena correr o risco do “ilegal”? — ele perguntou, passando os braços em volta da minha cintura e apoiando o queixo em cima do meu ombro.

Eu não conseguia desviar o olhar da cena iluminada por velas. Um piquenique na linha das cinquenta jardas.

Eu sabia que esse não era um dos dez encontros mais sonhados pelas mulheres, mas era o número um na lista desta mulher aqui.

— Só é ilegal se pegarem a gente — respondi, virando a cabeça para ele poder ver meu sorriso, antes de me soltar e correr em direção ao cobertor.

Essa era a primeira vez que entrava no campo desde que Jude e eu havíamos ficado noivos em nosso primeiro ano de faculdade, mas era como se só alguns dias tivessem passado. Descobri mais um clichê da vida durante meu relacionamento com Jude: quanto mais feliz você está, mais depressa o tempo passa. A vida é bem filha da mãe, já que quem está feliz é recompensado pela sensação de que ela é mais curta. Vida breve ou longa, não importa, eu não ia desistir de Jude de um jeito ou de outro.

Na linha das vinte e cinco jardas, eu virei e continuei correndo de costas. Jude ainda estava na boca do túnel, me admirando e sorrindo para mim, parecendo tão apaixonado por mim quanto no dia em que declarou seu amor. Aquele olhar, mais que qualquer outro, me pegou de todos os jeitos que o olhar de um cara deve “pegar” sua garota.

Conferi a arquibancada para ter certeza de que estávamos sozinhos. Tudo ali era muito exposto, o que me deixava nervosa, mas quantas vezes uma garota poderia dizer que havia estado com o *quarterback* universitário número um do país bem na linha das vinte e cinco jardas?

Sim, era uma oportunidade única, e eu não ia deixar passar.

Respirei fundo, segurei a barra do suéter e comecei a levantá-lo bem devagar.

A expressão de Jude mudou instantaneamente. Linhas profundas surgiram em sua testa, e um canto de sua boca tremeu.

Levantei uma sobrancelha e puxei o suéter para cima, tirei-o e joguei na grama. Sentia a adrenalina pulsando. A antecipação de ter Jude comigo provocou a descarga, e a excitação de estar ali me fazia decolar.

Levei os braços às costas e abri o sutiã. Ele se soltou e deslizou pelos braços, indo se juntar ao suéter no chão.

Jude não olhava mais para o meu rosto.

Ele umedeceu os lábios e começou a andar em minha direção.

Voltei a andar de costas, sorrindo para ele de um jeito provocante. Ia me divertir com ele, prolongar esse momento e retribuir o que ele sempre fazia comigo.

Jude parou assim que comecei a me mover, olhando para mim como se soubesse exatamente que jogo eu fazia, como se amasse e odiasse ser uma peça dele.

Parei para tirar os sapatos, encaixei os polegares na cintura da minha saia e a empurrei para baixo, levando a calcinha com ela. Deixei saia e calcinha caírem em torno dos tornozelos.

Os olhos de Jude foram descendo, o peito arfando visivelmente, mesmo de onde eu estava, a trinta metros dele. Quando os olhos voltaram a encontrar os meus, eram escuros e expressavam só uma emoção.

Absoluta necessidade.

Seu corpo entrou em ação e ele correu em minha direção, como corria quando estava jogando. Virei e, rindo, fugi dele.

Era inútil tentar fugir de Jude, tanto agora quanto na vida de modo geral.

Jude sempre me pegou. Às vezes me dava alguma vantagem no início, mas nunca me deixava ir muito longe.

Dessa vez, mal cheguei à linha de dez jardas antes de sentir os braços fortes dele me envolvendo. Um grito de surpresa interrompeu minha risada quando ele me puxou contra o corpo. Jude não só conseguiu cobrir trinta jardas, no tempo que eu tinha levado para cobrir um terço dessa distância, como tirou a camisa enquanto corria. O calor que emanava de seu peito aquecia minhas costas, e o movimento dos músculos quando ele respirava esquentava todo o resto.

— Vai a algum lugar? — Ele aproximou a boca do meu pescoço, e inclinei a cabeça para aumentar a área exposta.

— Qualquer lugar — respondi, deixando a cabeça cair para trás quando a boca deslizou pelo arco do meu pescoço.
— Desde que você vá comigo.

Senti o sorriso na pele. As mãos dele escorregaram para baixo, parando no meu quadril.

— O que acha desse “qualquer lugar” ser o cobertor logo ali?

Tudo ao sul do meu umbigo enrijeceu.

— Acho que você vai continuar tentando me convencer, se eu não tiver muita certeza — eu disse, deslizando as mãos por seus braços e parando para entrelaçar os dedos nos dele sobre meu quadril.

Jude pressionou o corpo contra minhas costas.

— Tem toda razão — falou, deslizando nossas mãos juntas por cima da minha barriga enquanto nos guiava para o cobertor. As mãos continuaram subindo até um seio.

Mordendo de leve a pele do meu pescoço, ele continuou andando até estarmos entre as velas acesas. Na beirada do cobertor, Jude me virou. Com a boca entreaberta, ele inspirou algumas vezes com movimentos rápidos. A expressão era torturada. A mesma que surgia sempre que ele não podia me ter com a rapidez que queria.

Era uma expressão que eu tentava saborear, porque nunca durava muito. Eu só conseguia conter Jude por um tempo antes de ele, eu mesma ou nós dois desistirmos de tentar prolongar o inevitável.

— Porra, Luce — ele suspirou, afagando meu rosto com a mão. — Você é linda.

Eu sorri. Não tanto pelo que ele disse, mas pela forma como disse. Jude expressava suas emoções e intenções com

palavras e expressões que prejudicavam a saúde do coração de uma mulher.

— Se está tentando me convencer com preliminares — respondi, levantando os braços para enlaçar o pescoço dele —, vai ter sorte independentemente do que disser ou fizer, por isso pode guardar as frases carinhosas para um momento em que eu estiver muito brava e você estiver tentando me levar para a cama para fazer as pazes.

Ele riu, e os olhos cinzentos escureciam a cada toque.

— Não me lembro de ter tido que falar palavras carinhosas para te levar...

— Ah, cala a boca — interrompi e sorri para ele.

Um canto de sua boca subiu um pouco mais.

— Por que não vem calar? — Jude desafiou olhando para a minha boca.

Pressionei ainda mais o corpo contra o dele e deixei os dedos descerem pelo abdome plano até o zíper do jeans. Abri o botão e escorreguei a mão para dentro da calça enquanto os lábios cobriam os dele, de onde escapava um gemido.

Foi assim que o fiz calar a boca.

1 "Hey Jude", Paul McCartney, John Lennon; Apple, 1968.

2 "Eye of the Tiger", Jim Peterik, Frankie Sullivan; Volcano Records,
1982.

Suspirando, passei as duas mãos no rosto dele.

— Jude Ryder. O que eu faço com você? — perguntei.

Essa era, talvez, a questão para acabar com todas as questões. Nada era fácil no nosso relacionamento. Bom, nada além de nos apaixonarmos perdidamente um pelo outro. Todo o resto era como travar uma batalha subindo uma montanha. A gente nunca sentia que estava progredindo, mas a jornada compensava o pouco território percorrido.

Jude me segurou pelo quadril e pôs no chão. Depois me virou, e seus dedos soltaram as fitas dos últimos passantes. As mãos mal tocavam minha pele, mas o “mal tocavam” provocava explosões de calor dentro de mim.


— O que vou fazer com você, Luce?




©divulgação

NICOLE WILLIAMS se define como dona de casa, mulher, mãe e escritora. Autora best-seller dos jornais *The New York Times* e *USA Today*, ela se dedica aos romances porque acredita em amor verdadeiro, almas gêmeas e finais felizes. Ativa nas redes sociais, adora interagir com seus leitores.

 [authornicolewilliams](#)

 [nwilliamsbooks](#)

 [authornicolewilliams.com](#)

Certas coisas não mudam nunca: Jude e Lucy sentem uma paixão intensa e avassaladora um pelo outro, e brigam com a mesma intensidade.

Cada vez mais incomodada com os holofotes em Jude – e com a quantidade de mulheres em torno dele –, Lucy quer segurar seu bad boy enquanto treina para ser a melhor bailarina de sua turma. Alguma coisa está prestes a dar errado... e não vai demorar.

Como ela pode viver sem o garoto que ama? Como ela pode viver consigo mesma se desistir de seus sonhos? Se não fizer a escolha certa, Lucy pode acabar perdendo tudo.


“Jude não era só meu primeiro amor.
Ele era meu amor eterno.” – Lucy



 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil


 planetadelivros.com.br

LIVRO I DA TRILOGIA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES

NICOLE WILLIAMS

CRASH

QUANDO A PAIXÃO EXPLODE

 essência

Crash

Williams, Nicole

9788542210668

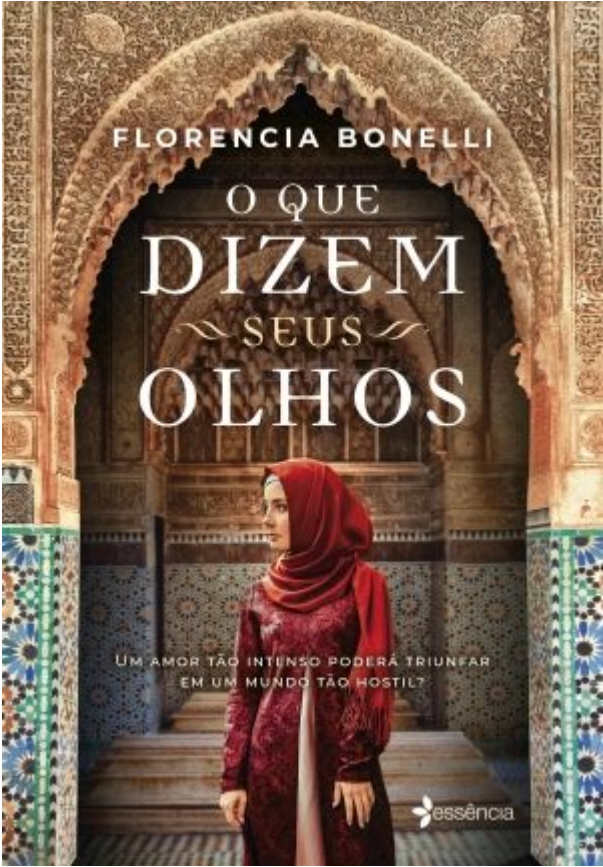
219 páginas

[Compre agora e leia](#)

Para a adolescente Lucy, nada é mais importante que o balé. A dança a transporta para um mundo onde a dor, as lembranças ruins e a violência não existem. Um mundo só dela. Um dia, porém, aquela garota certinha é obrigada a mudar de escola. E é nesse novo ambiente, repleto de descobertas e inseguranças, que conhece um garoto que só usa cinza e vive com uma toca de lã na cabeça. Jude, o maior bad boy da escola, é lindo e seria o sonho de toda garota, e talvez até o genro que todo pai pediu a Deus... se não tivesse sido preso várias vezes e não morasse num abrigo para garotos desajustados. Lucy não liga para a opinião dos outros: o mais importante é o que Jude sente por ela. E o rapaz

parece disposto a abrir seu coração, ainda que um segredo que assombra o passado e o presente dos dois esteja prestes a estraçalhar essa paixão.

[Compre agora e leia](#)



FLORENCIA BONELLI

O QUE
DIZEM
SEUS
OLHOS

UM AMOR TÃO INTENSO PODERÁ TRIUNFAR
EM UM MUNDO TÃO HOSTIL?

assência

O que dizem seus olhos

Bonelli, Florencia

9788542213560

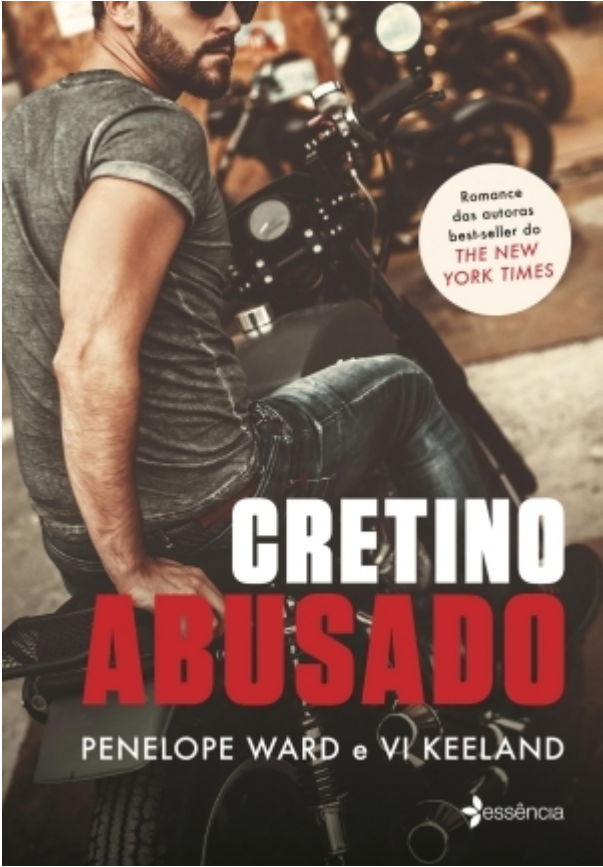
368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Córdoba, Argentina, 1961. Apesar de sua origem humilde, Francesca De Gecco conseguiu ter uma sólida educação. Sua carreira começou no jornal dirigido por seu rico padrinho e mentor, mas seus planos de se tornar uma jornalista de sucesso foram interrompidos pela história de um amor impossível. Após sofrer uma terrível desilusão que só o tempo e a distância poderiam curar, seu tio consegue um emprego para a jovem em uma embaixada distante, e Francesca se muda para Genebra. No entanto, essa cidade será apenas a primeira parada de uma viagem muito mais longa. Ao redor do mundo, nos palácios mais deslumbrantes dos desertos do Oriente

Médico, Francesca terá uma segunda chance de ser feliz.

[Compre agora e leia](#)



Romance
das autoras
best-seller do
**THE NEW
YORK TIMES**

CRETINO ABUSADO

PENELOPE WARD e VI KEELAND

essência

Cretino Abusado

Ward, Penelope

9788542211610

217 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após ser traída pelo ex-namorado – chefe da firma de advocacia em que trabalhava – Aubrey decide que precisa de um recomeço. Deixa tudo para trás e aceita um emprego em uma startup na Califórnia, Estados Unidos, e parte em uma viagem de carro que mudará toda a sua vida. Em uma parada na estrada, Aubrey conhece Chance, um homem atraente que viajava de moto. Com o corpo perfeito e sotaque australiano, o ex-jogador de futebol era bem convencido e arrogante. Quando sua moto quebra, Chance precisa da ajuda de Aubrey. Ele promete levá-la em segurança até seu destino em troca de uma carona, e os dois decidem seguir viagem juntos. Aubrey está traumatizada após seu

último relacionamento, mas sente uma atração incontrolável por aquele cretino abusado. Apesar da ligação cada vez mais forte entre os dois, Chance guarda um segredo que poderá separá-los para sempre.

[Compre agora e leia](#)

MEGAN MAXWELL

Pela lente do amor



Pela lente do amor

Maxwell, Megan

9788542206203

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

NOVO LIVRO DE MEGAN MAXWELL Ana Elizabeth troca o luxo e a riqueza da sua aristocrática família londrina pelas "calles" madrilenas, em busca do seu sonho: ser fotógrafa. Dona do seu nariz, ela monta com a amiga Nekane um estúdio fotográfico na capital espanhola e segue seu caminho de sucesso. No dia em que o prédio onde trabalham enfrenta um incêndio, Ana conhece Rodrigo, um dos bombeiros que atendem ao chamado da ocorrência. A troca de olhares aquece não só o corpo da fotógrafa, mas também seu coração e ela se entrega à inusitada amizade – com benefícios – que nasce entre eles. Apesar de cúmplices, um balde de água fria vai comprometer a liga dessa relação, quando Rodrigo –

um mulherengo de carteirinha – descobrir que sua querida Ana está grávida de um turista suíço que passou por sua vida sem passagem de volta e de quem ela só sabe o nome. E o que dirá sua pomposa família quando souber que ela está grávida de um desconhecido e é amante de um bombeiro pobretão? Só a leitura do livro revelará!


[Compre agora e leia](#)

Desculpa, eu te amo

Best-seller do *New York Times*

Trilogia *O Amante*

Jodi Ellen Malpas

 assência

Desculpa, eu te amo

Ellen Malpas, Jodi

9788542205725

476 páginas

[Compre agora e leia](#)

O final da trilogia O amante. A saga de Ava O'Shea e Jesse Ward chega ao fim no mais romântico, mas não menos picante, dos três livros que compõe essa trilogia erótica, best-seller mundial. O segundo volume da série termina com o belo e rico empresário se ajoelhando e pedindo a decoradora em casamento. No entanto, o futuro cor-de-rosa não se concretiza de pronto e, apesar de uma sofisticada e bela cerimônia de casamento no libidinoso Solar, o casal se separa novamente. E isso é só o começo deste terceiro e último livro da trilogia O Amante. Um "fantasma" do passado de Ward voltará a aterrorizá-lo e não só irá comprometer o sonhado final feliz ao lado de Ava, como também colocará em risco a vida

dos dois, numa sequência fabulosa de percalços, com direito a ameaças anônimas e perigosas perseguições automobilísticas pelas ruas de Londres. Será que os dois vão ter seu sonhado final feliz?"

[Compre agora e leia](#)